



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES

Nattachy Nackitta Alves da Silva

O Culto à deusa Hécate no Brasil Contemporâneo e os Novos Movimentos Religiosos (NMRs).

MACEIÓ, 2024

Nattachy Nackitta Alves da Silva

O Culto à deusa Hécate no Brasil Contemporâneo e os Novos Movimentos Religiosos (NMRs).

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes – ICHCA da Universidade Federal de Alagoas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof. Dra. Irinéia Maria Franco dos Santos.

MACEIÓ, 2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário Responsável: Jorge Raimundo da Silva – CRB - 1528

S586c Silva, Nattachy Nackitta Alves da.
O Culto à deusa Hécate no Brasil Contemporâneo e os Novos Movimentos Religiosos (NMRs) / Nattachy Nackitta Alves da Silva, 2024.
158 f.

Orientadora: Irinéia Maria Franco dos Santos.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 130-137.

1. Culto a Hécate – Brasil. 2. Novos Movimentos Religiosos (NMRs).
3. Pluralismo Religioso. 4. Neopaganismo – Brasil. I. Título.

CDU: 29(813.5)

Dedico este trabalho a toda a comunidade Hekatina Brasileira Contemporânea, a meus filhos Joana e Daniel, e a grande deusa Hékate que guiou os meus passos até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a minha orientadora Profa. Dra. Irinéia Maria Franco dos Santos, que me instruiu durante esse estudo, compartilhando de sua vasta experiência na área, e me conduzindo gentilmente durante todo esse processo; tal como Hécate conduziu a jovem Perséfone por entre os mundos, compartilhando com ela seu grandioso conhecimento liminar.

Ao Dr. Fabrício Bezerra, devoto fiel da deusa Hécate assim como eu, que foi meu suporte psicológico durante o processo emocional que se fez presente em minha vida no decorrer da elaboração desse estudo, me amparando cortesmente quando ninguém mais estava lá, me auxiliando na composição dos ritos em anexos, na escrita pontual de alguns parágrafos, e em muitos outros momentos com suas críticas construtivas e direcionamentos precisos, ambos correspondentes a sua intelectualidade.

À minha grande amiga Profa. Eletrícia Pinheiro que sempre incentivou meu retorno a comunidade acadêmica, quando eu acreditava que já era algo distante e impossível.

À minha mãe Profa. Josenita Maria (tia Melry) e a meu pai e meu melhor amigo Olberto Alves, por me possibilitarem, a essa altura da vida, o suporte material necessário para realização desse estudo, voltando a sonhar com uma carreira acadêmica futura.

À minha tia e melhor amiga Gilvane Silva por me amparar materialmente, incentivar e vibrar com todas as minhas conquistas pessoais e acadêmicas.

À minha querida tia do Recife, Joseane Silva, por sempre me apoiar, principalmente nos estudos.

À minha amiga Diciola Farias, pelo suporte emocional em muitos momentos de dificuldades passados durante o presente ano.

À querida autora Márcia Silva por sua gentileza em compartilhar importantes fontes referentes à deusa Hécate no início desse projeto, quando eu ainda estava perdida meio a tantas narrativas modernas.

À querida Francine Derschner, Torchbearer do Santuário de Hécate Hegemonen e uma grande referência para mim como devota e pesquisadora da deusa Hécate, por compartilhar fontes importantes sobre a historiografia dessa divindade,

além de me orientar pelos caminhos sagrados de Hécate com a sua vasta experiência de devoção à deusa.

À turma de estudos do Círculo de Dadofhoros 22/23 pelas importantes trocas que foram de extrema importância para a construção desse estudo inicial.

À toda a comunidade Trívia de Hécate, em especial ao seu fundador Jack Witcher, por sempre compartilhar suas reflexões sobre os textos antigos, e por toda sua gentileza e apoio durante essa investigação.

A todo o grupo Hécateia, em especial a irmã em Hécate Kezia, por toda a sua contribuição, a nível de conhecimento e pertencimento.

Agradeço imensamente à devota Jesi de Hécate, por compartilhar cuidadosamente toda a sua experiência pessoal e sincrética dentro do culto à deusa Hécate no Brasil, abrindo para mim um novo viés de investigação, carregado de múltiplas possibilidades.

Ao amigo e Satanista Edivan Figueiredo por suas inúmeras contribuições durante minha busca por fontes antigas de difícil acesso.

Ao Tear das Feiticeiras, em especial a irmã Bárbara Syrinxsy Corax por todo o seu apoio e troca durante essa investigação, e por toda a sua luta a favor da liberdade religiosa neopagã, no cenário brasileiro contemporâneo.

Ao Coletivo Respeita as Bruxas da Quebrada, em especial à querida Mariana Leal, por ser um dos meus primeiros contatos com a egrégora Hekatina brasileira, sempre me apoiando e vibrando a cada nova descoberta; além de contribuir grandiosamente com o trabalho musical de devoção à deusa Hécate, dentro de nossa comunidade.

Ao Santuário de Hécate, em especial a fundadora Liliáh Ambrósio, por compartilhar experiências, além do incrível trabalho que realiza em devoção a grande deusa Hécate, que se configura como um divisor de águas na vida dos devotos Hekatinos brasileiros contemporâneos.

A toda a comunidade Caminho Hecatino, por ser um espaço brasileiro de representatividade e diálogos constantes relacionados à deusa Hécate.

À Sacerdotisa Ourânia, irmã Hekatina de longa data, por auxiliar na composição dos ritos em anexo.

À professora, arqueóloga, bruxa e devota Hekatina Fátima Oliveira, por compartilhar seus registros relacionados ao deipnon de Hécate.

Ao *Covenant of Hécate* por me receber como membro, e me proporcionar uma base sólida de aprendizado sobre a deusa.

À querida Ozlem Ertan, arqueóloga turca, que compartilhou gentilmente informações importantíssimas sobre a relação da deusa Hécate com os povos antigos da Anatólia, possibilitando um leque variado de conotações dentro desse estudo.

Ao querido Valdir Callegari por todo o seu trabalho voltado ao Neopaganismo no Brasil, as suas pesquisas e contribuições iniciais relacionadas à deusa Hécate, e por solícitamente compartilhar suas experiências e seu acervo pessoal para a elaboração deste estudo.

Ao Núcleo de Estudos da Religião na Educação e Sociedade (NERES) do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), em especial ao Prof. Dr. Hugo Brandão, por compartilhar referências bibliográficas cruciais para o desenvolvimento dessa pesquisa, além de auxiliar com sua vasta experiência durante o processo de aprendizagem da escrita acadêmica.

A todos os membros do Laboratório de História e Estudo das Religiões (LHIER) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), por todo o aprendizado compartilhado, e por serem uma grande fonte de inspiração durante a construção dessa investigação.

Ao saudoso Prof. Dr. Dárcio de Melo, por ter sempre me incentivado a cursar a Licenciatura em História da UFAL, e ter me auxiliado materialmente durante o processo inicial de matrícula e documentação.

À Musa Hesíodica e historiadora Clio, por sempre me inspirar durante a produção textual.

E por fim, a grande deusa Hécate, por ter guiado meus passos durante a construção desse trabalho.

*“De encruzilhada em encruzilhada, os portadores da tocha, e os portadores da chave de seus mistérios, sempre encontrarão uns aos outros”.
(Rito dos Seus Fogos Sagrados, Sorita D’este, 2010).*

RESUMO

O presente estudo busca compreender a emergência do culto à deusa Hécate como um novo movimento religioso presente no contexto brasileiro. Advindo do novo paganismo, essa manifestação religiosa busca reformular as práticas de culto a Hécate oriundas da antiga cidade de Stratonikeia e do santuário de Lagina, nos séculos XX e XXI. Caracteriza-se esse culto como um “novo movimento religioso” ou NMRs, na medida em que os NMRs se constituem, principalmente, como agrupamentos religiosos diferentes dos tradicionais, que buscam novos tipos de vivências religiosas e são provenientes dos processos de secularização e pluralismo religioso, novas vivências possibilitadas pela modernidade e pelo desenvolvimento capitalista. A partir da História Social, o presente trabalho se propõe a estipular uma discussão historiográfica sobre o Culto a Hécate no Brasil Contemporâneo, problematizando, principalmente, quem são os sujeitos históricos que compõem esse novo tipo de manifestação religiosa, suas relações interpessoais, suas práticas de culto em solo brasileiro e suas principais influências.

Palavra-chave: Hécate no Brasil. Novos Movimentos Religiosos. Neopaganismo.

ABSTRACT

The present study seeks to understand the emergence of the cult of the goddess Hekate as a new religious movement present in the Brazilian context. Coming from the new paganism, this religious manifestation seeks to reformulate the practices of worship of Hekate originating from the ancient city of Stratonikeia and the sanctuary of Lagina, at the heart of the 20th and 21st centuries. It characterizes this cult as a “new religious movement” or NMRs, insofar as the NMRs are constituted, mainly, as religious groupings different from the traditional ones, which seek new types of religious experiences and come from the processes of secularization and religious pluralism, new experiences made possible by modernity and capitalist development. From Social History, the present work proposes to stipulate a historiographical discussion about the cult of Hekate in contemporary Brazil, problematizing, mainly, who are the historical subjects that make up this new type of religious manifestation, their interpersonal relationships, their practices of cult on Brazilian soil and its main influences.

Keyword: Hekate in Brazil. New Religious Movements. Neopaganism.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Hékate Brasileira.	15
Figura 2 – Mapa da região clássica da Cária.	25
Figura 3 – Estátua de Hékate Triformis-Leiden-Holanda.	28
Figura 4 – Hékate, ou A Noite da Alegria de Enitharmon - William Blake -1795.....	40
Figura 5 – Capa do livro “Os três Caminhos de Hékate”.	46
Figura 6 – Mapa das comunidades locais envolvidas com Stratonikeia.	49
Figura 7 – O Mal de Antíoco, ou Antíoco e Stratonike.	50
Figura 8 – Dracma de prata de Stratonikeia com busto de Hékate.....	52
Figura 9 – Ruínas do Santuário de Zeus Panamaros no topo da colina Asar Tepe..	54
Figura 10 – Ruínas do Santuário de Zeus Panamaros, Yatagan, Turquia.....	55
Figura 11 – Ruínas do Santuário de Hékate em Lagina, Turquia.....	56
Figura 12 – Plano do complexo do santuário de Hékate em Lagina séc. I a.C.	57
Figura 13 – Representação de Hékate em Stratonikeia, Turquia.	59
Figura 14 – Encenação da Hekatésia-Romaia em Lagina.....	62
Figura 15 – Primeira palestra sobre Hékate no Brasil, ano 2011.....	69
Figura 16 – Ritual de Deipnon à deusa Hékate.....	88
Figura 17 – Altar dos Ritos dos Fogos Sagrados de Hékate.....	89
Figura 18 – Relevô votivo em mármore, Atenas 400-375 a.C.....	90
Figura 19 – Rito dos Seus Fogos Sagrados.....	91
Figura 20 – Tripla Diana, deusa do céu, da terra e guardiã do submundo.	93
Figura 21 – Cortejo de Hékate 2024.....	94
Figura 22 – Cortejo de Hékate pelas ruas de Belém do Pará.....	95
Figura 23 – Altar sincrético dedicado a deusa Hékate e aos Exús.....	97
Figura 24 – Círculo de Dadophoros.....	99
Figura 25 – Trívia de Hékate.....	100
Figura 26 – Santuário de Hékate.....	101
Figura 27 – Tear das Feiticeiras.....	102
Figura 28 – Tessitura de Hékate.....	104
Figura 29 – Coletivo Respeita as Bruxas da Quebrada.....	105
Figura 30 – Comunidade Caminho Hecatino, Simpósio de Hékate, 2024.	106
Figura 31 – Hékate Contemporânea.	159

GRÁFICOS

Gráfico – 01.....	71
Gráfico – 02.....	73
Gráfico – 03.....	74
Gráfico – 04.....	74
Gráfico – 05.....	75
Gráfico – 06.....	76
Gráfico – 07.....	77
Gráfico – 08.....	78

Gráfico – 09 78

Gráfico – 10 80

Gráfico – 11 81

Gráfico – 12 82

Gráfico – 13 85

Gráfico – 14 96

Gráfico – 15 98

Gráfico – 16 107

SUMÁRIO

Introdução	15
1. Quem é Hékate?	25
1.1 - Hékate na Literatura Antiga	31
1.2 - Hékate na Literatura Moderna	36
1.3 - Hékate na Literatura Contemporânea	40
1.4 - Hékate na Literatura Pós-Moderna	42
1.5 - Hékate na Literatura Brasileira	45
2. Stratonikeia e Lagina	49
2.1 - Stratonikeia e seus Santuários	52
2.2 - O Santuário de Zeus Panamaros	53
2.3 - O Santuário de Hékate em Lagina	56
2.4 - Rede de Festivais em Lagina e Panamara	59
2.5 - Stratonikeia e Lagina como principais influências do Culto Contemporâneo	62
2.6 - O Culto a Hékate no mundo Contemporâneo	65
3. O Culto a Hékate no Brasil	67
3.1 - Interesses por Sub-regiões.	71
3.2 - Análise de dados da pesquisa online	76
4. Os Novos Movimentos Religiosos (NMRs)	109
4.1 - Novos Movimentos Religiosos e o Cenário Brasileiro	114
4.2 - O Culto a deusa Hékate como um Novo Movimento Religioso	119
5. Considerações Finais	127
Referências	131
Anexo	139

Figura 1 – Hécate Brasileira.



Fonte: Imagem criada com I. A. pela devota Hekatina brasileira Nattachy Nackitta, em 31 de maio, 24.

Introdução

A “nova era” ou movimento *New Age* foi um movimento filosófico religioso que se espalhou com grande intensidade entre as comunidades religiosas e ocultistas, ao redor do mundo, entre as décadas de 1970 e de 1980. Ele teria possibilitado uma espécie de abertura que permitiria a diversos tipos de indivíduos um deslocamento de instituições religiosas tradicionais para outros lugares, que os permitissem assumir novas formas de vivências espirituais e religiosas.

Para alguns estudiosos, esse cenário é oriundo do fenômeno global conhecido por *secularização* que impactou profundamente a sociedade moderna. A secularização também pode ser compreendida como um processo de separação gradual ou total das velhas estruturas sociais que eram baseadas, principalmente, na religiosidade. Peter Berger (1985) salienta que o fator religioso não opera de forma isolada diante da secularização, mantendo-se numa constante relação dialética com toda a infraestrutura da vida social.¹ Para o sociólogo Max Weber (1864-1920), grande parte da vida social moderna foi reduzida à lógica racional, tendo o desenvolvimento capitalista industrial emergente um papel fundamental no processo de secularização, chamado por ele de “Desencantamento do Mundo”, e caracterizado como um processo no qual o sujeito moderno passou a abandonar os costumes e crenças baseados em tradições antigas que se ancoravam na religião, racionalizando assim, as suas ações.²

Desse modo, haveria uma separação entre o mundo público e o religioso, que, a partir desse contexto, foi deslocado para a esfera do privado. Em contrapartida, tal processo de secularização, junto da laicização do estado, como elucida Sanchez (2010), acabou por também abrir espaço para o pluralismo religioso, possibilitando ao “homem moderno” a manifestação da riqueza do pensamento humano através de múltiplas formas.³ Esse quadro teria se intensificado durante a “pós-modernidade” e a contemporaneidade, onde o indivíduo se tornaria ainda mais livre para vivenciar a

¹ Berger, Peter L. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985, p.123.

² Weber, Max. (1864-1920). A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

³ Sanchez, Lopes W. Pluralismo Religioso: As religiões no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 39.

religião e a religiosidade de uma forma mais subjetivada e individual, buscando por experiências que estão cada vez menos ligadas a instituições ou doutrinas religiosas.⁴

Neste sentido, as inúmeras transformações que ocorreram, principalmente no século XX, no cerne das estruturas sociais, possibilitaram o contato e a emergência de Novos Movimentos Religiosos (NMRs). Tais movimentos se caracterizaram como agrupamentos religiosos diferentes dos tradicionais, geralmente nascidos na forma de protesto contra uma ordem já estabelecida. Esses movimentos são muito diversos e, de acordo com as afirmações de Barker (1999), tornaram-se visíveis a partir da segunda guerra mundial, inicialmente num contexto norte-americano, se propondo a responder perguntas que anteriormente eram direcionadas a grandes religiões, principalmente, quando ligadas ao sentido da vida, à existência de uma divindade superior e aos questionamentos da vida após a morte.⁵

Advindo dos NMRs e sendo de extrema relevância dentro da análise proposta neste estudo, tem-se o Neopaganismo que, de acordo com Adler (2006), configura-se como “um movimento que abrange diferentes tipos de práticas religiosas, voltadas para o resgate do culto a divindades de antigas tradições de civilizações pré-cristãs”.⁶ O termo Neopaganismo é utilizado para identificar uma grande variedade de movimentos religiosos modernos que se difundem entre *politeístas*, *animistas* e *panteístas*⁷, procurando sempre colocar a vida humana em harmonia com os ciclos da natureza, sendo entendidos como expressões múltiplas de uma mesma divindade.⁸ As primeiras expressões religiosas que seriam vinculadas, posteriormente, ao Neopaganismo, surgiram na Europa do século XIX, especificamente na Inglaterra, inspiradas pelas antigas tradições celtas e pela supervalorização da espiritualidade clássica Greco romana.⁹ Tais expressões espalharam-se mundialmente na segunda metade do séc. XX.

⁴ Brandão, Hugo; Vasconcelos, Sergio. Os sem religião e a cultura pós-moderna. Recife: Revista Paralellus, v.12, n. 29, 2021, p. 245.

⁵ Barker, Eileen. New religious movements: the incidence and significance. In: Wilson, Bryan & Cresswell, Jamie Eds. New religious movements; challenge and response. London: Routledge, 1999, pp. 15-31.

⁶ Adler, Margot. Drawing down the moon: Druids, goddess-worshippers, and other pagans in America today. Ed. 2006, p. 21.

⁷ Politeísmo: crença e adoração a mais de uma divindade; Animista: crença de que todas as coisas possuem um espírito que conecta uns aos outros; Panteísmo: crença de que Deus é o universo inteiro.

⁸ Bezerra, Karina. A Wicca no Brasil: Adesão e permanência dos adeptos na região metropolitana do Recife. 2012, p. 15.

⁹ Cordovil, Daniela. Paganismos, Religião e Atuação Pública: Uma comparação de discursos e práticas neopagãs no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Religião & Sociedade, vol. 40, 2020, p. 204.

As principais religiões derivadas do paganismo contemporâneo são: o Druidismo Moderno, o Xamanismo, o Reconstrucionismo Saxão e a Wicca, sendo esta última a religião neopagã mais conhecida do mundo. Seu nome vem do radical anglo-saxônico *wic*, que está intimamente relacionado com sabedoria, magia e religião; dele surgem às palavras *witchcraft* (bruxaria) e *witch* (bruxo ou bruxa).¹⁰

A Wicca surgiu, principalmente, como um movimento que possibilitou a preservação ou reavivamento do culto à deusa e ao “sagrado feminino”.¹¹ Para Machado (2020), o sagrado feminino pode ser entendido como um movimento de despertar espiritual, de cura, de conexão e empoderamento de mulheres, que permite que a mulher e não só ela, mas ambos os sexos, despertem em seu interior a força da energia feminina que habita dentro de cada pessoa, sendo a masculina chamada de Yang e a feminina de Yin.¹² Deste modo, as concepções de mundo adquiridas do romantismo serviram como base ideológica para o surgimento tanto do movimento nova era, quanto para o surgimento do sagrado feminino.¹³ Nesse sentido, é possível compreender o porquê das práticas existentes em ambos os movimentos, se voltarem em sua maioria para a valorização do feminino. Os adeptos do sagrado feminino se organizam em grupos que são chamados de círculos. A autora Mirella Faur entende que o círculo é importante para o desenvolvimento do sagrado feminino por contribuir para a expansão dessa espiritualidade feminina, que é baseada no apoio, no respeito e no compartilhamento das experiências pessoais entre seus membros.

Um círculo pode ser formado por mulheres que pertençam a religiões ou filosofias, tradicionais ou liberais, sendo o objetivo comum a conexão e a celebração do princípio feminino. Valoriza-se a experiência vivida de cada mulher, reconhecida como um ser sagrado único, representando a Deusa na terra. Esse reconhecimento fortalece mulheres e as encoraja a exercer autoridade no seu mundo pessoal, tornando-as mais assertivas, seguras, criativas e livres para fazer escolhas e permitir imposições, limitações, coações ou interferências. (FAUR, 2011, p. 40).

¹⁰ Guerriero, Silas. Novos movimentos religiosos: O quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 131.

¹¹ Deusa é um conceito de divindade eterna e infinita presente em diversas religiões monoteístas, henoteístas ou politeístas, sendo geralmente definida como a criadora, preservadora e transformadora do universo.

¹² Machado, Regiane. O Sagrado Feminino: Poder que vem de dentro – Despertar, cura e empoderamento das mulheres. Cadernos de Agroecologia, Vol. 15, n.3, 2020, p. 01.

¹³ Marques, Dominique V. Sagrado Feminista?! Conflitos e continuidade entre o Sagrado Feminino e os Feminismos. Rio de Janeiro, 2023, p. 14.

Marques (2023) aponta que o perfil dos indivíduos atraídos pelo movimento do sagrado feminino, em sua maioria, são mulheres urbanas, de camadas sociais medianas, com faixa etária entre 20 e 40 anos, que procuram adquirir conhecimento e a autonomia do próprio corpo, além de também buscarem uma rede de apoio em comum para trocas de experiências dentro e fora dos grupos.¹⁴ Esse movimento também recebe críticas de alguns grupos feministas que acreditam que o conceito de sagrado feminino pode reforçar estereótipos de gênero e excluir experiências de mulheres trans e não binárias. Gomez (2022) defende que as críticas desses grupos estão relacionadas, principalmente, ao fato de o sagrado feminino operar com a noção de mulher a partir da noção biológica universalista e essencialista desse conceito, além de recorrer constantemente à ideia de feminilidade e mulher centrada num único ponto de vista.¹⁵ Dessa forma é possível perceber o choque de ideias desses dois movimentos a partir conceito de sagrado feminino, que para o feminismo moderno, se apresenta com a necessidade de historicizar esse conceito a partir das experiências de outros gêneros.

Na Wicca cultuam-se o aspecto feminino da divindade que se manifesta em sua maior intensidade, nos períodos da puberdade, gestação e menopausa, períodos no qual a mulher é compreendida como fonte primordial da criação.¹⁶ É importante destacar que a relação entre a Wicca e o Sagrado feminino se estreita quando a Wicca busca recuperar esse sagrado feminino, e a atuação da mulher em suas práticas devocionais, atribuindo a ela o papel de sacerdotisa da grande mãe.

De acordo com Cordovil (2015), atualmente existem diversas vertentes chamadas de tradições, que possuem um *corpus* doutrinário próprio, transmitido aos adeptos da religião por via iniciática.¹⁷ Entre essas tradições, tem relevância para este estudo a Tradição Hekatina. Prieto (2020) afirma que os adeptos dessa tradição

¹⁴ Marques, Dominique V. Sagrado Feminista?! Conflitos e continuidade entre o Sagrado Feminino e os Feminismos. Rio de Janeiro, 2023, p. 25.

¹⁵ Gomide, Juliana C. O movimento do “Sagrado Feminino”: Sintomas das historicidades políticas no Brasil Contemporâneo. Minas Gerais, 2022, p. 75.

¹⁶ Cordovil, Daniela. O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos Círculos de Mulheres. Revista de estudos Feministas, Florianópolis 2015, p. 432.

¹⁷ Ibidem, p. 433.

buscam inspiração na deusa Hécate¹⁸, tentando reconstruir e modernizar os antigos rituais de adoração a essa deusa num recorte devocional moderno.¹⁹ Para o autor, Hécate, seria uma das representações da força do sagrado feminino por estar intimamente associada às faces da lua.

O presente trabalho busca analisar e compreender o lugar ocupado pelas práticas de culto à deusa Hécate, dentro das manifestações religiosas brasileiras, possibilitadas e oriundas dos já mencionados NMRs, o que nos permite compreender esse culto como um novo tipo de movimento ou tradição religiosa, ao se enquadrar dentro das principais características comuns presente nas tipologias dos NMRs. Guerriero (2006), em sua obra *Novos Movimentos Religiosos*, enfatiza que dentro do quadro característico dos NMRs, podemos incluir os movimentos espiritualistas que, de alguma maneira, rejeitam as religiões tradicionais, como é o caso do esoterismo, da magia e do misticismo em geral.²⁰ Logo as práticas de culto à deusa Hécate também podem ser incluídas dentro desse entendimento.

O cenário brasileiro do séc. XX também experimentou um processo de pluralismo religioso, “advindo do resultado da sedimentação, superposição, acumulação e reelaboração de tradições religiosas diversificadas que ajudaram a quebrar o monopólio simbólico mantido pelo catolicismo”.²¹ Tal fato ajudou a transformar o Brasil em um cenário favorável a admissão dessas novas formas de vivenciar a religiosidade. Nesse sentido, a análise das práticas devocionais dentro do culto à deusa Hécate (Figura 1), no Brasil, podem ser definidas como um estudo voltado ao surgimento de um novo movimento religioso, com práticas próprias inspiradas na antiguidade, que possibilitam ao devoto/praticante uma nova forma de conexão espiritual e social com o sagrado.

O objetivo principal desse estudo gira em torno das profundas reflexões de como esse culto à deusa Hécate chegou e se fixou em solo brasileiro, problematizando, ao mesmo tempo, sobre (a) quem é Hécate e o seu papel dentro da literatura antiga e contemporânea; (b) Stratonikeia e Lagina como principais

¹⁸ A grafia Hécate com k, é a tradução do grego 'Εκάτη. Já Hecate com c, é a latinização do seu nome. Ambos podem ser utilizados no contexto moderno. Hekatino ou Hecatino, seguem a mesma linha.

¹⁹ Prieto, Claudiney. *Wicca, A religião da Deusa*. São Paulo: Alfabeto, 2020, p. 152.

²⁰ Guerriero, Silas. *Novos movimentos religiosos: O quadro brasileiro*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 39.

²¹ Siepierski, Paulo D. In: Guerriero, Silas. *O Estudo das Religiões: desafios contemporâneos*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 7.

influências de práticas de culto utilizadas na contemporaneidade pelo devoto de moderno da deusa Hécate; (c) como esse culto ocorre no Brasil, quem são os sujeitos históricos que compõem esse novo tipo de manifestação religiosa, como realizam suas práticas devocionais e como estes indivíduos estabelecem relações de troca e comunicação entre si; (d) como o culto a deusa Hécate se relaciona com os NMRs no cenário religioso brasileiro. Dessa forma o desenvolvimento de uma pesquisa aprofundada poderá contribuir com a solução desses problemas, além de possibilitar o trabalho com materiais de vasto cunho literário, publicados nos últimos dez anos, que irão subsidiar tais investigações nos idiomas português, turco e inglês.

No primeiro capítulo desse estudo, é trabalhado a historiografia da deusa Hécate, refletindo, principalmente, como a figura dessa divindade era entendida durante a antiguidade, a fim de compreender a sua importância para a Tradição Hekatina dos dias atuais. Para isso, foi utilizado como base o trabalho de Trícia Magalhães Carnevale (2012) *“Hekate, de deusa ctônica dos atenienses do período clássico a deusa da feitiçaria no imaginário social do Ocidente”*, que contribuiu com importantes apontamentos sobre o entendimento dessa deusa no imaginário social ateniense do período clássico, explorando, ainda, a figura de Hécate nos períodos arcaico e helenístico. A pesquisa de Taís Rocha de Carvalho (2019) *“Perséfone e Hécate: A Representação das deusas na poesia grega arcaica”* possibilitou uma investigação aprofundada sobre as representações de Hécate na poesia arcaica, ajudando em uma melhor compreensão da importância dessa deusa dentro da literatura antiga. Para contextualizar as investigações e apontamentos de Hécate como uma deusa de origem cariana, oriunda da Anatólia ocidental, foi utilizado o trabalho de Emíne Bozkurt (2017) *“Tanrıça Hécate Evreninkendisi”* (Deusa Hécate, o próprio universo) que trouxe reflexões importantes a partir da revisão de fontes antigas. A obra da arqueóloga turca, Ozlem Ertan (2023) *“Hekate Bize Ne Mesaj Veriyor-Tanrıların Çağrısı”* (Que mensagem Hécate nos dá?) foi utilizada na construção deste capítulo, auxiliando a evidenciar a feminilidade de Hécate em conjunto com o arquétipo da mulher forte e independente, fazendo muitas conexões entre Hécate e as antigas rainhas guerreiras da Anatólia, e compartilhando novos elementos da arqueologia e da literatura turca, o que possibilitou uma melhor compreensão da figura dessa deusa tão complexa.

No segundo capítulo dessa investigação, foi explorado a dinâmica religiosa e política da Deusa Hécate na antiga cidade de Stratonikeia e no santuário de Lagina

(atual Turquia), combinados aos elementos de culto e simbolismos ligados a essa divindade, que são ressignificados e utilizados por devotos contemporâneos em suas práticas religiosas atuais. Para tal, foi utilizado a pesquisa do renomado arqueólogo e historiador francês Alfred Laumonier (1958) *“Les Cultes Indigenes em Carie”* (Cultos Indígenas em Caria) que apresentou uma abordagem completa sobre a história religiosa da Ásia Menor, seus santuários e a mecânica social das antigas cidades anatólicas, destacando, principalmente, as suas práticas de culto. Os apontamentos do especialista em arqueologia clássica da Turquia George Ewart Bean (1971) *“Turkey Beyond The Maeander”* (Turquia além do Meandro) contribuíram durante a análise dos vestígios arqueológicos clássicos referentes à deusa Hécate, que foram encontrados na cidade de Stratonikeia e no santuário de Lagina. A pesquisa do professor e também arqueólogo da Universidade de Pamukale, Bilal Sogut (2019) *“Stratonikeia Eskihisar Ve Kutsal Alanlari”* (Stratonikeia Eskihisar e suas áreas sagradas) foi utilizada nesse capítulo, a fim de auxiliar a partir das descobertas arqueológicas que ocorrem em Stratonikeia e Lagina atualmente, em um melhor entendimento das dinâmicas social e religiosa que ocorriam ao redor das áreas sagradas de Stratonikeia e Lagina durante a antiguidade, e que estavam ligadas à deusa Hécate. Buscando obter uma visão panorâmica dos desempenhos ritual e festivo que ocorriam em Stratonikeia e Lagina, e eram dedicados a Hécate, foi empregada a obra da pesquisadora holandesa Christina Grace Williamson (2021) *“Urban Rituals in Sacred Landscapes in Hellenistic Asia Minor”* (Rituais Urbanos em Paisagens Sagradas na Ásia Menor Helenística) que permitiu realizar comparações entre as atividades de culto e os simbolismos que eram utilizados para essa divindade no passado, e que passaram a ser ressignificados na contemporaneidade pelos adeptos de seu culto ou tradição moderna.

Para o terceiro capítulo dessa análise, foi efetuado inicialmente, uma explanação do culto da deusa Hécate na contemporaneidade, atrelado ao movimento do novo paganismo num contexto geral. Para tal reflexão foram empregados os estudos de Margarida Johnson (2009) *“Drawing Down the Goddess: The Ancient Female Deities of Modern Paganism”* (Desenhando a Deusa: As Antigas Divindades Femininas do Paganismo Moderno) e Nicola Serafini (2014) *“Ancient Gods Today: The Neo-Pagans Hecate”* (Deuses Antigos Hoje: A Neopagã Hécate) que possibilitou a percepção da presença e representatividade de Hécate dentro do paganismo moderno. Contextualizando a chegada do culto dessa divindade ao Brasil e a sua

Íntima relação com o circuito Neo-esotérico dos movimentos ligados à Nova Era, foram utilizados para a construção de tais análises os trabalhos de Silas Guerriero (2003) *“A Diversidade Religiosa no Brasil: A Nebulosa do Esoterismo da Nova Era”*, Wagner Lopes Sanchez (2001) *“Elementos para uma análise do campo religioso no Brasil”*, Dannyel de Castro (2017) *“Estudos sobre o Neopaganismo no Brasil”* e Amurabi Oliveira (2009) *“Nova Era à Brasileira: A New Age popular do Vale do Amanhecer”*, que apresentaram um panorama geral do cenário religioso da época, possibilitando uma melhor compreensão da chegada do Culto de Hécate no contexto religioso brasileiro, bem como outros tipos práticas espirituais.

Ao trabalhar a estreita relação entre o culto à Hécate e a Wicca, partimos do entendimento de que este culto chegou e se fixou no Brasil a partir da mesma. Para contextualizar tais reflexões sobre o cenário religioso da época, recorreremos aos trabalhos de Faustino Teixeira e Renata Menezes (2013) *“Religiões em Movimento: O censo 2010”*, Karina Bezerra (2012) *“A Wicca no Brasil: Adesão e permanência dos adeptos da região metropolitana do Recife”*, Lucas Corrêa e Eduardo Refkalefsky (2012) *“A comunidade Wiccana no Brasil: Discursos, Recursos e Práticas de Comunicação”* e Márcia Silva (2021) *“As faces de Hekate: O poder dos epítetos na Bruxaria Hekatina”* que proporcionaram a composição de apontamentos pertinentes sobre esse contexto. Na conclusão deste capítulo, foi traçado um perfil para o devoto Hekatino brasileiro contemporâneo, utilizando em um primeiro momento, informações sobre a orientação religiosa desses indivíduos, suas práticas devocionais, concentração geográfica, simbologias atribuídas à deusa, e o entendimento da figura de Hécate entre os adeptos de seu culto moderno. Tais referências foram retiradas do estudo *“Hekate no Brasil”* realizada pelo Santuário de Hekate Hegemonen (2023).

Para aprofundar a construção do perfil do devoto Hekatino brasileiro, foram elaborados dois formulários de pesquisa *online* com o auxílio da plataforma *Google Forms*. Tais questionários foram constituídos com perguntas claras e objetivas, opção de respostas abertas e de múltipla escolha, com o propósito de ajudar na coleta de dados referentes ao contexto social dos adeptos dessa prática religiosa. A partir das afirmativas dos respondentes foi possível coletar informações pertinentes ligadas à faixa-etária, gênero, espaço geográfico, sincretismos e confluências, visão cosmogônica da deusa, principais práticas de culto, identidade, organização desses indivíduos. A plataforma *Google Trends*, também foi utilizada durante esse processo,

contribuindo para uma análise mais aprofundada da relação do devoto Hekatinos brasileiro e a “era digital”, auxiliando de maneira pertinente na construção desse perfil.

O último capítulo apresenta uma investigação aprofundada sobre o contexto do surgimento dos Novos Movimentos Religiosos (NMRs) e suas tipologias, dialogando inicialmente sobre a relação de tais movimentos com o processo de secularização, desencantamento do mundo, pluralismo religioso, reencantamento religioso e o novo tipo de conexão espiritual escolhida pelos indivíduos pós-modernos. Para embasar tais reflexões foi utilizado os trabalhos de Antônio Flávio Pierucci (2003) “*O Desencantamento do mundo: Todos os passos em Max Weber*”, Rodney Stark (2015) “*The triumph of faith: why the world is more religious than ever*”, Wagner Lopes Sanchez (2005) “*Pluralismo Religioso: as religiões no mundo atual*”, Sarah Pike (2004) “*New Age and neopagan religions in America*” e Eileen Barker (1989) “*New Religions Movements: A Practical Introduction*”. Para trabalhar essa nova forma de vivenciar o sagrado que se mostra presente no cenário religioso brasileiro, foi utilizado as ponderações e apontamentos de Silas Guerriero (2006) “*Novos movimentos religiosos: O quadro brasileiro*”, Eduardo Cruz (2004) “*A persistência dos deuses: religião, cultura e natureza*”, Leila Amaral (2013) “*Cultura religiosa errante: o que o censo de 2010 pode nos dizer além dos dados*”, Regina Novaes (2004) “*Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos*”, Hugo Brandão e Sérgio Vasconcelos (2021) “*Os “Sem Religião” e a Cultura Pós-Moderna*”. O final do último capítulo trabalha a relação entre os Novos Movimentos Religiosos e o culto a deusa Hécate no Brasil, defendendo, inclusive, este culto como uma “Tradição” e explorando as principais características e tipologias que aproximam ou definem o que de fato são os Novos Movimentos Religiosos (NMRs). Fornece base para sustentar a ideia de que a “Tradição Hekatina” pode ser compreendida como fruto de tais movimentos. Para isso, foram empregadas as ponderações dos autores Edmund Burke (2007) “*Social Building Blocks of New Religious Movements: Organization and Leadership*” (Blocos de Construção Social de Novos Movimentos Religiosos: Organização e Liderança), Eileen Barker (2004) “*What Are We Studying? Nova Religio: The Journal of Alternative and Emergent Religions*” (O que estamos estudando? Nova Religião: O Jornal de Religiões Alternativas e Emergentes), Stuart A Wright (2007) “*The Dynamics of Movement Membership: Joining and Leaving New Religious Movements*” (A dinâmica da adesão ao movimento: juntando-se e saindo de novos movimentos religiosos), James Richardson e Massimo Introvigne (2007) “*New*

Religious Movements, Countermovements, Moral Panics, and the Media” (Novos Movimentos Religiosos, contra movimentos, pânico moral e a mídia), Claudiney Prieto (2020) *“Wicca, A Religião da Deusa”*, Mircea Eliade (1992) *“O sagrado e o profano”* e Silas Guerriero (2005) *“Intolerância e relativismo: o dinamismo das novas religiões no Brasil”*.

A contribuição desse trabalho é apresentar as principais descobertas científicas sobre o tema proposto, com resultados obtidos e divulgados para toda a comunidade emergente Hekatina brasileira a nível de representatividade, bem como para a comunidade acadêmica, possibilitando futuras pesquisas e análises mais aprofundadas sobre esse novo movimento religioso.

1. Quem é Hékate?

Hékate, do grego clássico Ἑκάτη ou Hekátē, é uma divindade enigmática, naturalizada na Grécia antiga e de possível origem anatoliana. Para a maioria dos estudiosos, Hékate seria nativa de uma região conhecida como Cária, que ficava localizada no sudoeste da Ásia Menor, parte central da Anatólia ocidental (Figura 2). A origem cariana de Hékate é aceita no meio científico, em sua maioria, pelo fato dessa deusa possuir características semelhantes às divindades femininas da Anatólia, como Cibele ou a própria Ártemis de Éfeso, em outras palavras, para estes, Hékate é compreendida como um reflexo da figura da “grande mãe anatoliana”.²²

Figura 2 – Mapa da região clássica da Cária.



Fonte: <https://www.davidrumsey.com/luna/servlet/s/f9v2ld>

²² Strauss, Jenny C. The Hecate of the Theogony. Greek Roman and Byzantine Studies. Vol. 25, ed.1, Cambridge, 1984, p. 28.

Contudo, há pesquisadores, que afirmam a matriz grega de Hékate, devido a evidências literárias difundidas, e identificações arqueológicas que evidenciariam a ligação entre Hékate e outras divindades gregas.²³ Como é o caso de Berg (1974) que defendeu a origem de Hékate na Grécia Micênica, baseado, principalmente, nessas evidências.²⁴ A etimologia de seu nome é incerta dividindo-se em algumas suposições. Strauss (2003) defende que pelo uso empregado por Hesíodo na *Teogonia*, o nome Hékate estaria associado à “vontade”.²⁵ Uma teoria aceita e defendida por muitos pesquisadores, que são levados a identificar o nome e a função de Hékate baseados nesse documento, como aquela por cuja vontade as orações são atendidas. Outra variação, e talvez a mais aceita entre estudiosos e devotos contemporâneos, é a de que a origem de seu nome estaria ligada à palavra grega *Ἑκατόξου ou Hekatos*, um epíteto obscuro do deus grego Apolo (ligado ao sol, artes e profecias) que pode ser traduzido como: aquele que opera à distância, aquele que move ou remove, ou aquele que lança dardos ao longe.

Após a fusão helênica, Hékate passou a ser compreendida pelo mundo grego como uma deusa de nobreza titã, de culto independente, que não fazia parte do corpo de deuses olímpicos. Ertan (2023) estabelece que após a dominação helênica na Anatólia, as comunidades se tornaram hegemônicas a partir da difusão linguística ocorrida durante esse processo. Nesse sentido, à medida que os anatólios perdiam a sua língua original, também perdiam a sua fé, e com isso, ao longo do tempo, o culto da deusa mãe deixou de ser um culto da Anatólia e tornou-se um culto helênico, mudando inclusive o lugar das mulheres dentro da própria sociedade anatólia. Assim, Hékate também teria se afastado do monte Olimpo, estabelecendo-se no imaginário como uma deusa solitária e marginalizada.²⁶ A afirmação da pesquisadora pode trazer luz às suposições do motivo original de Hékate ser compreendida como uma divindade independente, sem mito próprio e atrelada às forças das trevas na visão helênica; além do fato da presença da deusa ser notada em poucas narrativas míticas, sempre de forma secundária.

²³ Carnevale, Trícia M. Hekate, de deusa ctônica dos atenienses do período clássico a deusa da feitiçaria no imaginário social do Ocidente. Rio de Janeiro, 2012, p. 28.

²⁴ Berg, William. Hecate: Greek or “Anatolian”? *International Review for the History of Religions*. Vol. 21, 1974, pp. 128-140.

²⁵ Strauss, Jenny C. The Hecate of the Theogony. *Greek Roman and Byzantine Studies*. Vol. 25, ed.1, Cambridge, 1984, p. 33.

²⁶ Ertan, Ozlem. Hekate – Bize Ne Mesaj Veriyor? *Tanrıların Çağırısı*. Türkçe, 2023, p. 18.

As representações iconográficas de Hécate na antiguidade podem ser divididas em três momentos: 1) *período arcaico*, onde a deusa aparece adornada de características universais, grande benevolência, aspectos liminares e uma face; 2) *período clássico*, onde Hécate aparece conectada com os mortos, estradas, feitiçaria e três formas; 3) *período helenístico*, que descreve a divindade como deusa da magia, líder dos fantasmas, portadora das chaves do submundo, associada à *Pharmakeia* e às tábuas de maldição, sendo representada de forma terrível, sempre rodeada de serpentes, cães negros e com o aspecto triplo²⁷. Farnell (1896) afirma que o monumento mais antigo atribuído a Hécate, consistia numa pequena terracota encontrada em Atenas, com uma dedicatória direcionada à deusa, seguindo um estilo de escrita que remete ao século VI a.C. e representando-a sentada em um trono com uma coroa amarrada em volta da cabeça, um monumento de caráter único e sem outros atributos.²⁸ Nessa mesma perspectiva Hécate aparece também nos vasos de cerâmica vermelha, que marcam a transição do período arcaico para o clássico, geralmente com uma única forma e segurando duas tochas. A divindade feminina que possui mais associações iconográficas com Hécate é a deusa grega da caça e da vida selvagem Ártemis. Sarian (1998) aponta que na cidade de Delos, conhecida como o berço do nascimento da deusa Ártemis, o comportamento religioso dos habitantes estabelecia um profundo sincretismo entre essas duas divindades, de modo que, nesse contexto, em particular as duas deusas poderiam assumir a mesma forma tripla, segurando tochas em muitos momentos.²⁹

Como dito, a presença de Hécate em Atenas é declarada pela iconografia do séc. VI a.C., sendo essa região também responsável pela maior quantidade de material literário com informações sobre a deusa, conhecidas até então. Atenas nos fornece a representação mais famosa atribuída à Hécate, chamada de “*Epipirgidia na torre*” e atribuída pelo viajante Pausânias ao escultor grego Alcamenes. Essa representação descreve uma Hécate de corpo triplo, diferente das anteriores ao período, que ficou popularmente conhecida como a primeira representação da deusa desse tipo. Sua localização original é atestada próximo do Templo de Atena Nike, na própria Acrópole de Atenas. A estátua original não sobreviveu ao tempo, porém se

²⁷ Carvalho, Thais R. Hécate, deusa da magia: representação em Macbeth. São Paulo: Caletrosópio, Vol. 6, n. 1, 2018, pp. 152-154.

²⁸ Farnell, Richard L. The Cults of the Greek States Vol. II. Oxford, 1896, p. 549.

²⁹ Sarian, Haiganuch. Ártemis e Hécate em Delos: apontamentos de iconografia religiosa. São Paulo: Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, 1998, p. 152.

popularizou de tal forma que inúmeras cópias (Figura 3) podem ser encontradas atualmente em museus.³⁰

Figura 3 – Estátua de Hékate Triformis-Leiden-Holanda.



Fonte: <https://www.rmo.nl/museumkennis/klassieke-wereld/grieken/de-voorwerpen/hekate/>

Mooney (1971) acreditava que o culto a Hékate teria migrado da Ásia Menor para Grécia antes mesmo da Teogonia de Hesíodo, e que não estaria claro se essa transição ocorrera antes ou depois da guerra de Tróia.³¹ Contudo, Rudloff (1992) apresenta mais de dez locais de culto, nos períodos clássico ou posteriores, onde é possível identificar vestígios de adoração a deusa Hékate durante a antiguidade: 1) Atenas; 2) Elêusis; 3) Egina; 4) Argos; 5) Beócia; 6) Sicília; 7) Tessália; 8) Trácia; 9) Samotrácia; 10) Costa da Anatólia e ilhas do Egeu; 11) Cária e Frígia.³² Esse culto obteve destaque em duas regiões específicas, Stratonikeia e Egina, onde a deusa era cultuada como uma divindade independente. Nos outros locais de culto, as evidências

³⁰ Silva, Márcia C. Bruxaria Hekatina: o caminho da bruxa com a deusa Hekate. Clube de autores, 2020, p. 14.

³¹ Mooney, Carol M. Hekate: Her Role and Character in Greek Literature from before the Fifth Century B.C. Hamilton, Ontário: Mc Master University, 1971, p. 82.

³² Rudloff, Robert V. Hekate in Ancient Greek Religion. Victoria: Horned Owl Press 1992, pp. 32- 55.

arqueológicas sugerem um papel secundário a Hékate, que era cultuada em santuários de outras divindades. De acordo com os apontamentos de Rudloff (1999) era possível encontrar, em mais da metade dos santuários, onde a presença da deusa é atestada, uma estátua pequena dedicada a ela, um recinto ou um templo menor muito próximo do santuário principal.³³

Estudos arqueológicos mais recentes apontam que o culto a Hékate pode ser ainda mais antigo, podendo estar relacionado aos antigos luwianos, povos anteriores aos hititas, que contribuíram de forma direta para o desenvolvimento da cultura grega e são compreendidos pela arqueologia como povos antigos da Anatólia.³⁴ Scully (2015) compara a Teogonia de Hesíodo com as narrativas míticas do oriente, afirmando que Hesíodo teria escrito o poema no qual Hékate recebe grande destaque, fazendo uso das literaturas hurritas e hititas.³⁵ Ertan (2023) concorda com a teoria de Scully e acrescenta que a Teogonia de Hesíodo seria um exemplo importante de transferência da cultura da Anatólia para a Grécia, através dos povos luwianos. Para a pesquisadora, o enredo da narrativa escrita por Hesíodo parece ser o mesmo existente na lenda de kumarbi, registrada em tabuinhas cuneiformes, pertencentes aos hurritas e encontradas na antiga capital do império hitita Hattusa.³⁶ Morris (2001) aponta que descobertas pré-históricas na região de Éfeso, onde Ártemis Éfeso era adorada, confirmam que essa região é na verdade a antiga cidade de Apasas, centro importante para os povos luwianos mencionado em textos hititas posteriores.³⁷ Nesse mesmo local inclusive, foi encontrado nas tabuinhas de um palácio micênico, a menção de uma deusa asiática chamada Potnia Aswiya. Em um período posterior, essa deusa asiática que pode ter pertencido, originalmente, a Apassa luwiana, foi identificada como a própria Ártemis de Éfeso. Bozkurt (2017) reforça sobre as semelhanças de Ártemis e Hékate, supondo que possa haver uma grande ligação entre a Ártemis de Éfeso, Hékate e Potnia Aswiya.³⁸ Divindade que deu o nome de Ásia a todo o continente asiático.

³³ Ibidem, p. 53.

³⁴ Bozkurt, Emine. Tanrıça Hekate: evrenin kendisi. Aydın, 2017, p. 23.

³⁵ Scully, Stephen. Hesiod's Theogony from Near Eastern Creation Myths to Paradise Lost. New York: Oxford University Press, 2015, pp. 50-53.

³⁶ Disponível em: <https://kayipriitim.com/dosya/luviler-kimdir/>. Acesso em 25 abr. 2024.

³⁷ Morris, Sarah P. The Prehistoric Background of Artemis Ephesia: A Solution to the enigma of her Breasts? in Muss, U. (ed.), Der Kosmos der Artemis Von Ephesos. Wien: Österreichisches Archäologisches Institut, Sonderschriften 37, 2001, pp. 135 -151.

³⁸ Bozkurt, Emine. Tanrıça Hekate: evrenin kendisi. Aydın, 2017, p. 14.

Hékate é uma deusa que possuía muitos epítetos. Um epíteto pode ser definido como uma palavra, ou frase de caracterização, que acompanha ou substitui o nome de uma coisa, lugar ou pessoa. Na antiguidade, muitas divindades recebiam uma grande variação de epítetos, ao mesmo tempo em que compartilhavam esses mesmos nomes entre si. Os epítetos eram muito importantes entre os gregos, por que facilitavam o reconhecimento ou identificação da divindade as quais estavam se referindo.³⁹ Assim, os epítetos de Hékate, eram relevantes à formação de sua identidade, uma parte concreta da deusa que permanecia na memória e na imaginação coletiva das pessoas. Na memória ela se estabelecia de forma estática, enquanto que no imaginário social ela era reinventada e adaptada as necessidades e aos conflitos da sociedade na qual estava inserida.⁴⁰ O epíteto mais conhecido de Hékate, foi dado à deusa após as guerras midriáticas e ao Senatus Consultume romano de 81.a.C. que reconhecia a lealdade de Stratonikeia e tornava Lagina inviolável. Em homenagem a Hékate e à Roma, a deusa recebeu o novo título de *Hékate Soteira Epiphaneia* (Salvadora Epifania), junto do festival Hecatesia-Romaia que homenageava ao mesmo tempo Hékate Soteira e a deusa romana Thea Rome, transformando Hékate Soteira, oficialmente, como a divindade protetora de Stratonikeia.⁴¹ Rudloff (1992) estabelece uma lista de cinco principais epítetos atribuídos à deusa durante o período clássico: 1) *Propylaia* – guardiã dos portões liminares; 2) *Kourotrophos* – nutridora dos jovens; 3) *Propolos* - guia e companheira; 4) *Phosphoros* – portadora da luz; 5) *Chthonia* – deusa do submundo.⁴²

A partir séc. V a.C. é possível identificar uma multiplicidade de formas na figura de Hékate, diferente do que acontecia no período arcaico, e isso se deve principalmente à popularidade entre os atenienses da feitiçaria, das maldições e fantasmas. Betz (1985) acrescenta que Hékate, foi a divindade que mais acumulou epítetos nos fragmentos dos papiros mágicos gregos, sendo uma das deusas mais invocadas nesses textos remanescentes do período clássico, geralmente fazendo conexões com outras divindades femininas que também eram conectadas à magia⁴³

³⁹ Rudloff, Robert V. Hekate in Ancient Greek Religion. Victoria: Horned Owl Press, 1992, p. 36.

⁴⁰ Ibidem, p. 35.

⁴¹ Williamson, Christina G. Urban Rituals in Sacred Landscapes in Hellenistic Ásia Minor. Series: Religions in the Graeco-Roman World. Vol. 196. Boston: Brill Leiden, 2021.p. 294.

⁴² Rudloff, Robert V. Hekate in Ancient Greek Religion. Victoria: Horned Owl Press 1992, pp. 87-110.

⁴³ Betz, Hans D. The Greek Magical Papyri in Translation. Estados Unidos: University of Chicago Press, 1986, p. 46.

1.1 - Hékate na Literatura Antiga

Hékate é mencionada em algumas fontes literárias antigas, as quais se podem destacar como principais cinco: 1) *Teogonia de Hesíodo*; 2) *Hino Homérico a Demeter II*; 3) *Hinos Órficos*; 4) *PGM (Papiros Mágicos Gregos)*; 5) *Oráculos Caldeus*. Esses textos são utilizados por pesquisadores do mundo contemporâneo que buscam compreender o papel de Hékate dentro do contexto antigo; assim como, também são utilizados por devotos atuais da deusa, como fonte de inspiração para ressignificar práticas devocionais e simbologias antigas ligadas a essa deusa, readaptando-as para o seu culto contemporâneo.

A *Teogonia de Hesíodo* (Anexo – A) é uma obra arcaica grega, escrita pelo poeta cantor Hesíodo, entre os séculos VIII e VII a.C. na forma de um poema, em um momento de florescimento cultural, no qual o pensamento racional grego começava a se configurar diante de um mundo antigo cheio de teofanias.⁴⁴ Hékate é mencionada entre os versos 404 e 452, num hino dedicado somente a ela (Anexo – B). West (1966) afirma que a própria família de Hesíodo pode ter sido responsável por introduzir o culto dessa deusa na Grécia, tendo o pai de Hesíodo migrado da Eólia (próximo da zona asiática de Hékate) para Mileto por conta de transações comerciais. Hékate dessa forma seria a deusa preferida de Hesíodo e sua família, tendo o seu pai dado o nome de Perses ao irmão de Hesíodo, que intimamente o teria reproduzido ao nomear o pai da própria deusa.⁴⁵ A afirmativa do autor, explicaria o motivo dela receber um destaque especial no poema. Hékate é descrita na *Teogonia de Hesíodo* como uma divindade independente, oriunda da última geração de titãs, digna de honrarias e adornada de poderes universais. As jurisdições de atuação de Hékate na *Teogonia* variam amplamente, compartilhando os domínios dos céus com Zeus, do subterrâneo com Hades e os domínios dos mares com Poseidon.⁴⁶ As honras atribuídas a Hékate nessa narrativa são únicas se comparadas a outras descrições dessa deusa em outros períodos, de modo que nenhum outro deus desfruta de uma gama tão ampla

⁴⁴ Torrano, J. A. A. Hesíodo - *Teogonia*. A origem dos Deuses. Estudo e tradução. 6. Ed. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 74.

⁴⁵ West, Martin L. *Hesiod Theogony*. Oxford: At the Clarendon Press, 1966, pp. 277-278.

⁴⁶ Bozkurt, Emine. *Tanrıça Hékate Evrenin kendisi*, 2017, p. 20.

de influência benevolente quanto a Hécate hesiódica.⁴⁷ Mooney (1971) aborda que a Hécate de Hesíodo, pode ser compreendida como aquela que julga reis, une os seres humanos, prepara os soldados para guerra, garante o sucesso nos jogos, cria cavalos, traz a sorte aos pescadores, cuida dos agricultores e nutre os jovens com a sua face de *Kourotrophos*.⁴⁸ Dessa forma, a Hécate descrita na Teogonia de Hesíodo, pode ser compreendida como uma deusa com características universais, que atuaria de forma benevolente em todos os campos da vida humana.

Os Hinos Homéricos são um conjunto de poemas compostos a mais de 2000 anos, identificados na modernidade como uma coletânea de 33 poemas atribuídos ao poeta Homero.⁴⁹ Estes hinos eram dedicados a celebrações das divindades antigas sendo recitados antes de cânticos épicos, concursos ou festivais. Hécate se faz presente no Hino Homérico a Deméter II (Anexo – C) acompanhada da narrativa mítica do rapto de Perséfone e da fundação dos Mistérios de Elêusis. De acordo com Carvalho (2019) a função de Hécate no Hino Homérico a Deméter II é dividida em dois momentos: 1) o primeiro momento ocorre quando Hécate aparece como testemunha mediadora, entre os versos 22 a 29, ao ajudar Deméter a descobrir realmente o que houve com a sua filha, já então, raptada por Hades; 2) o segundo momento está relacionado ao papel que Hécate desempenha ao auxiliar a rainha dos mortos Perséfone em sua jornada, entre o submundo e o Olimpo, nos versos 438 a 440.⁵⁰ Hécate dentro desse mito emerge direto das profundezas de sua caverna subterrânea, trazendo para a superfície seus aspectos mais sombrios e liminares. Esses aspectos representados pela deusa estão intimamente conectados ao contexto central de morte e renascimento que essa narrativa nos apresenta.

Os Hinos Órficos se apresentam como uma coletânea de 87 hinos escritos em hexamétrico, que datam do período imperial, provavelmente entre os séculos I e III d.C.⁵¹ e são atribuídos ao poeta Orfeu. Serra (2015) salienta baseado em fontes epigráficas, que esses textos possivelmente teriam sido compostos na Ásia Menor

⁴⁷ Boedeker, Deborah. Hecate: A transfunctional Goddess in the Teogony. Transactions of the American Philological Association (1974-1914). Vol. 113. The Johns Hopkins University Press. 1983, p. 80.

⁴⁸ Mooney, Carol M. Hecate: Her Role and Character in Greek Literature from before the Fifth Century B.C. Hamilton, Ontário: Mc Master University, 1971, p. 29.

⁴⁹ Homero (em grego: Ὅμηρος, transl. Hómēros) foi um poeta épico da Grécia antiga, ao qual tradicionalmente se atribui a autoria dos poemas épicos como Ilíada e Odisseia. https://www.biography.com/writer/homer?li_source=L1&li_medium=bio-mid-article&li_pl=208&li_tr=bio-mid-article. Acesso em 14 de out. de 2024.

⁵⁰ Carvalho, Thais R. Perséfone e Hécate: A representação das Deusas na Poesia Grega Arcaica, São Paulo, 2019, p. 71.

⁵¹ Quandt, Wilhelm. Orphei Hymni. Berlin: Weidmann, 2005, p. 44.

em alguma cidade grega da Anatólia.⁵² Antunes (2018), afirma em seu estudo, que os Hinos Órficos enquadram-se na categoria de hinos ecléticos, ou seja, aqueles que apresentam uma invocação a diversos deuses, tratando de composições que interpelam as divindades buscando propiciá-los e atrair seu favor para aquele que os invoca, ou mesmo para um grupo que se beneficiaria de tal relação.⁵³ O Hino Órfico a Hékate (Anexo – D) é o primeiro da sequência de hinos e não possui a indicação de oferendas, abrindo, assim, o caminho para os outros hinos. O segundo hino é dedicado à protetora das portas ou *Prothyraea*, um epíteto ligado à deusa grega Ártemis, à lua e também a Hékate. O Hino Órfico a *Prothyraea* não usa explicitamente o nome de Hékate, mas carrega muitas de suas características usando o termo de portadora das chaves e mencionando os nomes das deusas Ártemis e Eileithyia, ambas conectadas a essa deusa. O último hino dedicado a Morte também faz conexões com o hino a Hékate e a protetora das portas, no sentido da iniciação também ser uma forma de morte.⁵⁴ De acordo com Serra (2015) o fato de Hékate ser celebrada, inicialmente, nos Hinos Órficos está ligado ao principal motivo desses textos não seguir uma ordem aleatória e isso se deve, principalmente, ao fato de Hékate estar associada intimamente aos limiares.⁵⁵ Nesse sentido, é possível observar que esse conjunto de textos segue um determinado padrão característico do orfismo: nascimento, morte e renascimento, inserindo Hékate num contexto liminar de início e fim de tudo, uma representação de caráter universal que também se fará presente nos Oráculos Caldeus.

Os Papiros Mágicos Gregos e Egípcios, identificados na contemporaneidade pela sigla PGMs, são uma coletânea de textos mágicos greco-romanos encontrados no Egito entre os séc. II a.C. e V d.C. como uma coleção de textos sobre magia do Egito Greco-Romano, composta por rolos de papiros, fragmentos de papiros, códices e extensões de diversas naturezas, escritos, primordialmente, em grego antigo, em copta e em egípcio demótico. Cardoso (2016) afirma que os PGMS contêm receitas para feitiços voltadas as mais diversas finalidades, proporcionando descrições detalhadas das práticas de magia, de feitiços executados, tratados sobre astrologia e

⁵² Serra, Ordep. Hinos Órficos: Perfume. São Paulo: Odysseus Editora, 2015, p. 32.

⁵³ Antunes, Pedro B. Hinos Órficos: Edição, estudo geral e comentários filológicos. São Paulo, 2018, p. 10.

⁵⁴ Ibidem, p. 575.

⁵⁵ Serra, Ordep. Hinos Órficos: Perfumes. São Paulo: Odysseus Editora, 2015, p. 328.

outros tipos de oráculos.⁵⁶ Esses textos são divididos em duas categorias: a primeira é de magia aplicada, composta de demonstrações dos resultados de feitiços e rituais que já foram realizados; e, a segunda, é composta por fórmulas mágicas, uma configuração mais prescritiva com fórmulas e instruções para a confecção de amuletos, remédios, encantamentos, amarrações, invocações, instruções para o uso de ervas, exorcismos, leituras astrológicas, hinos dedicado a diversos deuses, menções a anjos, narrativas míticas, instruções oraculares, *Voces Magicae* (palavras de poder), rituais, menções a daimons e diversas outras práticas que almejavam manter o contato direto com o divino. Fragmentos de livros com conteúdo mágico e sagrado que sobreviveram às inúmeras investidas do cristianismo no passado. Hécate é descrita, nesses textos, como uma deusa sombria associada a fantasmas, à magia e à lua (Anexo – E).⁵⁷ Fazendo-se presente em vários amuletos, pedras preciosas gravadas e combinadas com nomes divinos judaicos, sendo representada geralmente em sua forma tripla.⁵⁸ Hécate também é mencionada em inúmeras invocações, e ritos que evidenciam o seu aspecto sombrio, conectado ao mundo subterrâneo e aos fantasmas, algo muito presente no período em que datam esses papiros.

Os Oráculos Caldeus, por sua vez, são um conjunto de versos escritos em hexâmetros que floresceram no segundo e terceiro século d.C. ficando conhecidos entre estudiosos como o primeiro testemunho da *Teurgia*, uma operação que marcaria o desenvolvimento de todo o neoplatonismo.⁵⁹ Esses oráculos são provenientes de uma região antiga conhecida por Caldéia, que englobava a Mesopotâmia central incluindo, principalmente, a Babilônia, transformando esses textos em uma combinação sincrética de elementos neoplatônicos, persas e babilônicos. Hausschild (2019) declara que este conjunto de versos fragmentados, totalizando 300 linhas, chegou até nós através da publicação de Wilhelm Kroll, feita no ano de 1984 contendo diversas citações de filósofos neoplatônicos, sobretudo Proclo.⁶⁰ A organização metafísica dos Oráculos Caldeus é orientada, inicialmente, por uma divindade absoluta chamada de “*Pai*”, onde reside o poder primordial que alimenta o intelecto e

⁵⁶ Cardoso, Patrícia S. *Voces Magicae: O poder das Palavras nos Papiros Gregos Mágicos*. São Paulo, 2016, p. 10.

⁵⁷ Silva, Márcia C. *Bruxaria Hekatina: o caminho da bruxa com a deusa Hekate*. Clube de autores, 2020, p. 12.

⁵⁸ D’este, Sorita; Rankine, David. *Hekate Liminal Rites*. Londres: Avalonia, 2009, p. 70.

⁵⁹ Hauschild, Álvaro K. *A Doutrina do Trabalho Divino: A influência da Teurgia dos Oráculos Caldeus sobre a Filosofia de Jâmblico*. Porto Alegre, 2019, p. 51.

⁶⁰ Hauschild, Álvaro K. *Os Oráculos Caldeus: Contexto Histórico e Filosofia*. Cordex: Revista de Estudos Clássicos. Vol. 6, n.1. Rio de Janeiro, 2018, p. 7.

é dividido em duas funções; 1) a primeira função desse intelecto é a de contemplar as formas do domínio puramente intelectual do pai; 2) a segunda função é a de fabricar e governar o domínio material do pai, nessa segunda função o intelecto seria a figura de Hékate. De acordo com Dillon (1977), de Hékate brotaria a alma do mundo, da qual, por sua, vez emanaria também a matéria e a ordem da natureza governadora de um domínio sublunar.⁶¹ Johnston (1990) em seu estudo afirma, que os papéis cosmológicos preenchidos por Hékate como *Anima Mundi*, dentro dos Oráculos Caldeus, podem ser divididos em três categorias: 1) Hékate como transmissoras das idéias e estruturadora do mundo físico; 2) Hékate como vínculo divisor entre os mundos inteligíveis e o sensível; 3) Hékate como fonte das almas individuais que anima o mundo físico dos homens.⁶²

Desse modo a deusa assumiria um papel de facilitadora entre o vínculo humano e divino. O nome de Hékate se faz presente em cinco dos fragmentos dos Oráculos Caldeus (Anexo – F) são eles os fragmentos 32, 35, 50, 52 e 221, sendo ainda relacionada com o conceito de alma cósmica do mundo em pelo menos 66 fragmentos, e aparecendo também como narrador personagem em até onze.⁶³ Hékate, no contexto dos Oráculos Caldeus, exerce um papel importante de senhora mediadora entre anjos, *daimons* e o *teurgo* individual. Silva (2020) menciona que o termo daimon era utilizado justamente para descrever esses seres dentro da literatura greco-romana, principalmente, durante o séc. II d.C. classificando-os como forças divinas desconhecidas, regentes do cosmos, guardiões pessoais e seres de natureza mutável, que eram liderados por Hékate.⁶⁴ Nesse sentido, Hékate é descrita dentro dos Oráculos Caldeus como uma deusa sublunar, rainha dos *daimons*, mediadora vívida, estruturadora do cosmos e uma fonte inesgotável das almas individuais, que atuaria como uma espécie de guia através da revelação das belezas e do caminho individual de cada alma, para a contemplação do uno e da *henosis*.

Por fim, além dos cinco textos destacados, Hékate também foi mencionada em algumas outras obras gregas, romanas, e bizantinas que vão fazendo menções à deusa de forma fragmentada dentro de suas narrativas. Geralmente ressaltando a

⁶¹ Dillon, John M. The Middle Platonists. Ithaca: Cornell University Press. 1977, pp. 394-395.

⁶² Johnston, Sarah I. Hekate Soteira: A Study of Hekate's Roles in the Chaldean Oracles and Related Literature. Atlanta, GA: Scholars Press, 1990, p. 49.

⁶³ Ibidem, p. 1.

⁶⁴ Silva, Márcia C. Bruxaria Hekatina: o caminho da bruxa com a deusa Hekate. Clube de autores, 2020, p. 75.

genealogia de sua natureza titânide, seus aspectos tríplices, ctônicos, suas associações com Ártemis e Medéia, assim como o seu domínio sobre a vida selvagem e a arte da Pharmakeia⁶⁵. Dentre esses autores podemos destacar: 1) Pseudo-Apolodoro ou Apolodoro; 2) Apollonius Rhodius; 3) Valérius Flaccus; 4) Argonáutica Órfica; 5) Lycophron de Cálcis; 6) Diodorus Siculus; 7) Ovídio; 8) Cícero De Natura Deorum; 9) Sêneca; 10) Bacchylides; 11) Píndaro; 12) Safo; 13) Ésquilo; 14) Eurípides; 15) Aristófanes; 16) Estrabão; 17) Pausânias; 18) Antoninus Liberalis; 19) Eliano; 20) Quintus Smyrnaeus; 21) Nonnus; 22) Higino; 23) Virgílio; 24) Propércio; 25) Apuleio; 26) Plutarco. Hécate também aparece nas narrativas do Suda, considerada a primeira enciclopédia do mundo, escrita em Constantinopla no séc. X d.C. que compilou obras e personagens de forma inovadora (em ordem alfabética), descrevendo Hécate em suas passagens, como portadora das tochas ou como a própria lua.⁶⁶

1.2 - Hécate na Literatura Moderna

Segundo Campbell, a figura da *deusa mãe* adentrou a literatura moderna do século XV, no auge da renascença italiana, a partir da chegada de um padre bizantino que trazia consigo a cópia de um manuscrito grego chamado *Corpus Hermeticum*, que continha escritos herméticos do período clássico tardio, e que datavam da mesma época do nascimento do cristianismo.⁶⁷ A partir da tradução e da proliferação do conteúdo desses escritos entre os artistas e filósofos do período, a arte simbolista ganhou força, unindo elementos clássicos aos cristãos, e possibilitando a essas duas tradições permear toda a renascença, chegando inclusive até a influenciar a arte barroca. Desse modo, a grande deusa mãe passou a ser retratada na arte renascentista de forma sincrética, revelando sempre as suas nuances femininas, às vezes como as musas, Ísis, como a grande serpente, como a lua atrelada ao sol ou até mesmo como a própria virgem Maria. Essa exaltação de uma divindade feminina na arte proporcionou inclusive, às mulheres da época, a oportunidade de encontrar

⁶⁵ Referente a arte de curar, envenenar ou amaldiçoar a partir do uso de plantas.

⁶⁶ Hieronymus Wolf, "Suidae Historica" (tradução para o latim digitalizada). Basileia: J. Oporinum & Heruagium, 1564. (em latim)

⁶⁷ Campbell, Joseph, 1904-1987. Deusas: os mistérios do divino feminino. Ed. Safron Rossi; [tradução Tônia Van Acker]. São Paulo: Palas Athena, 2015, p. 290.

seu próprio papel dentro de uma sociedade que passava por grandes transformações mentais. Por volta do século XVI, Hécate passou a ser mencionada nos escritos de diversos autores da Europa. Giordano Bruno e Cornélius Agrippa foram os primeiros a reviver a figura de Hécate dentro da literatura moderna, associando-a à Diana Romana e a Perséfone Grega. Montgomery, Polwart, William Warner, Nicholas Remy e Edmund Spencer também fizeram menções a Hécate em suas obras no decorrer de todo o séc. XVI.⁶⁸

Influenciado pelos clássicos romanos e pela face de Hécate estabelecida durante o helenismo, Shakespeare passou a mencionar Hécate em seus escritos, citando-a de forma direta ou indireta, ajudando, assim, de forma consciente ou não, a estabelecer no imaginário coletivo popular da época a figura de uma Hécate mais sombria, associada à feitiçaria e a lua que permearia até a idade contemporânea. Obras como: 1) *Sonho de uma noite de verão* (1595-1596); 2) *Hamlet* (1600-1601); 3) *Rei Lear* (1605-1606); 4) *Macbeth* (1605-1606); 5) *Sonetos* (1609); 6) *Tempestade* (1610-1611); 7) *Conto de Inverno* (1610-1611) que demonstram essa forte influência Hekatina na arte shakespeariana. Em *Macbeth*, Hécate é mencionada no ato II (cena I), ato III (cena II), aparecendo em cena como personagem no ato III (cena V) e ato IV (cena I).⁶⁹ A deusa é, então, descrita numa narrativa que contava as aventuras do rei histórico gaélico Macbeth, baseada em crônicas da Inglaterra e da Escócia que Shakespeare utilizou como fonte de inspiração. Tanto em *Hamlet* quanto em *Macbeth*, a presença do caráter sobrenatural se apresenta de forma marcante e de extrema importância para o andamento da ação, além de estar sempre localizado em uma posição muito próxima do personagem principal.⁷⁰ Ao relacionar Hécate com as três irmãs estranha (bruxas) que fazem previsões para Macbeth, Shakespeare transforma a figura de Hécate em um dos elementos centrais no desenrolar da narrativa, um elemento importante ligado a escuridão e ao caráter sombrio da peça, de onde as bruxas retiravam todo o seu poder para ler o futuro. Shakespeare parece trabalhar na narrativa de *Macbeth* com Hécate clássica de Medéia, uma Hécate helênica ligada aos fantasmas e a feitiçaria. Christopher Marlowe, John Milton, Theobaldo Lewis,

⁶⁸ D'este, Sorita. *Hekate Her Sacred Fires: Exploring the Mysteries of the Torchbearing Goddess of the Crossroads*. 1st ed. Londres: Avalonia, 2010, pp. 39-62.

⁶⁹ Carvalho, Thais R. *Hécate, deusa da magia: representação em Macbeth*. São Paulo: Caletrosópio, Vol. 6, n. 1. 2018, pp. 156-161.

⁷⁰ Bradley, Andrew C. *Shakespearean Tragedy: lectures on Hamlet, Othello, King Lear, Macbeth*. London: St. Martins Streyt, Macmillan and co Limitid, 1912, p. 331.

Charles Vallencey, Ebenezer Nados e Thomas Middileton também fazem menções a Hékate no decorrer dos sécs. XVI XVII e XVIII em suas obras.

Ao investigar os cultos agrários que permearam a região do Friuli na Itália, durante os séculos XVI e XVII, o historiador Carlo Ginzburg (1939) compartilhou elementos importantes obtidos a partir da análise de processos documentais, advindos dos interrogatórios do Tribunal do Santo Ofício.⁷¹ Buscando compreender as atitudes religiosas individuais, a mentalidade camponesa da época e o núcleo sincrético de crenças ou confluências dessas populações, o autor fez importantes reflexões, principalmente relacionadas à construção de narrativas, realizadas pelos inquisidores, a partir da confissão extraída de forma duvidosa dos acusados, com o único intuito de consolidar a imagem do feiticeiro diabólico, bem como a ligação desses indivíduos com a desordem, com o mundo dos mortos e sua estreita relação com os chamados de *Benandanti* (“*Andarilhos do bem*”). Estes indivíduos, nasciam empelcados pela bolsa amniótica, e por esse motivo, eram escolhidos para combater as forças do mal e proteger as suas comunidades durante o sono. Eles afirmavam em depoimentos diante do Tribunal do Santo Ofício que, durante certas noites do ano, especialmente durante as mudanças das estações, seus espíritos deixavam o corpo para lutar contra bruxas e demônios. Essa luta ocorria num grande campo aberto, utilizando de ramos de plantas como armas, evidenciando elementos importantes de um culto agrário.

Nessas assembleias, ao que parece não se presta homenagem ao diabo (a cuja presença, aliás, nem mesmo se faz referência), não se renega a fé, não se pisoteia a cruz, não se insultam os sacramentos. No centro delas há um rito obscuro: bruxas e feiticeiros armados com caules de sorgo que se entregam a torneios e combates com *benandanti* munidos de ramos de erva-doce. (GINZBURG, 1988, p. 22).

O autor sugere, que os elementos encontrados nessas práticas de culto dos *Benandanti*, podem ser compreendidas como um culto que compartilhava semelhanças com cultos pagãos mais antigos, ligados, a divindades femininas e a fertilidade. Diana-Hékate é apresentada em narrativas que misturam mitos e superstições populares, procissões noturnas, divindades pagãs femininas, processos

⁷¹ Ginzburg, Carlo. Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. 1939.

liminares de contato com os mortos e degradação feminina. Um conjunto de narrativas que eram construídas a partir das confissões obtidas nos processos inquisitoriais e utilizadas para justificar a perseguição das bruxas durante a Santa Inquisição, como pode ser observado na passagem a seguir:

Não há dúvida de que as cavalgadas noturnas das mulheres adeptas de Diana são uma variante da “caça selvagem”; e explica-se a espantosa presença de Diana, “deusa dos pagãos”, entre esses mitos populares. Identificação erudita, na realidade, de inquisidores, teólogos, pregadores, facilitada por algumas analogias objetivas. Diana-Hécate, com efeito, também é seguida nas suas peregrinações noturnas por um grupo de mortos que não encontram paz: os mortos prematuros, as crianças roubadas cedo demais a vida, as vítimas de morte violenta. (GINZBURG, 1988, p. 63).

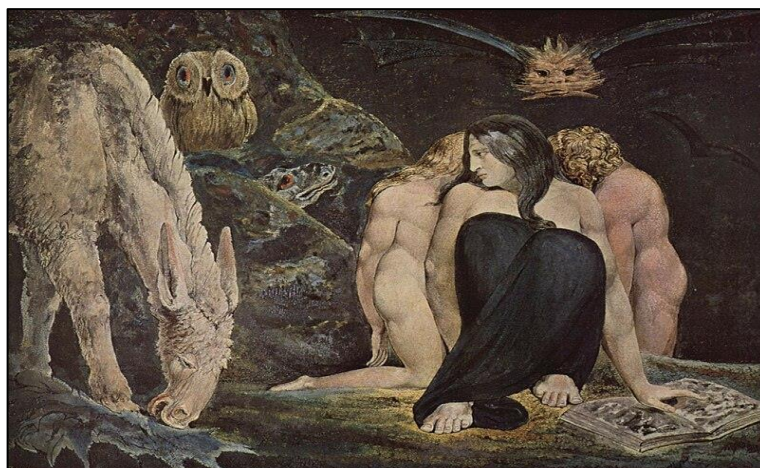
Desse modo, é possível afirmar que, a identidade construída em torno da figura de Hécate na literatura moderna, foi acompanhada intimamente do conceito helênico de divindade sombria, ligada à magia, à lua, aos infernos e à feitiçaria. Uma identidade sustentada por uma sociedade que era acima de tudo, baseada na solidez das coisas imutáveis. Assim como nos aponta Bauman (2001), a partir da ideia de que, a modernidade se constituía, principalmente, por um período marcado pela rigidez de uma sociedade sólida e estável em suas relações, uma sociedade pesada, condensada, sistêmica, rígida e impregnada da tendência totalitária.⁷² Dessa forma, as ideias e estruturas em torno do entendimento da figura de Hécate, nesse período, seguiam essas mesmas convicções, que foram fundamentadas a partir de uma compreensão dessa deusa, baseadas no entendimento de mundo grego.

A obra “A noite da Alegria de *“Enitharmon”* ou *“A tripla Hécate”* do artista inglês William Blake (figura 4), exemplifica a imagem sombria a que era associada Hécate durante o período moderno. A pintura descreve uma Hécate conectada com a bruxaria e a perda humana, fazendo ligação com outra pintura do artista, chamada de *“Pity ou Piedad”* que estaria relacionada com o conceito de salvação, ambas relacionadas à peça Macbeth de Shakespeare.⁷³

⁷² Bauman, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 27.

⁷³ Gilchrist, Alexander -1880. Rossetti, Dante Gabriel; Rossetti, William Michael (eds.). Vida de William Blake: Com seleções de seus poemas e outros escritos. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p.125.

Figura 4 – Hécate, ou A Noite da Alegria de Enitharmon - William Blake -1795.



Fonte: Wikimedia Commons. Foto por The York Project (2002).

1.3 - Hécate na Literatura Contemporânea

No início da idade contemporânea, Hécate surgiu nas páginas do periódico *The Classic Journal*⁷⁴, que apresentava pela primeira vez a contemporaneidade, os textos dos Oráculos Caldeus. Nessa primeira tradução do grego antigo para o inglês, que foi realizada pelo neoplatonista e grande admirador da filosofia helênica Thomas Taylon (1797), no qual, Hécate é descrita de acordo com a teologia Caldéia, como a grande *Salvadora e Alma Cósmica do Mundo*.⁷⁵ Uma visão de Hécate neoplatônica, diferente do que era encontrado no entendimento moderno. Charles Leslie, Gunderode, Evan M'Coll e Oscar Wilde também fizeram contribuições a passagem de Hécate durante o séc. XIX, utilizando de atribuições mais obscuras sobre essa deusa em seus escritos. Helena Blavatsky (1888), após fundar a sociedade teosófica, em 1877, para divulgar os ensinamentos da teosofia a partir de uma grande influência oriental, descreveu Hécate em sua literatura como uma deusa da morte e da magia. Para a ocultista a deusa era compreendida como a personificação da lua, cujos fenômenos eram

⁷⁴ Disponível digitalmente como coletânea, https://play.google.com/books/reader?id=Voo_AAAAYAAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR&pg=GBS.PA335. Acesso em 15 de out. 24.

⁷⁵ Taylor, Thomas. Collection of the Chaldean Oracles,” in The Monthly Magazine and British Register, vol. III., 1797.

triádicos, advindos da junção Diana-Hékate-Luna, que, a mesma, comparava a trindade sagrada do Hinduísmo Brahmâ-Vishnu-Shiva, pelo fato de ambas estarem relacionadas à criação, a preservação e a destruição.⁷⁶

William Wynn Westcott, co-fundador da Ordem Hermética do Amanhecer Dourado (*Hermetic Order of Golden Dawn*), anos mais tarde, publicou uma coletânea de estudos Herméticos, onde apresentava diversos assuntos que traziam o hermetismo como a porta de entrada para o ocultismo ocidental. Essa coletânea também continha uma tradução dos Oráculos Caldeus feita por William, onde Hékate era descrita como “*Útero Produtor da Vida*”, “*Fonte de Toda a Virtude*”, e um tipo de força vivificante do fogo, dotada de grande poder, igualada à fonte primária do pai, de onde teria se originado todas as ideias primo geniais.⁷⁷ No ano seguinte Farnell (1896), na obra “*The Cults of the Greek States*” capítulo XVI, apresenta uma análise sobre as representações de Hékate na arte das cidades gregas, conduzindo um debate sobre o caráter ctônio da deusa em suas primeiras representações de forma única, e sua associação com a lua, a partir de imagens tríplice posteriores ao séc. V. a.C., além de também fazer apontamentos sobre a origem de Hékate, inaugurando um dos debates mais acalorados entre estudiosos sobre a origem de seu culto.⁷⁸ Eliphas Lévi (1898), considerado um dos ocultistas mais influentes do século XIX, também mencionou Hékate em sua literatura, descrevendo-a no capítulo IV “*A Dupla Caldeia*” da obra “*Le Grand Arcane*”, como “*Infernal Hékate*” ou “*Tríplice Hékate*”, uma divindade associada à lua, a Diana romana e ao submundo.⁷⁹

A presença de Hékate na literatura do século XX é marcada pelos escritos de Aleister Crowley, recebendo grande destaque nas páginas de “*Moonchild*”, romance escrito pelo ocultista no ano de 1917. Uma obra que carregava a mensagem de Thelema dentro de um romance no qual seus personagens foram imaginados e criados para dramatizar e ilustrar tais práticas esotéricas. O conceito thelemita de Crowley está relacionado à lei “*Faça a sua vontade*” que em outras palavras significa mergulhar em si mesmo e coloca-se em paz com todas as forças que lá encontrar, compreendendo dessa forma todas as ciências e as éticas que permeiam a

⁷⁶ Helena, Blavatsky P. A Doutrina Secreta: Síntese de Ciência, Filosofia e Religião. Vol. II Simbolismo arcaico universal (Trad. Raimundo Mendes Sobral). São Paulo: Ed. Pensamento, 2015, p. 95.

⁷⁷ The Chaldaean Oracles of Zoroaster, editados y revisados por Sapere Aude (inglês). Traducción de William Wynn Westcott, con una introducción de L. O. Percy Bullock (1895).

⁷⁸ Farnell, Lewis R. The Cults of The Greek States. Vol. II. Oxford: At the Clarendon Press, 1896, pp. 499-554.

⁷⁹ Lévi, Eliphas. Le Grand Arcane. Chamuel Éditeur. 1898.

humanidade.⁸⁰ Suas maiores influencias teriam sido as obras do padre François Rabelais e ideias que misturavam o ocultismo oriental e ocidental, yoga, misticismo e a cabalá. Hécate aparece nas páginas de *Moonchild* associada às faces da lua e conectada com aspectos mais sombrios, sendo descrita por Crowley como um ser completamente infernal, estéril, hediondo, malicioso, uma grande rainha da morte e da bruxaria maligna, um ser de alma negra que passou toda a esperança da maternidade, uma criatura cheia de inveja e de ódio pelos mortais felizes.⁸¹ Dion Fortune (1930) também fez menções a Hécate em sua obra, atribuindo à deusa, uma grande conexão profunda com a esfera lunar.⁸²

1.4 - Hécate na Literatura Pós-Moderna

O termo pós-moderno foi defendido e utilizado por estudiosos que negavam o fim da modernidade como Anthony Giddens, Ulrich Beck, Georges Balandier, Jurgen Habermas e Zygmunt Bauman para designar as transformações ocorridas na sociedade ocidental do séc. XX, e intensificadas após a segunda guerra mundial. Lyotard (2009), afirma que a pós-modernidade pode ser entendida como um momento crucial do fim das crenças nos metarrelatos ou grandes narrativas, atribuindo esse efeito de mudança, principalmente ao progresso da ciência e seus avanços tecnológicos.⁸³ Brandão (2016) defende, baseado nas afirmativas de Bauman e Giddens, que não devemos compreender a pós-modernidade como uma ruptura com a modernidade, mas sim como sua continuidade, como o seu aprofundamento.⁸⁴ Dessa forma, em meio ao processo de desconstrução das explicações absolutas advindas da modernidade, Hécate chega à literatura da pós-modernidade atrelada a um conceito de divindade mais universalista, surgindo no ano de 1948, nas páginas de *“A Deusa Branca” (The White Goddess)*, um ensaio sobre a natureza do surgimento

⁸⁰ Campos, Humberto M. Thelema em Aleister Crowley: Magick e Ciência da Religião. Juiz de Fora, 2018, p. 122.

⁸¹ Crowley, Aleister. *Moonchild*. First published in Great Britan by The Mandrake Press: London, 1929, p. 221.

⁸² Fortune, Dion. *Psychic Self-Defense*. London, Rider. & Co, 1930.

⁸³ Lyotard, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olimpíio, 2009, p. xvi.

⁸⁴ Brandão, Hugo. *Religião na Pós-Modernidade*. São Paulo: Ciência das Religiões: história e sociedade, v 14, n.1, 2016, p. 60.

dos mitos poéticos, escrito pelo poeta, romancista e crítico literário Robert Graves.⁸⁵ Na obra, Graves reinterpreta a figura da deusa mãe adorada por civilizações antigas, a qual chama de “*Deusa Branca*” como uma personificação da natureza e do poder feminino, relacionando-a, principalmente, a elementos de fertilidade, magia, mistério e interpretação poética. Os conceitos do autor sobre a deusa branca, influenciariam diretamente a Wicca de Gardner e o esoterismo em geral nos anos seguintes.

Hékate é apresentada no capítulo vinte e dois da tradução brasileira, intitulada “*The Triple Muse*” como uma das manifestações da deusa branca, inserida no conceito de deusa tríplice (donzela, mãe e anciã), a partir da análise de mitos e poemas escritos sobre ela.

Como deusa do submundo ela se preocupava com o nascimento, a procriação e a morte. Como deusa da terra ela se preocupava com as três estações: primavera, verão e inverno: ela animava árvores e plantas e governava todas as criaturas vivas. Como deusa do céu ela era lua, em suas três fases de lua nova, lua cheia e lua minguante. Isso explica por que de uma tríade ela foi tantas vezes ampliada para uma enéada. Mas nunca se deve esquecer que a deusa tríplice, adorada, por exemplo, em Stymphalus, era uma personificação da mulher primitiva – a mulher, a criadora e a destruidora. Como a lua nova ou a primavera ela era menina; como a lua cheia ou verão ela era mulher; como a lua velha ou inverno ela era a bruxa. (GRAVES, 2004, p. 386)

A partir da narrativa de Graves, é possível compreender que a figura de Hékate, mesmo estando conectada a face sombria da sábia anciã, que relacionada à magia, às encruzilhadas e à lua, em muitas das suas representações poéticas e literárias, ainda assim, é descrita como uma faceta importante da deusa branca, que carrega características universais associadas a muitos outros aspectos. Uma figura mitológica que evoluiu através dos séculos, incorporando elementos de outras culturas e tradições para se tornar poderosa, multifacetada e ressignificada por Robert Graves.

Esse novo entendimento benevolente e universal da figura de Hékate, difere da compreensão solidificada que se tinha da deusa, como a grande feiticeira no período moderno. Nesse contexto, a Hékate pós-moderna, passa a ser compreendida como uma divindade multifacetada e com características menos obscuras, não

⁸⁵ The White Goddess: a Historical Grammar of Poetic Myth (London: Faber & Faber) [Corr. 2nd ed. also issued by Faber in 1948] [US ed.= New York, Creative Age Press, 1948]

ultrapassando ou superando a compreensão moderna e anterior, de uma deusa rainha da feitiçaria ou líder de fantasmas, mas sim, complementando-a, tal como é proposto pelos que defendem a ideia da pós-modernidade, como um conceito de complemento e aprofundamento da modernidade.⁸⁶

Ao longo do século XX, debates acadêmicos relacionados à Hékate ganharam destaque, principalmente aqueles voltados à origem de seu culto. Em 1960, o alemão Theodor Kraus apresentou o primeiro diálogo moderno sobre Hékate, relacionado a monumentos e cultura material, onde o autor fez um estudo aprofundado sobre a natureza de Hékate na Ásia Menor e na Grécia, defendendo a sua origem anatoliana. Na mesma década o britânico West Martin publicou uma tradução da Teogonia de Hesíodo⁸⁷, concordando com a ideia de Kraus de que realmente o culto a Hékate teria se originado na Ásia Menor. Willian Berg contesta as teorias dos autores citados acima, defendendo que a origem do culto de Hékate estaria na Grécia Micênica. Walter Burkert (1985) descreveu Hékate como uma deusa de caráter independente muitas vezes associada à Ártemis, defendendo sua origem anatoliana, e ainda, a tese de que a própria família de Hesíodo teria sido devota dessa deusa.⁸⁸ Charles Edwards publicou no ano de 1986, no jornal americano de arqueologia um artigo no qual atribui a estátua *Running Maiden* (donzela em fuga) como sendo uma das representações clássicas mais antigas de Hékate inserida no contexto dos mistérios de Elêusis, a partir de suas conexões com o mito do rapto de Perséfone.⁸⁹ No ano de 1990, a especialista em mitos e religiões na Grécia antiga Sara Iles Johnston, escreve o clássico *“Hekate Soteira”*, uma obra fruto da revisão de sua dissertação de doutorado com foco no estudo do papel de Hékate dentro dos oráculos caldeus, utilizando idéias platônicas e toda literatura relacionada.⁹⁰ Em 1991, Lynn Roller escreveu um artigo para uma revista de estudos helênicos fazendo uma análise sobre o culto anatoliano frígio e sua fusão com elementos e divindades gregas, um estudo embasado pela literatura e a arqueologia indicando apontamentos pertinentes sobre a influência intercultural entre ambos. Hékate é mencionada nesse estudo como uma possível

⁸⁶ O conceito de pós-modernidade utilizado nesse estudo, não se propõe a englobar todas as mudanças ocorridas na sociedade atual. Entende-se, que o termo tem suas limitações e divergências. Porém, é utilizado, na perspectiva múltipla do conceito que leva a compreensão, de que, a pós-modernidade não representa uma ruptura com a modernidade e sim a sua continuidade aprofundada.

⁸⁷ West, Martin L. *Hesiod Theogony*. Oxford: At the Clarendon Press, 1966.

⁸⁸ Raffan, John. *Greek Religion*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press. 1985.

⁸⁹ Edwards, Charles M. *The Running Maiden from Eleusis and the Early Classical Image of Hekate*. *American Journal of Archaeology*, Vol.90, N. 3 (jul.,1986), pp. 307-318.

⁹⁰ Johnston, Sarah I. *Hékate Soteira*. 1st ed. Atlanta: Scholar Press; 1990.

divindade que aparecia segurando tochas, próximo as imagens da grande mãe anatoliana, sendo descrita como um dos exemplos de representação grega dessa divindade, apontando para uma parte mais ctônia da mãe frigia, uma face obscura ligada à morte e ao mundo subterrâneo.⁹¹ Stephen Ronan ao escrever sobre Hécate em 1992 descrevendo-a como uma divindade poderosa e de aparência terrível em seu livro, que é acompanhado de uma compilação de outros estudos sobre essa divindade.⁹²

Nos anos 2000, temos as obras da pesquisadora holística Sorita D'este fundadora do *Covernat of Hekate*. Em 2006 Sorita publicou uma compilação de ensaios relacionada às práticas pessoais de devotos modernos com Hécate.⁹³ Em 2009, junto de David Rankine, Sorita escreveu sobre os ritos liminares de Hécate, recorrendo a uma ampla gama de fontes históricas sobre a deusa, e fornecendo novos elementos de práticas devocionais para o culto contemporâneo.⁹⁴ No ano de 2010 a autora apresentou uma nova seção de ensaios envolvendo a experiência de práticas devocionais de 50 Hekatinos.⁹⁵ Em 2017, Sorita passou a reunir pesquisas acadêmicas em uma única obra, destacando a natureza múltipla e universal de Hécate, além de também explorar seus mitos e suas conexões com outras divindades, fazendo a junção entre arqueologia, literatura e iconografia relacionadas à deusa.⁹⁶ Todos os trabalhos da autora, abriu portas para novas pesquisas dentro da comunidade, tornando Sorita uma das principais referências de indicação de fontes sobre Hécate, e práticas devocionais dentro do culto Hekatino no contemporâneo.

1.5 - Hécate na Literatura Brasileira

Na literatura brasileira sobre a figura de Hécate, encontramos a primeira menção à deusa na década de 1960, em uma crônica espírita escrita por Herculano Pires para o jornal *Diário de São Paulo*, intitulada de “*Os Três Caminhos de Hécate*”.

⁹¹ Roller, Lynn E. The Great Mother at Gordion: The Hellenization of Anatolian. Cult. Journal of Hellenic Studies. 1991.

⁹² Ronan Stephen. The goddess Hekate. Hastings, Chthonios livros, 1992.

⁹³ D'este, Sorita. Hekate: Keys to the Crossroads: A collection of personal essays, invocations, rituals, recipes and artwork from modern Witches, Priestesses and Goddess of Witchcraft, Magick and Sorcery. Londres: Avalonia; 2006.

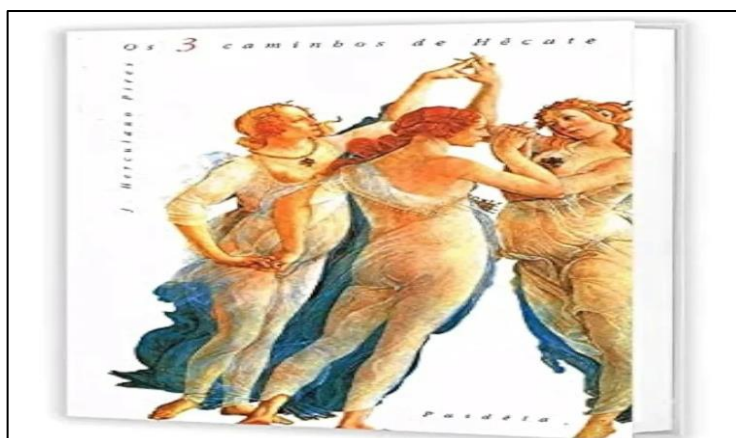
⁹⁴ D'este, Sorita & David, Rankine. Hekate Liminal Rites. Londres, Avalonia; 2009.

⁹⁵ D'este, Sorita, ed. Hekate Her Sacred Fires: Exploring the Mysteries of the Torchbearing Goddess of the Crossroads. 1st ed. Londres: Avalonia; 2010.

⁹⁶ Deste, Sorita. Cicle for Hécate - Volume I: History & Mythology, Avalonia-2017.

Nela o autor, com o pseudônimo de Irmão Saulo, apresentou uma abordagem sobre Hécate enquanto conceito de “*Alma Cósmica do Mundo*” presente nos Oráculos Caldeus.⁹⁷ Essas crônicas foram reunidas e publicadas em formato de livro, em 2020, pela editora Boa Nova, com uma capa ilustrando a Hécate tripla (Figura 5). Nessa nova edição, as crônicas foram separadas conforme os assuntos abordados: Ciência, Filosofia e Religião, sem nenhuma alteração de seu conteúdo. Márcia Frazão em “*Revelações de uma Bruxa*”, livro publicado no ano de 1994, descreveu Hécate como uma deusa grega ligada à noite, à sabedoria e ao subterrâneo, atribuindo-a a uma das faces anciã da deusa tríplice.⁹⁸

Figura 5 – Capa do livro “Os três Caminhos de Hécate”.



Fonte: <https://www.candeia.com/tres-caminhos-de-hecate-os/p>

No primeiro livro escrito sobre Wicca do Brasil, nos anos 2000, também encontramos menções a Hécate. Na obra, Claudiney Prieto apresenta Hécate como uma das faces anciã da deusa tríplice, adorada na Wicca.⁹⁹ Em 2001, a respeitada líder espiritual Mirella Faur, escreveu sobre Hécate em seu “*Anuário para a Grande Mãe*”, descrevendo a deusa como tríplice, fazendo conexões entre Hécate, procissões e encruzilhadas, apontando as primeiras menções históricas ligadas ao contexto

⁹⁷ Pires, Herculano J. Os Três Caminhos de Hécate; Coluna de Crônicas Espíritas: São Paulo: Jornal Diário de São Paulo. 1965.

⁹⁸ Frazão, Márcia. Revelações de uma Bruxa. Rio de Janeiro, 1994.

⁹⁹ Prieto, Claudiney. Wicca, A Religião da Deusa. São Paulo: Ed. Gaia, 2000.

grego e anatoliano de culto a essa divindade.¹⁰⁰ Anos mais tarde, surgiu o primeiro livro de práticas devocionais relacionadas à Hécate em solo brasileiro, escrito em 2012, por Naelyan Wyvern e Dylan Siege, que buscaram compartilhar suas experiências dentro do culto Hekatino, a fim de guiar devotos iniciantes sugerindo formas de celebrações.¹⁰¹

A obra *“Deusas negras”* de Eddie Van Feu marcou o ano de 2017 como o primeiro livro brasileiro a tratar, especificamente do culto a deusas do submundo, misturando diversos panteões religiosos. Hécate é identificada, no livro, como a deusa dos dez mil nomes, por conta de seus inúmeros epítetos, divindade tríplice e rainha dos mortos. A autora ainda apresenta o contexto histórico referente à Hécate, além de fazer uma boa indicação bibliográfica sobre a deusa.¹⁰² Em 2020, a devota e Sacerdotisa Hekatina Márcia Silva, publicou como parte de seu devocional para com Hécate, um livro que entraria para a história da tradição Hekatina brasileira, intitulado de *“Bruxaria Hekatina”*, no qual Hécate é apresentada como uma deusa multifacetada, de caráter universal, detentora de um culto próprio. O livro aborda práticas devocionais, ritualísticas e mágicas com Hécate, além de trazer uma gama de fontes literárias que ajudaram a propagar e fundamentar o culto contemporâneo de Hécate no meio esotérico brasileiro. A autora e sua obra se tornaram uma grande referência no Brasil sobre as práticas de culto moderno com Hécate.

No campo acadêmico brasileiro temos, inicialmente, o artigo de Sarian Haiganuch (1998), publicado na *Revista do Museu de Arqueologia de São Paulo*, abordando as semelhanças iconográficas entre as deusas Hécate e Ártemis.¹⁰³ Trícia Carnevale (2012), em sua dissertação de mestrado, discutiu sobre a representação de Hécate como deusa das feiticeiras, no imaginário popular do período clássico até a sua chegada no ocidente; uma obra que contribuiu para o debate acadêmico e para o culto Hekatino brasileiro, por citar fontes históricas que explicavam como o mundo antigo percebia essa divindade e definia suas práticas devocionais de culto à ela.¹⁰⁴

¹⁰⁰ Faur, Mirella. Anuário da Grande Mãe: Guia prático de Rituais para Celebrar a Deusa. São Paulo: Ed. Gaia, 2001.

¹⁰¹ Siegel, Dylan; Wyvern, Naelyan. A magia de Hécate: uma roda do ano com a rainha das bruxas. São Paulo: Madras, 2012.

¹⁰² Feu, Eddie V. Deusas Negras. Rio de Janeiro: Ed. Linhas tortas, 2017.

¹⁰³ Sarian, Haiganuch. Ártemis e Hécate em Delos: apontamentos de iconografia religiosa. São Paulo: Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, 8: 145-153. 1998.

¹⁰⁴ Carnevale, Trícia M. Hecate, de deusa ctônica dos atenienses do período clássico à deusa da feitiçaria no imaginário social do Ocidente. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2012.

Thais Rocha de Carvalho (2019) fez uma grande contribuição ao analisar as representações de Hécate e Perséfone na poesia grega arcaica, trazendo importantes apontamentos sobre o papel de Hécate dentro do Hino Homérico a Deméter II e sua participação nos mistérios de Elêusis.¹⁰⁵ Jaqueline Silva (2021) em sua monografia, refletiu sobre as representações de culto a Hécate presentes na Teogonia de Hesíodo, no Hino Homérico a Deméter II e no Hino Órfico, fazendo uma excelente contribuição a pesquisadores e devotos Hekatinos que estavam iniciando sua jornada com a deusa Hécate no cenário brasileiro.¹⁰⁶

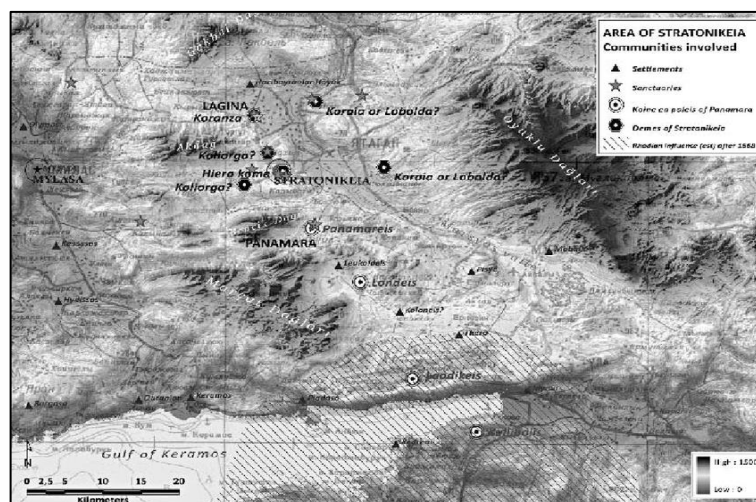
A produção historiográfica e literária, em torno da figura de Hécate no Brasil atual, acontece de forma gradativa e emergente, onde, muitos dos adeptos dessa tradição, estão inseridos no contexto acadêmico, voltando-se para discussões sobre o entendimento histórico dessa divindade, em a círculos de estudos, fóruns, e laboratórios, principalmente, relacionados ao Novo Paganismo. Apesar da vasta literatura já mencionada, ainda assim, existe uma grande dificuldade em encontrar referências específicas, que se debrucem sobre a análise metodológica dessa tradição religiosa. A expectativa é que esse estudo possa ser o primeiro a mapear tais questões, acendendo novas centelhas entre os pesquisadores brasileiros contemporâneos dessa divindade.

¹⁰⁵ Carvalho, Thais R. Perséfone e Hécate: A representação das Deusas na Poesia Grega Arcaica, São Paulo, 2019.

¹⁰⁶ Silva, Jaqueline. Hécate, do culto às representações: Teogonia, Hino Homérico a Deméter e Hino Órfico a Senhora Trívia. Goiânia. 2021.

2. Stratonikeia e Lagina

Figura 6 – Mapa das comunidades locais envolvidas com Stratonikeia.



Fonte: Sanctuaries as turning points in territorial formation. Lagina, Panamara and the development of Stratonikeia - Scientific Figure on ResearchGate. Available from: https://www.researchgate.net/figure/Map-of-local-communities-involved-with-Stratonikeia-and-Panamara-The-octagons-show-those_fig2_258995749 [accessed 15 Mar, 2024]

Stratonikeia foi uma cidade fundada sob as mediações de um antigo assentamento macedônico, localizado na região da Cária (Ásia Menor). O rei Seleuco Nicator I, como general remanescente do império de Alexandre “O Grande”, conhecido por suas conquistas e responsável pela difusão cultural grega, dominou toda a região da Ásia Menor após a sua morte. Stratonikeia, foi uma região muito importante para o mundo antigo, situada ao leste e sudeste de Mylasa¹⁰⁷ e ao sul do rio Mársias (Figura 6), no interior da antiga Cária. Rudloff (1992) afirma que a Cária possuía ligações importantes com as cidades gregas desde a idade do Bronze.¹⁰⁸ Sogut (2019) aponta que a região foi mencionada nas cartas hititas de Tudhaliya e Milawata dos reinados de Hattushili III (1267-1237 a.C.) e Tudhaliya IV (1237-1209 a.C.) identificada, inicialmente, pelo nome de Atriya, e depois chamada de Chrysaoris, Idrias, Hekatesia

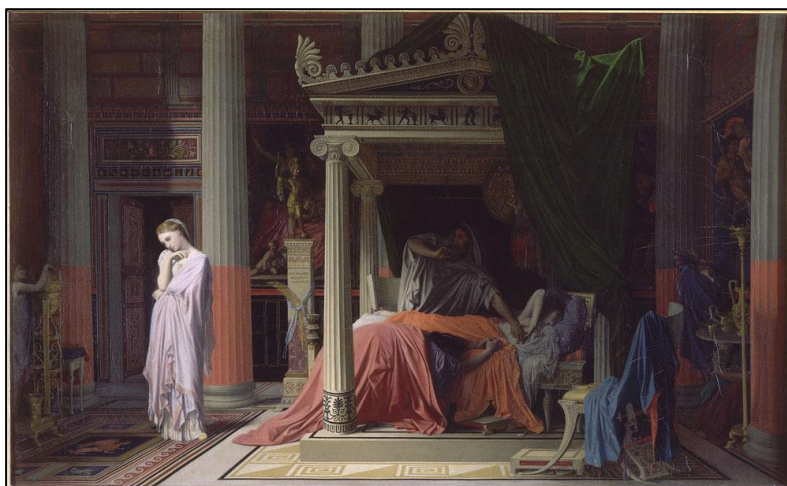
¹⁰⁷ Atual Milas (Turquia), é um município e distrito da província de Muğla, rico em história e vestígios antigos.

¹⁰⁸ Rudloff, Robert V. Hekate in Ancient Greek Religion. Victoria: Horned Owl Press 1992, p. 51.

e Adrianopolis, conforme as descrições do viajante Pausânias.¹⁰⁹ Antes de ser fundada, a futura Stratonikeia, passou pelo domínio do império Aquemênida, também conhecido como o “primeiro grande império persa”. Apesar de ser um antigo assentamento macedônico, Stratonikeia, após a sua fundação, foi admitida na liga crisaórica, uma liga pertencente às aldeias carianas, da qual os indivíduos se reuniam frequentemente para discutir assuntos políticos e religiosos, ficando conhecida em um período posterior como “a cidade dos gladiadores”.¹¹⁰

Sua fundação ocorreu, provavelmente, em 260 a.C. por Antíoco I, que deu o este nome em homenagem a rainha Stratonike, esposa de seu pai rei Selêuco I, que foi oferecida a Antíoco I em casamento, pelo fato dele estar perdidamente apaixonado por ela, e ter adoecido gravemente por causa desse amor impossível.¹¹¹

Figura 7 – O Mal de Antíoco, ou Antíoco e Stratonike.



Fonte: Por Jean-Auguste Dominique Ingres - Harry Brejat/RMN, Domínio público,
<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=17170641>

O Mal de Antíoco (Figura 7), designada também Antíoco e Stratonike (em francês: La Maladie d'Antiochus, ou Antiochus et Stratonike) é uma pintura a óleo sobre tela de Jean-Auguste-Dominique Ingres datada de 1840 e conservada no Musée Condé de Chantilly.¹¹² Após o casamento de Antíoco I e Stratonike, a cidade

¹⁰⁹ Sogut, Bilal. Stratonikeia Eskihisar Ve Kutsal Alanlari (Stratonikeia Çalışmaları 3). Ege Yayınları, 2019, p. 286.

¹¹⁰ Bean, George E. Turkey Beyond The Maeander. London: Ernest Benn Limited, 1971, p. 89.

¹¹¹ Williamson, Christina G. Urban Rituals in Sacred Landscapes in Hellenistic Asia Minor. Series: Religions in the Graeco-Roman World. Vol. 196. Boston: Brill, Leiden, 2021, p. 245.

¹¹² Garnier, Nicole P. Chantilly. Musée Condé - Peintures des XIXe et XXe siècles. Edité par Réunion des musées nationaux / Musée Condé, 1997, pp. 213-214.

recebeu o nome de sua rainha como prova de seu amor, passando a utilizar o nome de Stratonikeia a mais ou menos 3000 anos.

A cidade era composta de um teatro, construído no período helenístico, com capacidade para 12 mil pessoas; um templo periférico construído próximo do teatro que data do período imperial; um ginásio construído no séc. II a.C., que ficou conhecido como o maior ginásio do período clássico; uma grande fonte; uma biblioteca; uma casa de senado utilizada para reuniões e assembleias; uma casa de banho e latrina, e um par de portões em arco, que marcava o ponto de ligação entre Stratonikeia e o Santuário de Hékate em Lagina, ambos conectados pela estrada sagrada ladeada de túmulos. Bean (1989) acrescentou baseado nas afirmações do viajante Estrabão, que os reis selêucidas teriam adornado a recém fundada cidade com construções grandiosas e caras, durante o período inicial de dominação, vindo a presentear a cidade de Rodes, posteriormente.¹¹³ Após a campanha cariana de Felipe V da Macedônia em 201-198 a.C. Stratonikeia saiu do domínio rodiano e foi declarada livre por Roma, dando início a sua liberdade econômica.¹¹⁴ A cidade passou, então, a cunhar as suas próprias dracmas (moedas) com imagens de Hékate e Zeus, como pode ser identificado na figura 8, tornando-se um centro de riqueza e comércio importante para a região da Cária.

¹¹³ Bean, E George. *Turkey Beyond The Maeander*. London: Ernest Benn Limited, 1971, p. 80.

¹¹⁴ Sogut, Bilal. *Stratonikeia Eskihsar Ve Kutsal Alanlari (Stratonikeia Çalismalari 3)*. Ege Yayinlari, 2019, p. 287.

Figura 8 – Dracma de prata de Stratonikeia com busto de Hékate.



Fonte: HekateofLagina: a goddess performing her civic duty - Scientific Figure on ResearchGate. Available from: https://www.researchgate.net/figure/Silver-Drachm-of-Stratonikeia-with-bust-of-Hekate-on-obverse-and-Nike-on-reverse-188-125_fig5_362771103 [accessed 18 Mar, 2024].

2.1 Stratonikeia e seus Santuários

Inspirada nas práticas de outras cidades próximas, Stratonikeia absorveu os santuários rurais de Hékate, em Lagina, próximo ao vilarejo de Koranza, e o Santuário de Zeus localizado em Panamara. Williamson (2023) aponta que, a absorção desses dois santuários serviu para promover uma coesão social interna, fornecendo uma identidade regional mais ampla para Stratonikeia, além de também possibilitar uma melhor consolidação das comunidades incorporadas pela cidade e melhorar o posicionamento da jovem polis, no mapa regional e global do mundo antigo.¹¹⁵ Desse modo Hékate e Zeus passaram, então, a serem adorados em Stratonikeia como divindades cívicas e principais protetores da cidade.

Após o longo período de resistência, ocorrido em 88 a.C., durante as Guerras Mitridáticas, que visavam quebrar o domínio romano sobre a Ásia Menor, Stratonikeia

¹¹⁵ Williamson, Christin G. *Urban Rituals in Sacred Landscapes in Hellenistic Asia Minor*. Series: Religions in the Graeco-Roman World. Vol. 196. Boston: Brill, Leiden, 2021, p. 241.

recebeu do General romano, Lúcio Cornélio Sula o “Senatus Consultum”, um importante documento que reconhecia, formalmente, a lealdade da cidade ao império romano, isentando-a de impostos e concedendo inúmeras outras concessões políticas. O Senatus Consultum tratava, principalmente, da proteção entorno do Santuário de Lagina e da permissão para a expansão territorial.

Esse documento foi escrito nas paredes do Santuário de Lagina, em conjunto com nomes de 57 cidades carianas que testemunharam e validaram a carta, e participaram das comemorações da Hecatésia-Romaia. Atualmente, Stratonikeia encontra-se na vila de Eskihisar, na província de Muğla (Turquia), na posição de um importante sítio arqueológico, localizado próximo da estrada intermunicipal D.330, que liga o centro do distrito de Yatağan a Bodrum.

2.2 - O Santuário de Zeus Panamaros

O Santuário de Zeus em Panamara, era um importante centro de culto regional já estabelecido, governado por uma federação (Koinon), localizado na parte sul da Cária, com diversas comunidades a sua órbita, em uma região sócio-política favorável. O Santuário, ficava posicionado no topo de uma colina chamada de “*Asar Tepe*”, cerca de 13 km a sudeste de Stratonikeia (Figura 9).¹¹⁶ Acredita-se, que este Santuário, seja a continuação do culto de Komyros, uma divindade local da Cária, que a partir da chegada dos helenos, passou a ser chamado de Zeus Kários e transformada em Zeus Panamaros.¹¹⁷

¹¹⁶ Ibidem, pp. 341-344.

¹¹⁷ Sogut, Bilal. Stratonikeia Eskihisar Ve Kutsal Alanlari (Stratonikeia Çalışmaları 3). Ege Yayınları, 2019, p. 319.

Figura 9 – Ruínas do Santuário de Zeus Panamaros no topo da colina Asar Tepe.



Fonte: <https://onedio.com/haber/yatagan-da-bulunan-zeus-panamaros-kutsal-alani-na-yuksek-gerilim-diregi-dikilmesine-isyan-eden-arkeolog-1075669>

Zeus Panamaros, Crisaoreu, Zeus Kários, ou deus da montanha, era adorado junto de uma divindade feminina local, chamada de Teleia, ou Hera, ambos cultuados pelas comunidades carianas próximas, durante os festivais que ocorriam no santuário.¹¹⁸

O Santuário foi absorvido de forma gradual por Stratonikeia, com o principal intuito de estreitar relações com as comunidades ao sul, que já tinham vínculos estabelecidas como império Ptolomaico, na tentativa de conter o avanço do império de Ptolomeu na região. Dessa forma, ao promover Zeus, como uma das divindades protetoras da cidade, Stratonikeia mudou o foco do santuário para a sua área urbana.¹¹⁹ De acordo com a mitologia local, em 39 a.C., Panamaros sofreu um ataque de Labieno e as tropas do império parta, durante um dos principais festivais dedicado ao deus da colina, que ocorria no inverno. No entanto, o ataque foi frustrado, por uma grande tempestade, acompanhada de raios, trovões e uma forte neblina, que expulsou as forças invasoras, e fez com que os presentes, acreditassem na intervenção divina protetora de Zeus. O episódio ficou conhecido como a “*Epifania de Zeus*”, e passou a ser celebrado com um grande festival chamado de Panamareia, no qual acontecia

¹¹⁸ Oppermann, Hans. Zeus Panamaros. RGVV. xix.3, 1924, p. 86.

¹¹⁹ Williamson, Christina G. Urban Rituals in Sacred Landscapes in Hellenistic Asia Minor. Series: Religions in the Graeco-Roman World. Vol. 196. Boston: Brill, Leiden, 2021, pp. 344-345.

uma grande procissão rumo a Stratonikeia, além de também determinar, o início da cunhagem de dracmas (moedas), com o rosto de Zeus Panamaros, que a partir desse acontecimento, recebeu o epíteto de “*Sóter*”, o mesmo que salvador.¹²⁰ O Deus que morava na montanha passou, então, a visitar a cidade, acompanhado de uma cerimônia que se repetia anualmente, no qual a sua representação era colocada no anexo do santuário da cidade, e lá, recebia sacrifícios de gado, celebrando a introdução oficial do culto a cidade.¹²¹

Figura 10 – Ruínas do Santuário de Zeus Panamaros, Yatagan, Turquia.



Fonte: <https://onedio.com/haber/yatagan-da-bulunan-zeus-panamaros-kutsal-alani-na-yukse-gerilim-diregi-dikilmesine-isyan-eden-arkeolog-1075669>

Panamara e seu ambiente (Figura 10), ainda não foram submetidos a uma investigação arqueológica aprofundada, e grande parte da paisagem original, já foi perdida por conta da exploração de linhito ou carvão marrom, por meio da mineração a céu aberto.¹²² No culto moderno à Hécate, Zeus Panamaros ou Grego, não aparece na relação dual com a deusa, em celebrações ou devoções. No entanto, há adeptos do culto que percebem relações maternais ou conjugais entre essas duas divindades.

¹²⁰ Williamson, Christina G. *Urban Rituals in Sacred Landscapes in Hellenistic Asia Minor*. Series: Religions in the Graeco-Roman World. Vol. 196. Boston: Brill, Leiden, 2021, pp.337-338.

¹²¹ Oppermann, Hans. Zeus Panamaros. *RGVV*. xix.3, 1924, p. 85.

¹²² Williamson, Christina G. *Urban Rituals in Sacred Landscapes in Hellenistic Asia Minor*. Series: Religions in the Graeco-Roman World. Vol. 196. Boston: Brill, Leiden, 2021, p. 331.

2.3 - O Santuário de Hékate em Lagina

O Santuário de Hékate em Lagina ficava localizado a mais ou menos 8 km da cidade de Stratonikeia, ocupando uma área de 113x150m (Figura 11), ligado a cidade pela estrada sagrada, por onde passava a grande procissão das chaves em dias festivos. Os achados arqueológicos encontrados no perímetro do Santuário confirmam que as atividades na região remontam a Idade do bronze, sendo continuamente habitado a partir do séc. VIII a.C. Hékate e seu Santuário eram de imensa importância para a comunidade local de Stratonikeia; inclusive era responsabilidade dos cidadãos ricos manterem e embelezar o seu Santuário.¹²³

Figura 11 – Ruínas do Santuário de Hékate em Lagina, Turquia.



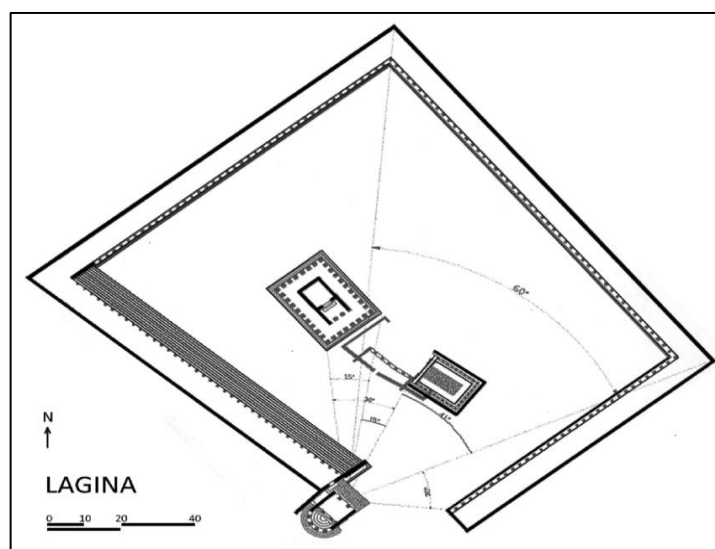
Fonte: The Sanctuary of Hekate at Lagina in the 4th Century BC - Scientific Figure on ResearchGate.
Available from: https://www.researchgate.net/figure/The-Sanctuary-of-Hekate-at-Lagina_fig1_329231602 [accessed 22 Mar, 2024]

Dessa forma a administração do Santuário ficava nas mãos das famílias mais ricas e influentes de Stratonikeia, de onde também eram escolhidos os sacerdotes que seriam responsáveis pelo controle do Santuário durante um período anual, um tipo de cargo importante que seria ocupado por várias gerações da mesma família.

¹²³ Herring, Amanda. Hekate of Lagina: a goddess performing her civic duty. *Anatolian Studies*. Vol. 72. Cambridge University Press, 2022, p. 253.

Laumonier (1958), através de seu estudo detalhado sobre o sacerdócio de Hékate em Lagina, afirma, que, pelo menos no período imperial romano, o sacerdócio a Hékate havia se tornado um dos mais altos cargos cívicos em Stratonikeia,¹²⁴ estando reservado apenas para homens que atuavam ao lado de uma sacerdotisa, geralmente sua esposa. A sacerdotisa realizava um papel mais subordinado no santuário de Lagina, recebendo um mero destaque apenas durante a procissão das chaves, por receber a função de ajudante (Kleidóforo) e portadora das chaves, ou desempenhando algumas outras funções menores dentro do Santuário (Figura 12), como a entrega de óleos, dinheiro e presentes durante as festividades.

Figura 12 – Plano do complexo do santuário de Hékate em Lagina séc. I a.C.



Fonte: Karian, Greek or Roman? The layered identities of Stratonikeia via the sanctuary of Hekate at Lagina - Scientific Figure on ResearchGate. Available from: https://www.researchgate.net/figure/Plan-of-the-sanctuary-complex-of-Hekate-at-Lagina-by-the-first-century-BC-after-Tirpan_fig2_258995656 [accessed 15 Mar, 2024]

Quando não era esposa do sacerdote, a sacerdotisa era sua filha ou neta, uma figura subordinada que tinha pouca relevância, dentro dos trâmites políticos e administrativos entre Stratonikeia e o Santuário. Lagina também possuía um bosque sagrado nas mediações do Santuário, que era cuidado pelos eunucos de Hékate e

¹²⁴ Laumonier, Alfred. *Les Cultes Indigènes en Carie*. Paris: E. de Boccard, 1958, p. 367.

supervisionado pelo sacerdote vigente; a estrada sagrada ao sul; um grande poço próximo a estrada sagrada, onde ocorriam pequenos ritos de purificação, além, de ser adornado por inúmeras colunas dóricas, espalhadas entre a sua grande extensão. A base financeira do santuário é desconhecida, mas presume-se que funcionava como uma espécie de empório ou mercado suburbano no final do período romano, onde, possivelmente, comercializavam-se rebanhos de gado e frutas cultivadas no bosque sagrado pelos eunucos.¹²⁵ Inscrições eram comumente deixadas pelo sacerdote vigente nas paredes do Santuário, relacionadas aos seus feitos durante o período de administração do templo.

Laumonier (1958) consolida mediante a essas inscrições, que é possível identificar uma média de 265 nomes individuais dos sacerdotes que exibiram seus feitos nas paredes do santuário.¹²⁶ Além de representar o poderio econômico das elites locais, os sacerdotes de Hékate em Lagina também ajudavam a sustentar o desequilíbrio social por meio de seus gastos, que estavam sempre presentes durante as distribuições monetárias exacerbadas que ocorriam nos grandes festivais de Lagina, no período de seus mandatos.¹²⁷

A Hékate, adorada no Santuário de Lagina e na cidade de Stratonikeia, era representada, de forma única, geralmente uma donzela ou mulher, vestindo um quítôn longo ou curto, segurando uma tocha na mão esquerda, com um crescente em forma de chifre no topo, as vezes com um cão ao seu lado, outras vezes cavalcando um leão (Figura 13), e sempre associada ao contexto de salvação e proteção.¹²⁸ Seu culto em Lagina durou mais ou menos cinco séculos, vindo a florescer durante o período romano e helenístico, principalmente por conta da grande rede de festivais dedicada a essa divindade. Esses festivais ocorriam em sua maioria anualmente, ligando o santuário de Lagina ao centro urbano de Stratonikeia.¹²⁹

¹²⁵ Williamson, Christina G. *Urban Rituals in Sacred Landscapes in Hellenistic Asia Minor*. Series: Religions in the Graeco-Roman World. Vol. 196. Boston: Brill, Leiden, 2021, p. 310.

¹²⁶ Laumonier, Alfred. *Les Cultes Indigènes em Carie*. Paris: E. de Boccard, 1958, p. 221.

¹²⁷ Williamson, Christina G. *Urban Rituals in Sacred Landscapes in Hellenistic Asia Minor*. Series: Religions in the Graeco-Roman World. Vol. 196. Boston: Brill, Leiden, 2021, p. 306.

¹²⁸ Sogut, Bilal. *Stratonikeia Eskihsar Ve Kutsal Alanlari (Stratonikeia Çalismalari 3)*. Ege Yayinlari, 2019, p.314.

¹²⁹ Williamson, Christina G. *Urban Rituals in Sacred Landscapes in Hellenistic Asia Minor*. Series: Religions in the Graeco-Roman World. Vol. 196. Boston: Brill, Leiden, 2021, p. 259.

Figura 13 – Representação de Hékate em Stratonikeia, Turquia.



Fonte: <https://cosettepanequ.com/this-is-stratonikeia-the-beautiful-ancient-city-of-hekate/>

2.4 - Rede de Festivais em Lagina e Panamara

Os festivais que ocorriam no Santuário de Hékate em Lagina, e no Santuário de Zeus em Panamara, estabeleciam, em sua maioria, fortes relações com a cidade de Stratonikeia, principalmente após a absorção de ambos pela *polis*. Em Panamara, aconteciam três importantes festivais: 1) Komyria; 2) Heraia; 3) Panamareia. O festival de Komyria, acontecia em Panamara, a cada dois anos, reunindo apenas os homens de Stratonikeia, Panamara e algumas outras cidades próximas. Nesse festival acontecia oferendas de cabelo a Zeus; O festival de Heraia, acontecia em Panamara, e era aberto apenas as mulheres, e honrava Hera, que foi sincretizada com uma divindade feminina cariana local; O festival de Panamareia, acontecia em Stratonikeia, no último trimestre de um determinado mês, no qual, uma grande procissão saía de Panamara carregando a imagem de Zeus até Stratonikeia. Quando o cortejo chegava à cidade, sacrifícios de gado eram realizados em honra a Zeus. Vinho e jantar era distribuído entre os presentes, e o festival poderia durar dias.¹³⁰

¹³⁰ Sogut, Bilal. Stratonikeia Eskihsar Ve Kutsal Alanlari (Stratonikeia Çalışmaları 3). Ege Yayınları, 2019, pp.319-320.

Em Lagina, os festivais mais importantes ocorreram durante o período romano, foram eles: 1) *Triakades*, festival regular realizado no dia 30 de cada mês coincidindo com os ciclos lunares, dedicado a Hékate e aos mortos; 2) *Genethlia*, festa anual ligada ao nascimento da deusa, anexada há um dia específico do mês que também poderia ser comemorado de forma mensal; 3) *Kleidos Agoge*, chamado de grande encontro geral, que acontecia de forma anual e tinha como atração principal a procissão das chaves; 4) *Hecatésia-Romaia*, festividade que acontecia de quatro em quatro anos e estabelecia a ligação política entre Stratonikeia e Roma.

O Kleidos Agoge durava vários dias nos quais ocorriam grandes refeições comunitárias no santuário e na cidade de Stratonikeia, jogos, dança, música, sacrifícios, distribuição de dinheiro, óleos, presentes e um evento principal chamado de Kleidos pompe ou procissão das chaves. O Kleidos pompe consistia numa grande procissão conduzida por uma jovem que segurava uma chave envolta de pompas, seguindo pela estrada sagrada, acompanhada de uma grande multidão rumo à cidade de Stratonikeia. Laumonier (1958) estabelece que na cidade de Stratonikéia existia um grande altar dedicado a Hékate com as imagens de Hékate e Zeus, no qual realizavam-se atos devocionais diariamente, funcionando como uma espécie de anexo do santuário dentro da cidade.¹³¹ Após as devidas celebrações a procissão retornava a Lagina, de onde se dava continuidade as celebrações durante os dias que se seguiam. A chave de Hékate nesse contexto, representava o simbolismo do domínio sobre os mistérios da vida e da morte regidos por essa divindade liminar, além de ser outra forma de Stratonikeia se validar no território cariano como foco principal.

A Hekatésia-Romaia foi também uma importante comemoração estabelecida por Stratonikeia após as Guerras Mitridáticas, quando Lagina recebeu o título de inviolável pelo senado romano. Esse festival ocorria de quatro em quatro anos unindo a deusa Roma Thea e Hékate Soteira, como uma grande expressão religiosa que evidenciava uma nova realidade política entre Stratonikeia e Roma.¹³² Durante a Hekatesia-Romaia, ocorriam jogos, sacrifícios, banquetes e possivelmente a procissão das chaves. A música era um elemento importante nesses festivais, e há até algumas indicações para competições musicais durante festivais no período

¹³¹ Laumonier, Alfred. *Les Cultes Indigènes em Carie*. Paris: E. de Boccard, 1958, p. 398.

¹³² Williamson, Christina G. *Urban Rituals in Sacred Landscapes in Hellenistic Asia Minor*. Series: Religions in the Graeco-Roman World. Vol. 196. Boston: Brill, Leiden, 2021, p. 294.

helenístico.¹³³ Laumonier (1958) ressalta que no anexo de Lagina dentro de Stratonikeia, eram entoados diariamente hinos a Hékate e Zeus, por um coro infantil de trinta crianças escolhidas a dedo entre as melhores famílias de Stratonikeia.¹³⁴ De acordo Williamson (2021), o fim abrupto das atividades de culto a Hékate no Santuário Lagina, se deu possivelmente, a um terremoto, ou a uma conversão coletiva da comunidade ao cristianismo durante o séc. IV d.C., tendo em vista, que uma modesta igreja, foi posteriormente construída, ao lado do altar principal, incorporando as suas paredes.¹³⁵

As investigações arqueológicas no Santuário de Lagina iniciaram-se em 1891, pelas mãos do ilustre arqueólogo turco Osman Hamdi Bey, sendo retomadas, em 1966, por Yusuf Boysal e abrangendo a área de Stratonikeia. O trabalho de campo de longo prazo começou em 1993, sob a direção de Ahmet Tirpan, em parceria com a Universidade de Konya e o museu de Milas, sendo intensificada em 2008 pela Universidade de Pammukale, que iniciou novas escavações nas ruínas do Santuário, em parceria com o Ministério da Cultura e do Turismo da Turquia, com o professor e arqueólogo Bilal Sogut a frente da equipe de escavações, que tem apresentado novas descobertas arqueológicas, desde o ano de 2016.¹³⁶ Atualmente, o governo turco, em parceria com a Universidade de Pammukale, tem realizado inúmeros eventos culturais, na região (Figura 14), reforçando a importância da história para a cultura turca. Mulheres das comunidades locais, também são contratadas e instruídas, a partir de um programa desenvolvido pelo governo turco, para o trabalho manual nos sítios arqueológicos da região.

¹³³ Ibidem, pp. 296-297.

¹³⁴ Laumonier, Alfred. *Les Cultes Indigènes em Carie*. Paris: E. de Boccard, 1958, p. 401.

¹³⁵ Williamson, G Christina. *Urban Rituals in Sacred Landscapes in Hellenistic Asia Minor*. Series: Religions in the Graeco-Roman World. Vol. 196. Boston: Brill, Leiden, 2021, p.259.

¹³⁶ Sogut, Bilal. *Stratonikeia Eskihsar Ve Kutsal Alanlari (Stratonikeia Çalışmaları 3)*. Ege Yayinlari, 2019, pp. 285-286.

Figura 14 – Encenação da Hekatésia-Romaia em Lagina, pelos estudantes da Universidade de Mugla.



Fonte: https://www.instagram.com/p/DBBWMF4uu3O/?img_index=1

2.5 - Stratonikeia e Lagina como principais influências do Culto Contemporâneo à Hékate

A partir dos dados coletados com o auxílio do questionário *online*, junto da análise do culto à deusa Hékate na antiga Stratonikeia e no Santuário de Lagina, foi possível identificar algumas práticas de culto a essa deusa, que foram misturadas a elementos antigos, e ressignificadas pelos devotos modernos. Entre eles, temos: 1) o cão; 2) o banquete; 3) a encruzilhada; 4) libação do vinho; 5) a tocha; 6) o azeite; 7) a procissão; 8) a música; 9) o termo “Salvadora”; 10) o arquétipo de mãe; 11) a chave.

O **cão**, na antiguidade era um simbolismo fortemente ligado a Hékate, por estar relacionado a contextos liminares. Na era romana, Hékate em muitos momentos, passou a ser representada com a cabeça de um cachorro. Os cães de Hékate eram negros, grandes e descritos como figuras monstruosas, muitas vezes, associados aos mortos inquietos, que faziam parte da horda da deusa. Sacrifícios de cães, em especial, os negros, eram realizados para Hékate em todo o mundo antigo. No mundo contemporâneo, a figura do cão foi readaptada pelos devotos modernos, sendo relacionada com a proteção, ou até mesmo, compreendido como a manifestação física da presença da deusa, que é chamada de *Skylakagetis* (líder dos cães).

O **banquete**, era custeado pelos sacerdotes anatólios, e oferecido a toda a população presente nos dias festivos dedicados a Hécate, tanto em Stratonikeia, quanto no Santuário de Lagina. Além disso, após tais comemorações, era comum oferecer parte dessa comida em encruzilhadas, em honra à deusa. Após a helenização, o banquete foi chamado de *deipnon* pelos gregos, uma espécie de rito de purificação e jantar, que era dedicado a Hécate e aos mortos inquietos. No culto atual, o *deipnon* representa um momento de forte conexão com a deusa, utilizado como uma prática mensal por devotos em todo o mundo.

No mundo antigo, **a encruzilhada**, era compreendida como um espaço sagrado de transição e escolha, no qual, vários caminhos se encontravam. Nele a conexão com a deusa Hécate e o mundo dos mortos, acontecia de maneira mais fluida, principalmente durante os jantares de **deipnon**. Na contemporaneidade as encruzilhadas triplas e de quatro direções estão intimamente conectadas a essa deusa, sendo entendidas como espaços de domínios liminares, no qual devotos modernos, utilizam para entregar oferendas a essa deusa e fazer suas devidas conexões. Hécate no mundo atual, é associada a antiga deusa dos caminhos *Enódia da Tessália*, principalmente por sua ligação com a proteção dos caminhos e com fantasmas.

Recentes descobertas arqueológicas de polén de uva, no Santuário de Hécate em Lagina, evidenciam, que, a libação e consagração de **vinho**, eram comumente realizadas neste local em honra a deusa. Em tempos modernos, o vinho é um elemento significativo no culto a deusa Hécate. Estando presente como oferenda no altar, oferecido na forma de libação à deusa, compondo alguma receita de feitiço, ou compartilhando entre os presentes de uma celebração ritual destinada a essa divindade.

A **tocha** é um importante simbolismo ligado a Hécate no período antigo, que evidenciava o seu aspecto de deusa da lua, a sua natureza noturna e o seu papel de divindade ligada a iluminação espiritual. Em seu culto contemporâneo, Hécate é associada ao epíteto *Dadophoros* (portadora da tocha/luz), por ser entendida como aquela que ilumina o caminho de seus devotos, que são chamados de “*Portadores das Tochas da deusa*”.

O cultivo das oliveiras, se deu a mais de 6000 anos, inicialmente, no Oriente Médio, vindo a se expandir posteriormente, para países como: Síria, Líbano e Israel. Na Grécia antiga, principalmente no período romano, o **azeite** era utilizado como

símbolo de riqueza e prosperidade, de cuidado com o corpo, prêmio em jogos, além de ser utilizado em ritos religiosos como oferenda a divindades. O Santuário de Hékate em Lagina, era rodeado por um bosque de oliveiras, sendo o azeite distribuído pelo sacerdote a todos os presentes em dias festivos. Devotos contemporâneos de Hékate, oferecem azeite a deusa, e utilizam esse produto, como base para óleos mágicos, que depois de consagrados à deusa, são utilizados para vários fins.

Na antiguidade, as **procissões** eram consideradas, um grande evento religioso e solene, dedicado a uma determinada divindade. Esse evento também consistia em um grande encontro cultural e social, importante para as civilizações antigas. As procissões de Hékate, que aconteciam durante os festivais de Lagina e Stratonikeia, possuíam um caráter profundo e sombrio, podendo estar ligados a vários contextos como: purificação, ritos, funerais, adivinhação e outros. No culto moderno, devotos peregrinam até encruzilhadas para se conectar com a energia da deusa, participam de procissões em dias festivos, realizam uma pequena e simbólica procissão em honra a deusa, dentro de suas casas, de forma solitária.

A **música** no mundo antigo, não era utilizada apenas como entretenimento, ela era empregada em cerimônias religiosas, celebrações, ritos de guerra, atividades cotidianas, jogos e na educação. No culto a Hékate, por exemplo, os ritmos eram utilizados para alcançar estados elevados de transe, no qual, tambores, flautas, hinos e cânticos eram utilizados. Esses cânticos eram entoados em maior frequência, durante as noites de lua escura e nova, com o propósito de afastar espíritos malignos. Devotos Hekatinos da atualidade, utilizam a música, como um dos principais elementos de conexão e celebração da deusa.

O epíteto de Hékate, *Soteira* (a **salvadora**), foi utilizado, para representar a deusa em seu aspecto de protetora e salvadora da cidade de Stratonikeia e Lagina, durante as invasões Mitridáticas. Este nome da divindade, é usado por devotos do culto contemporâneo, para atribuir características de benevolência e salvação universal a essa divindade, bem como, representar a sua ligação com os domínios liminares entre os mundos.

Hékate, apesar de não possuir filhos, compartilhava aspectos maternais com divindades femininas da Anatólia. Na antiguidade, essa divindade, foi associada em muitos momentos ao parto e a proteção de crianças. Na Teogonia de Hesíodo, ela é chamada de nutridora dos jovens e dos homens. Na Argonáutica, Hékate é descrita como mãe do monstro marinho Skylla. Nos Oráculos Caldeus, Hékate, era chamada

de mãe dos daimons. O seu epíteto *Kourotrophos* (nutridora/protetora dos jovens) é utilizado por devotos modernos, para abençoar e proteger seus filhos durante o sono. A sua face *Geneteira* (**Mãe**) se faz presente no seu culto contemporâneo, dado o fato, de que, a maioria de seus devotos, a percebe como uma grande mãe universal.

A **chave** é uma importante simbologia do culto a deusa Hécate, tanto em tempos antigos, quanto modernos. Esse elemento, representava a ligação de Hécate com os domínios da vida e da morte. Além de representar a conexão entre o centro urbano da cidade de Stratonikeia, o Santuário de Lagina e Roma. Na atualidade, a chave é atribuída ao epíteto *Kleidouchos* (a portadora das chaves), sendo bastante utilizado como amuleto ou pingente.

2.6 Culto a Hécate no Mundo Contemporâneo

Segundo Tavares (2016), o termo culto deriva da palavra francesa *culte* que vem do latim como um substantivo, dando origem à palavra *culto*; um termo que está intimamente relacionado com o verbo *colere* do latim, que significa: “*para adorar ou dar reverência a uma divindade*”.¹³⁷ Esse termo ainda pode ser utilizado como um adjetivo, para qualificar indivíduos que possuem cultura ampla, ou que detém conhecimento sobre inúmeros outros assuntos, além de também estar ligado ao ato de prestar homenagens a coisas e pessoas. São sinônimas de culto as palavras: devoção, adoração, idolatria, louvor, reverência, tributo, veneração, cerimônia, ritual, rito, liturgia, erudito, ilustrado, instruído, avançado, desenvolvido e cultivado.¹³⁸

Hécate recebeu um grande destaque dentro do Novo Paganismo, por sua associação à feitiçaria durante a antiguidade e suas fortes conexões com a bruxaria durante a idade moderna. A deusa hoje é considerada a padroeira das artes mágicas neopagãs, não sem uma estreita ligação com o tema do vôo mágico e dos Sabás,

¹³⁷ Tavares, R Fábio. Movimentos Religiosos Contemporâneos. Uniasselvi, 2016, p. 8.

¹³⁸ CULTO. Dicionário online de sinônimos, 19 de abr. 2024. Disponível em <https://www.sinonimos.com.br/culto/#:-:text=1%20homenagem%2C%20devo%C3%A7%C3%A3o%2C%20adora%C3%A7%C3%A3o%2C,%2C%20rever%C3%A2ncia%2C%20tributo%2C%20venera%C3%A7%C3%A3o.&text=Escreva%20textos%20incr%C3%ADveis%20em%20segundos,%2C%20liturgia%2C%20reliqui%C3%A3o%2C%20seita>. Acesso em 19. abr. 2024.

elementos emprestados da bruxaria histórica da era moderna.¹³⁹ Desse modo, a popularidade de Hécate tornou-se crescente entre os novos pagãos que buscavam resgatar essas antigas tradições, modificando-as, readaptando-as e inserindo-as em novas formas de celebrar o sagrado.

Serafini (2014) compartilha em suas reflexões, que para se ter uma ideia da imensidão do papel de Hécate, dentro do universo neopagão, basta-se colocar o nome dessa deusa em qualquer ferramenta de busca da internet que, imediatamente, se é direcionado para inúmeros *sites* modernos pagãos, que irão conter um leque vasto de informações sobre essa divindade.¹⁴⁰

Na Wicca, que é derivada desse novo paganismo, Hécate é geralmente confundida com a face anciã da deusa tríplice, ou com as faces da donzela, mãe e anciã ao mesmo tempo. Silva (2020) afirma que Hécate também se mostra muito presente dentro do luciferianismo, sendo compreendida como a “*portadora da luz*”, ou a própria mãe de Lúcifer por seus adeptos, além de também ser identificada no reconstrucionismo helênico, ao ser cultuada ao lado outras divindades gregas.¹⁴¹

Os adoradores modernos de Hécate adoram essa deusa de duas formas distintas: 1) a primeira como uma divindade generosa e benéfica que lembra o retrato pintado em Hesíodo, uma expressão benevolente também presente nos textos dos Oráculos Caldeus, onde Hécate é compreendida como alma cósmica do mundo; 2) a segunda como uma divindade ctônica, ameaçadora, ligada às trevas e às encruzilhadas, como assim descreve o helenismo. Segundo Serafini (2014), é possível observar que essa divisão moderna de adoração está relacionada à ambiguidade da qual Hécate era adorada no período antigo. Na primeira forma, a deusa é evocada por devotos que confiam em seu poder de proteção, enquanto que na segunda por devotos que procuram uma divindade mais obscura para venerar.¹⁴² Ainda é possível observar dentro do culto moderno a Hécate, um grande número crescente de devotas femininas. Johnson (2009), em seu trabalho sobre o paganismo moderno, defende que além de conectar esse público por conta da interpretação do papel feminino de donzela, mãe e anciã, Hécate ainda proporcionaria a estas

¹³⁹ Magliocco, Sabina. *Witching Culture: Folklore and Neo-Paganism in America*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press. 2004 p. 79; Serafini, Nicola. *Ancient Gods Today: The Neo-Pagans’ Hecate*. Minerva 27, 2014, p. 209.

¹⁴⁰ Serafini, Nicola. *Ancient Gods Today: The Neo-Pagans’ Hecate*. Minerva 27, 2014, p. 210.

¹⁴¹ Silva, Marcia C. *Bruxaria Hekatina: o caminho da bruxa com a deusa Hecate*. Clube de autores, 2020, pp. 30-31.

¹⁴² Serafini, Nicola. *Ancient Gods Today: The Neo-Pagans’ Hecate*. Minerva 27, 2014, p. 211.

mulheres a auto capacitação, a proteção e a justiça, que somadas a seu papel de deusa liminar, que dos caminhos, ainda propicia segurança para essas mulheres, em suas jornadas pessoais.¹⁴³

3. O Culto a Hécate no Brasil

O campo religioso brasileiro, apesar de ser composto em sua maioria por cristãos, permite múltiplas e diferentes vivências do sagrado na forma individual. Esse fato está principalmente relacionado ao motivo da religião hegemônica nunca ter deixado de estar vinculada ao Estado. Outro ponto importante a ser considerado, é a atuação restrita da Igreja Católica durante a formação da sociedade brasileira, que resultou na composição de um catolicismo popular, vivenciado a margem da oficialidade e que imprimiu características próprias ao campo religioso brasileiro.¹⁴⁴ Para Sanchez (2001), o campo religioso do Brasil é um dos campos sociais mais ricos em termos de criatividade e efervescência religiosa, apresentando um desenvolvimento acelerado que acompanha o ritmo de mudanças gerais que se dão nas sociedades atuais.¹⁴⁵ Nesse universo diversificado da religiosidade brasileira contemporânea, duas tendências de crescimento ganharam destaque: 1) a visão de mundo libertária proporcionada pelos movimentos da *Nova Era*, assunto de grande relevância para esse estudo; 2) o avanço do pentecostalismo e do fundamentalismo religioso.¹⁴⁶

Tal cenário, foi favorável para a proliferação de Novos Movimentos Religiosos (NMRs) da *New Age*, movimentos compostos de crenças e práticas pluralistas esotéricas, como o Neopaganismo e a Wicca. De acordo com Castro (2017), durante a década de 1970, já era possível encontrar elementos neopagãos no campo religioso brasileiro, porém, tais religiões começaram a ganhar adeptos no país, principalmente

¹⁴³ Johnson, Margarida. Drawing Down the Goddess: the Ancient {Female} Deities of Modern Paganism, in M. Pizza-J. R Lewis (Eds.), Handbook of Contemporary Paganism. Leiden-Boston: Brill, 2009, p. 318.

¹⁴⁴ Guerriero, Silas. A Diversidade Religiosa no Brasil: A nebulosa do Esoterismo e da Nova Era. Revista Eletrônica Correlatio n. 3, 2003, p. 133.

¹⁴⁵ Sanchez, Lopes W. Elementos para a Análise do Campo Religioso no Brasil. São Paulo, 2001, p. 1.

¹⁴⁶ Oliveira, Amurabi P. Nova Era à Brasileira: A New Age do Vale do Amanhecer. Cultura e Comunidade, vol. 4, n. 5, 2009, p. 33.

no decorrer das décadas de 1980, 1990 e anos 2000.¹⁴⁷ O professor e antropólogo do estudo das religiões Silas Guerriero, atribuiu a popularidade e a emergência desses grupos esotéricos no Brasil, à própria mídia nacional.¹⁴⁸

O avanço da mídia é inequívoco. De assunto debatido em programas de entrevistas na televisão, chega hoje a ser tema central de novela em horário nobre na maior rede do país. Se antes ficavam restrito a seus poucos adeptos, hoje faz parte do universo cultural e religioso brasileiro. Não há nenhum constrangimento na participação e na exposição de suas crenças e convicções. (GUERRIERO, 2003, p. 129).

Bezerra (2012) em seu estudo sobre a Wicca no Brasil, reforça, que assim como aconteceu nos EUA no final da década de 1990, sobretudo no início dos anos 2000, o aumento de conteúdos neopagãos na internet contribuiu para o crescimento de adeptos a essas novas vertentes religiosas no contexto brasileiro, sobretudo, de praticantes identificados com a Wicca. Para a autora, além dos sites e listas de discussões que permeavam a internet sobre o assunto na época, a presença de revistas e livros nacionais tratando sobre essas temáticas ajudaram a popularizar tais movimentos.¹⁴⁹ Foi possível encontrar na antiga rede social Orkut, durante a década de 2000, mais de 78 páginas de comunidades relacionadas à Wicca, que apresentavam conteúdos iniciáticos, fóruns, discussões, eventos e toda uma gama de organização, que demonstrava ao público uma representatividade social ativa dessa religião.¹⁵⁰

Muitas dessas comunidades Wiccanas, voltavam seu conteúdo para o estudo e prática relacionados à deusa Hécate. Trazemos como exemplo disso, um conjunto de textos atribuído à extinta comunidade do Orkut “*Lobos de Hécate*”, que apresenta um copilado de orações e informações relacionadas à essa deusa¹⁵¹. Hécate, nesse primeiro momento, era compreendida pelos praticantes da Wicca, como uma das

¹⁴⁷ Castro, Dannyel. Estudos sobre o Neopaganismo no Brasil. Goiânia: Revista Fragmentos de Cultura. Vol. 27, n.3, 2017, p. 441.

¹⁴⁸ Guerriero, Silas. A Diversidade Religiosa no Brasil: A nebulosa do Esoterismo e da Nova Era. Revista Eletrônica Correlatio n. 3, 2003, p. 129.

¹⁴⁹ Bezerra, Karina. A Wicca no Brasil: Adesão e permanência dos adeptos na região metropolitana do Recife. Recife, 2012, pp. 41-42.

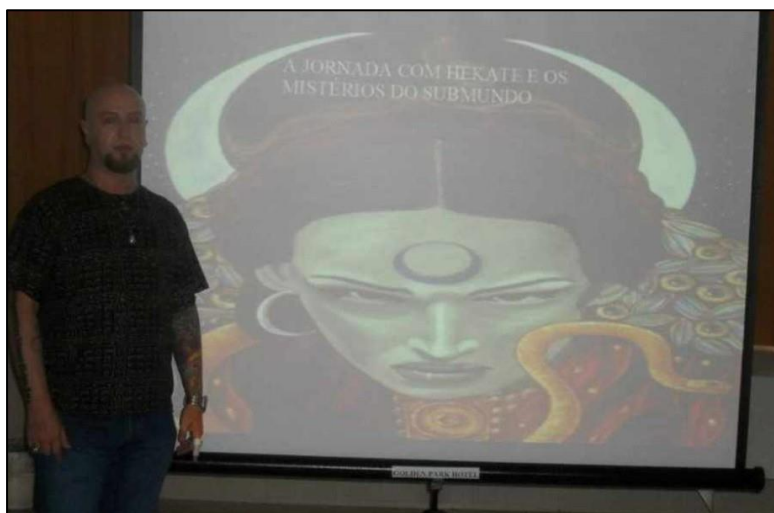
¹⁵⁰ Corrêa, Lucas B; Refkalefsky, Eduardo. A Comunidade Wiccana no Brasil: Discurso, Recursos, e Práticas de Comunicação. Rio de Janeiro, 2012, p.12.

¹⁵¹ <https://www.passeidireto.com/arquivo/121892033/hecate-livro-das-sombras-de-hecate-pdf-versao-1>. Acesso em 17. mai. 2024.

faces da deusa mãe tríplice. Segundo Prieto (2020), a adoração de Hécate dentro da Wicca, estaria relacionada à face da grande mãe anciã, que já foi reverenciada em outras culturas, como a regente do submundo, das almas e da reencarnação, identificando Hécate em seus escritos, como uma grande guia liminar para o outro mundo.¹⁵²

A primeira palestra sobre Hécate no Brasil, aconteceu no terceiro congresso de Wicca e Paganismo, na cidade do Rio de Janeiro, em 2011, intitulada de “*A Jornada com Hécate e os Mistérios do Submundo*”, realizada pelo palestrante e sacerdote de Faerie Wicca, Valdir Callegari (Figura 15). Ele apresentou informações de suas pesquisas sobre Hécate, iniciadas desde o ano de 1998. O vasto material apresentado durante a palestra, sobre a literatura e o culto da deusa Hécate, foi um grande copilado de informações com embasamento histórico, resultado, de exaustivas consultas a materiais do exterior referentes à deusa, já que nessa época, ainda não era encontrado esse tipo de material no Brasil. Dessa forma Callegari, foi um dos pioneiros nas pesquisas sobre a deusa Hécate em nosso país, compartilhando, inclusive, informações de práticas de culto, e literatura sobre Hécate com toda a comunidade esotérica brasileira da época, através do Orkut. O conteúdo da pesquisa apresentada durante a palestra foi disponibilizado no *blog o Caldeirão dos Streghe*, no ano de 2013.¹⁵³

Figura 15 – Primeira palestra sobre Hécate no Brasil, ano 2011.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador Valdir Callegari.

¹⁵² Prieto, Claudiney. Wicca, A Religião da Deusa. São Paulo: Ed. Alfabeto, 2020, p. 194.

¹⁵³ <https://ocaldeiraodosstreghe.blogspot.com/2013/03/a-deusa-hekate-e-os-misterios-do.html?m=1>. Acesso em 17. mai. 24.

Carnevale (2012), reforça em sua pesquisa, que a internet hoje, é o maior meio de comunicação em massa que se tem, no qual é possível divulgar e propagar os cultos à deusa Hécate, em diversas partes do mundo.¹⁵⁴

Basta digitar o nome Hekate ou Hecate em qualquer site de busca, e encontraremos desde blogs, páginas de Museus e pesquisadores sérios que desenvolvem estudos sobre deusa, além de imagens de várias formas e qualidades, rituais, preces, oferendas; Atualmente a deusa, uma líder carismática, participa inclusive de redes sociais, onde grupos marcam encontros para honrar a deusa, fazer leituras dos Clássicos e compartilhar suas formas de culto a deusa. (CARNEVALE, 2012, p. 148).

Dessa forma, Hécate, através da internet, do novo paganismo e da Wicca, passou a ser uma divindade estrangeira muito popular no Brasil, presente, inclusive, em muitas das tradições esotéricas, que fazem parte do atual campo religioso brasileiro. O censo 2010 do IBGE apontou, que 74 mil pessoas se declararam praticantes de tradições esotéricas no Brasil, demonstrando um gradativo aumento na disponibilidade dos indivíduos para uma nova “*experimentação religiosa*”. Nesses grupos estão inseridos: 1) aqueles que emigraram de instituições religiosas tradicionais; 2) os que não possuem uma religiosidade determinada; 3) aqueles que são classificados como sem religião.¹⁵⁵ Desse modo, é possível, também encontrar diversos tipos de devotos da deusa Hécate, dentro do circuito Neo-esotérico brasileiro, dos buscadores da nova era.

Os primeiros indicadores da presença da deusa Hécate em solo brasileiro, podem ser encontrados, por volta dos anos 2010, como afirma Derschner (2021), que segundo a autora, chegaram até nós, através da influência dos trabalhos da pesquisadora e Sacerdotisa Sorita D’este, que através de seus inúmeros livros sobre

¹⁵⁴ Carnevale, Trícia M. Hekate, de deusa ctônica dos atenienses do período clássico a deusa da feitiçaria no imaginário social do Ocidente. Rio de Janeiro, 2012, p. 148.

¹⁵⁵ Faustino, Teixeira; Menezes, Renata. Religiões em Movimento: O Censo de 2010. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 33.

essa deusa, impulsionou pesquisas nacionais, dando início aos primeiros escritos exclusivamente sobre Hékate no Brasil.¹⁵⁶

3.1 - Interesses por Sub-regiões.

Uma rápida pesquisa etnográfica, realizada para medir o comportamento dos indivíduos no meio digital, utilizando a plataforma de busca *Google trends*, revelou que nos últimos cinco anos, os brasileiros têm pesquisado o nome de Hékate relacionado ao conceito de divindade de forma gradativa.¹⁵⁷

Gráfico – 01



Fonte: www.google.com/trends.

De acordo com a análise de dados, é possível perceber, que em agosto de 2019, há um pico inicial de crescimento com relação à essas buscas. E isso pode estar relacionado com a chegada da primeira onda da COVID 19, que causou um grande isolamento social, dando início a propagação de atividades remotas em todo o país. Em agosto de 2020, o pico se eleva para 50%, mantendo esse percentual

¹⁵⁶ Derschner, Francine. In: Silva, Marcia. As faces de Hekate: O poder dos epítetos na Bruxaria Hekatina. Clube de autores, 2021.

¹⁵⁷ `<script type="text/javascript" src="https://ssl.gstatic.com/trends_nrtr/3728_RC01/embed_loader.js"></script> <script type="text/javascript"> trends.embed.renderExploreWidget("TIMESERIES", {"comparisonItem":[{"keyword":"HEKATE","geo":"BR","time":"today 5-y"}],"category":0,"property":""}, {"exploreQuery":"date=today%205-y&geo=BR&q=HEKATE&hl=pt","guestPath":"https://trends.google.com.br:443/trends/embed/"}); </script>`. Acesso em 20. mai. 24.

também em agosto de 2021, crescimento, que pode estar ligado, ao impacto da produção literária nacional, com obras destinada exclusivamente à deusa nesse período. No ano de 2022, o pico subiu para 75%, revelando um grande aumento nas buscas pelo nome da deusa durante o período, que ainda refletia os impactos de isolamento social, causados pandemia. O pico do mês de julho de 2023 (Gráfico 01), revelou um crescimento de 100% relacionado a essas buscas, se mantendo instável em maio de 2024.

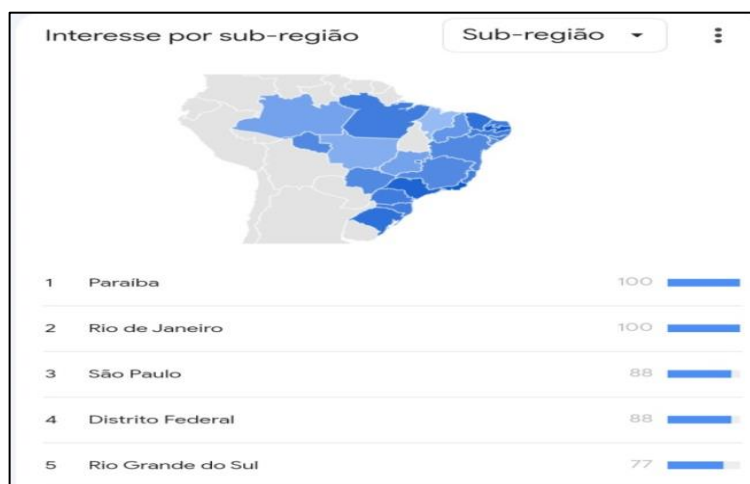
Esse estudo evidencia, que o crescimento das buscas pelo nome da deusa Hékate no Brasil, nos meses de agosto, pode estar intimamente relacionado à data comemorativa moderna, que é destinada à celebração dessa divindade. O treze de agosto, é uma das datas mais importantes para culto Hekatino contemporâneo. Nessa data, devotos de diversas partes do mundo, inclusive do Brasil, celebram essa divindade, com música, rituais e oferendas.

Ao analisar as buscas de interesse pelo nome de Hékate nas sub-regiões brasileiras (Gráfico 02), que foram calculadas pelo google trends¹⁵⁸ numa proporção de 0 a 100. Foi observado, que a liderança do ranking se volta para os estados da Paraíba (Nordeste), Rio de Janeiro (Sudeste) e São Paulo (Sudeste). Locais onde as buscas pelo nome de Hékate na internet, foram maiores durante o período analisado de cinco anos.

¹⁵⁸ `<script type="text/javascript" src="https://ssl.gstatic.com/trends_nrtr/3728_RC01/embed_loader.js"></script> <script type="text/javascript"> trends.embed.renderExploreWidget("GEO_MAP", {"comparisonItem":[{"keyword":"HEKATE","geo":"BR","time":"today 5-y"}],"category":0,"property":""}, {"exploreQuery":"date=today%205-y&geo=BR&q=HEKATE&hl=pt","guestPath":"https://trends.google.com.br:443/trends/embed/"}); </script>`

Acesso em 20. mai. 24.

Gráfico – 02



Fonte: www.google.com/trends.

O segundo gráfico, também destaca o Distrito Federal (Centro Oeste) e o Rio Grande do Sul (Sul), apresentando a pluralidade de regiões que aparecem liderando a pesquisa.

Investigando as sub-regiões que compõem o grupo de proporção média de 0 a 70 (Gráfico 03), é possível perceber, o destaque que ganha às regiões norte e nordeste, liderados pelo estado do Ceará, Alagoas e Pernambuco. Nesse grupo, ainda é possível perceber a presença do estado de Santa Catarina (Sul) na posição oito. Um estado importante para a economia brasileira, que fica localizado no centro geográfico das regiões de maior desempenho econômico do Brasil (Sul e Sudeste). Demonstrando o crescente interesse da busca pelo nome de Hékate, pelos indivíduos que ocupam essa significativa região do país, nos últimos cinco anos.

Gráfico – 03



Fonte: www.google.com/trends.

Os Estados que acompanham o grupo de proporção média de 0 a 60 (Gráfico 04), são em sua maioria da região Sudeste, como é o caso do Espírito Santo e Minas Gerais. Seguidos dos estados do Rio grande do Norte (Nordeste), Mato Grosso (Centro oeste) e Paraná (Sul). Evidenciado a diversidade geográfica, de indivíduos brasileiros interessados no nome da deusa Hécate.

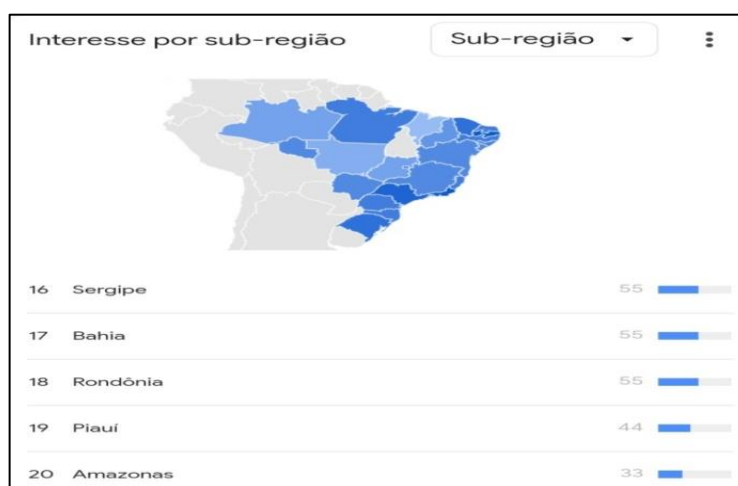
Gráfico – 04



Fonte: www.google.com/trends.

O grupo que acompanha a proporção média das buscas de interesse pelo nome de Hékate com a proporção média de 0 a 50 (Gráfico 05). Destaca as regiões Norte e Nordeste. Liderados pelos estados nordestinos de Sergipe, Bahia e Piauí. Seguidos por Rondônia e Amazônia que são estados da região norte. Dados importantes que nos fazem refletir em atenção por esse crescente interesse do público nortista e nordestino dentro das pesquisas sobre a busca do nome de Hékate no Brasil.

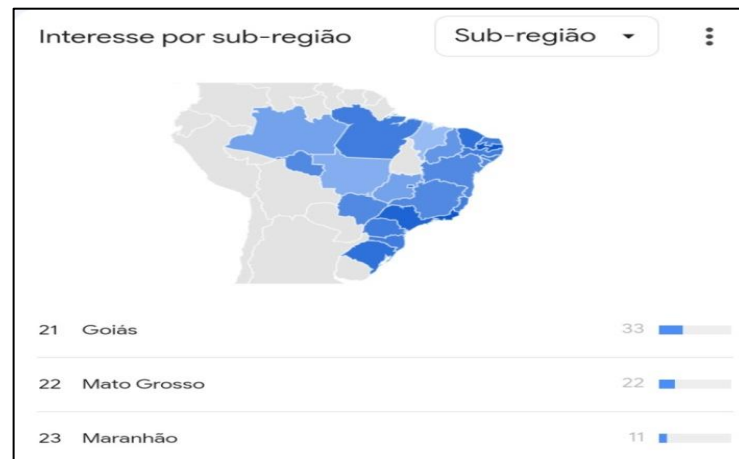
Gráfico – 05



Fonte: www.google.com/trends.

Ao verificar o grupo que acompanha as buscas de interesse pelo nome de Hékate com a proporção média de 0 a 30 (Gráfico 06). É possível constatar, o destaque que ganha à região Centro Oeste do país. Liderados pelos os estados de Goiás e Mato Grosso. Seguindo pelo estado do Maranhão (Nordeste), uma importante região para a cultura nordestina.

Gráfico – 06



Fonte: www.google.com/trends.

Baseado nos dados evidenciados por essa rápida análise do comportamento da ação das pessoas no meio digital, é possível perceber, que a busca de interesses pelo nome da deusa Hécate no meio digital brasileiro, acontece em várias regiões país. Indício de um crescente e variado grupo, de aspirantes ao culto moderno a essa deusa, evidenciando a sua popularidade no campo religioso brasileiro.

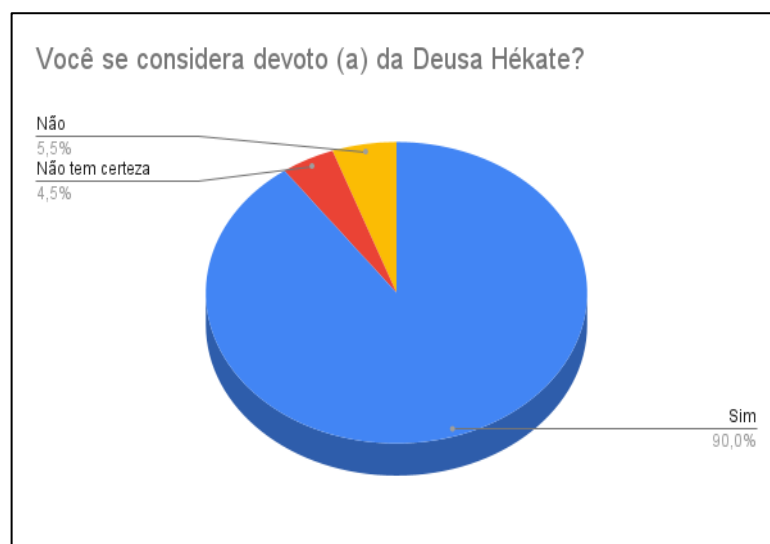
Os dados obtidos dessa análise, refletem as atividades remotas no país relacionadas à deusa Hécate, que ocorreram nos últimos cinco anos, e que podem ter sofrido alterações significativas, por conta da pandemia da COVID 19. O último acesso a plataforma *Google Trends* se deu em 20/05/2024, podendo vir a sofrer alterações substanciais relacionadas.

3.2 - Análise de dados da pesquisa online

A pesquisa online realizada entre 15 de março a 11 de maio do ano de 2024, utilizando o formulário digital do *Google Forms*, foi elaborada com questões abertas e de múltipla escolha, e direcionada a toda a comunidade digital de devotos Hekatinos brasileiros. O questionário recebeu 153 respostas, de devotos da deusa Hécate em 19 estados brasileiros, incluindo o Distrito Federal.

Quando perguntado aos respondentes do questionário, se eles se consideravam devotos da deusa Hécate, 90% afirmaram que sim, seguidos por 5,5% de respostas negativas, e 4,5% dos que não tem certeza (Gráfico 07).

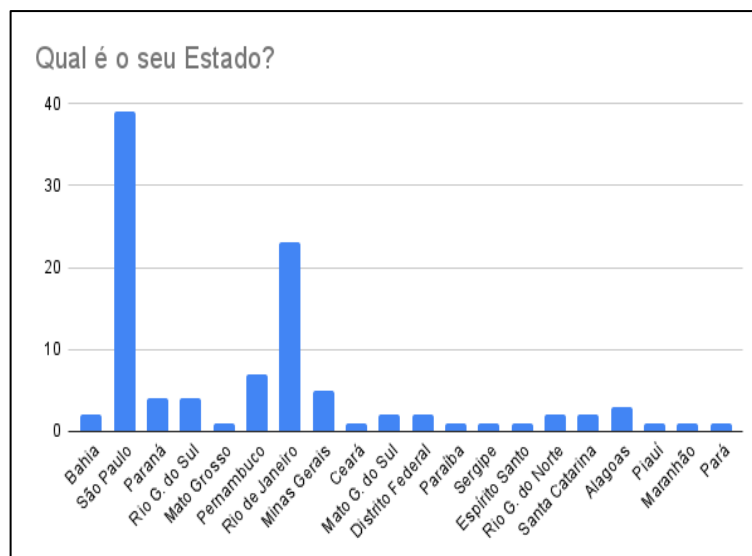
Gráfico – 07



Fonte: https://docs.google.com/forms/d/1M89BDhdCcCQ4FtcLxSXqOM_ErgUB14MGuydZ5n3HOk/edit?pli=1

Quando perguntado sobre o espaço geográfico dos devotos respondentes, a liderança recai sobre o estado de São Paulo, seguido do Rio de Janeiro e Minas Gerais, ambos situados no Sudeste do país. Os estados da região Sul, como Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, também revelam um notório crescimento de devotos Hekatinos em tais regiões. No entanto, foi possível, observar, um notório crescimento de devotos da deusa na região do Nordeste (Gráfico 08). Os estados em que ganham destaque, são: Pernambuco, Alagoas, Bahia, Rio Grande do Norte, Ceará, Paraíba, Sergipe, Piauí e Maranhão.

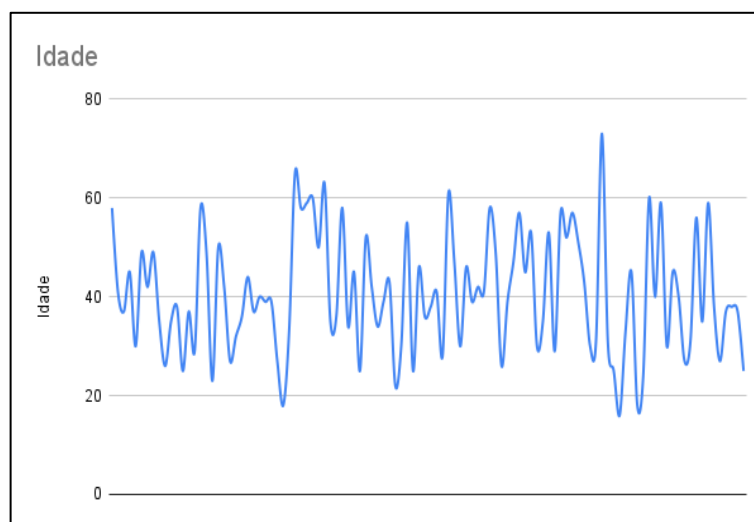
Gráfico – 08



Fonte: https://docs.google.com/forms/d/1M89BDhdCcCQ4FtcLxSXxqOM_ErgUB14MGuydZ5n3HOK/edit?pli=1

A faixa etária dos devotos brasileiros de Hécate, evidenciada por essa pesquisa, é bastante diversificada. As respostas coletadas revelam, que essa faixa de idade pode variar de 16 a 78 anos (Gráfico 09). Identificando que esta manifestação religiosa, pode alcançar desde adolescentes, que estão iniciando a sua jornada espiritual, indivíduos já adultos, pessoas da meia-idade ou até mesmo idosos.

Gráfico – 09



Fonte: https://docs.google.com/forms/d/1M89BDhdCcCQ4FtcLxSXxqOM_ErgUB14MGuydZ5n3HOK/edit?pli=1

De acordo com Rosado-Nunes (2005), a atuação no campo religioso no decorrer da história, seria um investimento masculino por excelência, dentro do qual, a dominação da produção do sagrado (normas, regras e doutrinas), dentro das instituições religiosas tradicionais, nas mais variadas sociedades, estaria voltada exclusivamente aos homens. Direcionando a atuação da população feminina, que mesmo compondo a maioria da população de fieis nessas instituições, ainda sim, é condicionada, apenas às práticas religiosas, aos rituais e a transmissão da memória religiosa do grupo em que está inserida.¹⁵⁹

Contrariando tal informação, e evidenciando, as transformações ocorridas no campo religioso brasileiro nos últimos anos, foi possível determinar, a partir das afirmativas dos respondentes do questionário, que as identificações com o gênero feminino, se fazem presentes nessa pesquisa, apontando para uma variante de mais de 100% das respostas. Tal, dado revela, que a maior parte de devotos do culto a Hécate no Brasil, é composta pelo público feminino (Gráfico 10). Nas quais, em sua maioria, essas mulheres assumem a liderança de grupos como sacerdotisas dessa divindade, ministrando palestras, cursos, estudos aprofundados, trabalhando na produção de artigos religiosos relacionados à deusa, ou compondo tarefas administrativas em seus grupos.

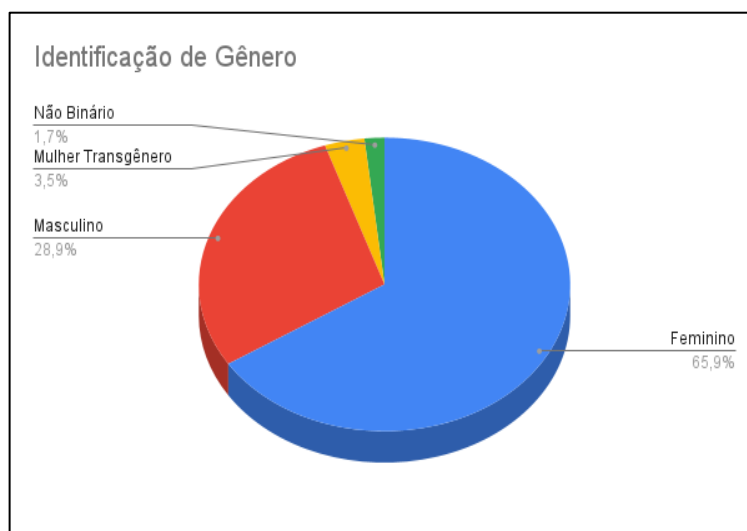
O público masculino, aponta para uma variante de 50% das respostas coletadas no âmbito da pesquisa. Seguido, do público Transgênero/Transexual, que se identificam com o gênero feminino, e que se mostram presentes no culto a Hécate no Brasil, de maneira tímida, porém emergente. A pesquisa também revela, a presença do público Não-Binário¹⁶⁰ nas práticas de culto à essa deusa. Os dados obtidos, salientam, que mesmo havendo uma liderança da presença feminina neste

¹⁵⁹ Rosado-Nunes, Maria José F. Gênero e Religião. In: Revista de Estudos Feministas, Vol.13, 2005, n.2, pp. 363-364.

¹⁶⁰ Classifica-se como Não-Binário, os indivíduos que não se identificam, estritamente ao gênero masculino ou feminino.

culto, existe, ao mesmo tempo, uma abertura a diversidade de gênero nessa tradição religiosa.

Gráfico – 10



Fonte: https://docs.google.com/forms/d/1M89BDhdCcCQ4FtcLxSXxqOM_ErgUB14MGuydZ5n3HOK/e/dit?pli=1

Quando perguntado, sobre a compreensão individual da figura de Hékate, entre os devotos brasileiros da deusa, 34,2% dos respondentes (Gráfico 11), afirmaram compreender Hékate como uma figura materna, que acolhe e abençoa os seus filhos em grandes momentos de necessidade. Um tipo de grande mãe espiritual, onipresente em todos os momentos da vida de seu devoto. Hékate também foi relacionada com a criação de todo universo, de acordo com 28,3% das respostas do questionário. Mediante a este dado, há um entendimento em comum entre os respondentes, de que Hékate, seria uma deusa primordial criadora de tudo, e fonte inesgotável de todas as almas. Um tipo de compreensão macro da deusa, como a grande alma cósmica do mundo, presente nos textos dos Oráculos Caldeus.

O estudo também aponta, que 16,8% dos respondentes, percebem a figura de Hékate como uma deusa guia dos caminhos, que conduz a jornada de seus devotos, pelas encruzilhadas da vida e da morte, através de conselhos simbólicos e grandes ensinamentos, tal como a divindade é compreendida no Hino Homérico a Deméter II.

Hékate é interpretada, de acordo com 10,3% das respostas, como uma deusa protetora e poderosa, que favorece uma relação íntima de proteção e confiança com

seus devotos. Uma característica similar de entendimento da deusa, que é encontrada nas evidências da antiga cidade de Stratonikeia e Lagina.

Em menor escala, e não menos importante, temos aqueles que entendem Hécate como uma deusa Multifacetada, como aponta 7,6% das respostas. Para estes, a deusa representa diversos aspectos do todo, se fazendo presente em diversas culturas ao longo dos séculos, e através de seus inúmeros epítetos. Já 2,7% das afirmativas atribuem a Hécate, o papel de salvadora, por terem sido “*Salvos*” por essa divindade, em algum momento de seus tormentos terrenos. O nome também faz referência, ao título de “*Salvadora Epiphaneia*”, originado na arcaica Stratonikeia, após as guerras Mitridáticas.

Gráfico – 11



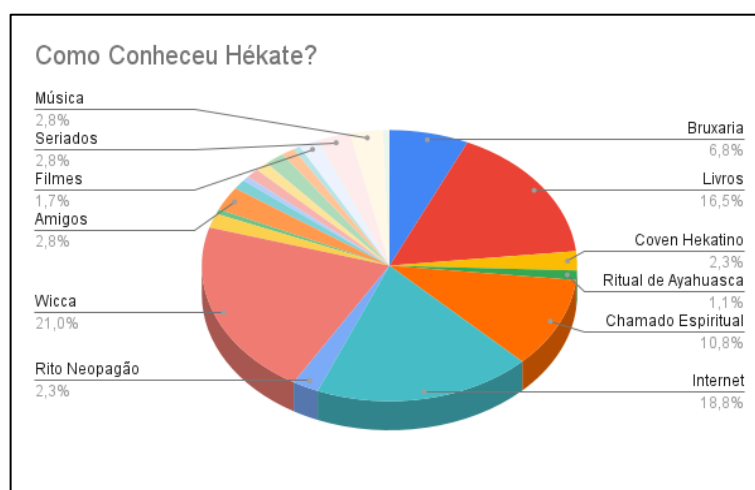
Fonte: https://docs.google.com/forms/d/1M89BDhdCcCQ4FtcLxSXxqOM_ErgUB14MGuydZ5n3HOk/e/dit?pli=1

D’este (2010) afirma que culto moderno à deusa Hécate, se expandiu rapidamente durante a segunda metade do século XX em altos níveis, algo, provavelmente, nunca vistos no mundo antigo. Tal, fato acabou transformando essa divindade, em uma figura muito popular entre praticantes de inúmeras tradições e convicções espirituais da atualidade, que vão desde a Magia Angelical, Feitiçaria,

Wicca, Druidismo, Paganismo Moderno, Reconstrucismo Helênico, Bruxaria, Luciferianismo e muitas outras.¹⁶¹

Essas circunstâncias, fizeram com que Hécate ficasse conhecida, em muitas partes do mundo e em diversas manifestações religiosas, através dos mais diversos mecanismos de informação. Quando perguntado aos respondentes do questionário, como eles conheceram a deusa, 21,0% (Gráfico 12) relacionaram esse primeiro contato com Hécate à Wicca, que compreende essa divindade como uma das representações da deusa tríplice, simbolizando as fases da vida (donzela mãe e anciã). Dessa forma, essa divindade, passou a ser invocada por Wiccanos em rituais de proteção, sabedoria e prosperidade. Sendo também adorada por estes, como a rainha das bruxas.

Gráfico – 12



Fonte: https://docs.google.com/forms/d/1M89BDhdCcCQ4FtcLxSXxqOM_ErgUB14MGuydZ5n3HOK/e/dit?pli=1

A internet exerceu um papel importante durante a organização do segmento neopagão no brasileiro, e isso se deve ao resultando da comunicação e integração, das mais diversas comunidades do paganismo moderno que, a partir dessa ferramenta, passaram a se organizar em nível de representatividade, circuitos de festivais, simpósios de estudos, práticas devocionais, venda de acessórios e organização de eventos remotos e presenciais.¹⁶² De acordo com os dados, com a

¹⁶¹ D'este, Sorita, ed. Hekate Her Sacred Fires: Exploring the Mysteries of the Torchbearing Goddess of the Crossroads. 1st ed. Londres: Avalonia, 2010, pp. 40-41.

¹⁶² Corrêa, Lucas B; Refkalefsky, Eduardo. A Comunidade Wiccana no Brasil: Discurso, Recursos, e Práticas de Comunicação. Rio de Janeiro, 2012, pp. 12-13.

comunidade Hekatina, esse fato não aconteceu de forma diferente, tendo em vista que, 18,8% das respostas, vincularam esse primeiro contato com Hécate a internet, que conecta informações e pessoas em todo o mundo em tempos modernos.

No Brasil atual existe um importante material formado por livros voltados as comunidades esotéricas em geral, que acabaram influenciando a formação de autoiniciados nos mais diversos credos. Editoras como Madras e Pensamento, desde os anos 2000, publicam com grande frequência uma gama de livros sobre esoterismo, ocultismo, neopaganismo e termos similares.¹⁶³ Esses livros, são rapidamente consumidos pelo mercado místico brasileiro que, mesmo, em meio a uma grande diversidade de traduções de autores estrangeiros, ainda é carente de produções nacionais. Dentro do público leitor em geral, está o aumento do interesse pelos livros sobre Hekate, no qual, 16,5% das afirmações do questionário, direcionam o primeiro contato com à deusa, a partir de livros desses segmentos, em especial, aos que trazem informações sobre a mitologia grega. Esse dado evidencia que mais pessoas estão se alfabetizando e adotando o hábito da leitura no Brasil. Tendo em vista que, de acordo com o censo do IBGE 2022, dos 163 milhões de brasileiros de 15 anos ou mais de idade, 151,5 milhões sabiam ler e escrever um bilhete simples e 11,4 milhões não sabia. Uma taxa de alfabetização correspondente a de 93,0%, contra uma taxa de analfabetismo de 7,0% desse contingente populacional. Dado importante que quando comparado ao Censo de 2010, que teve uma taxa de alfabetização de 90% contra a de analfabetismo de 9,6%, demonstraria que na atualidade, o índice de analfabetismo entre brasileiros diminuiu nesse período de 12 anos, mesmo que acompanhado de inúmeras desigualdades. Nesse quadro geral, parece que mais pessoas estão sendo alfabetizadas no país, e que possivelmente, também estejam adquirindo, mesmo que em pequena escala, o hábito da leitura.¹⁶⁴

O chamado espiritual também foi indicado em 10,8% das respostas, o qual de acordo com os respondentes, se caracterizou na forma de sonhos com a deusa ou fortes expressões de seus simbolismos, em momentos de grandes necessidades.

A Bruxaria num sentido geral, se faz presente em 6,8% das afirmativas, tendo em vista que, a mesma abrange diversos segmentos, como a bruxaria tradicional,

¹⁶³ Ibidem, p. 8.

¹⁶⁴ <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40098-censo-2022-taxa-de-analfabetismo-cai-de-9-6-para-7-0-em-12-anos-mas-desigualdades-persistem>. Acesso em 19 de jun. de 2024.

natural e outros, ambos intimamente conectados com o segmento neopagão, em diversos níveis. Seriados, músicas e amigos, são identificados com o mesmo percentual de 2,8% de afirmações.

Nos seriados, Hékate apareceu inserida em tramas populares, que faziam fortes referências a ela, como foi o caso de *Buffy, the Vampire Slayer* (1997), *The Twilight Zone* (1959) e *Charmed* (1998).¹⁶⁵ Séries atuais como: *O mundo sombrio de Sabrina* (2018) e *Sandman* (2022), ajudaram a popularizar a figura de Hékate, entre o público jovem da atualidade. Em *Sabrina*, Hékate é adorada como a salvadora/protetora do coven das bruxas protagonistas, sendo compreendida como uma divindade ligada à lua, adornada com características de triplicidade e guia liminar. Na série *Sandman*, Hékate aparece em cena no início da trama como “*As três Graças*”, para auxiliar o protagonista principal em sua busca, adornada de características ctônicas e sublunares, muito semelhantes ao que encontramos no seu epíteto de *Enódia* guia dos caminhos. Posteriormente, já no meio da série, a deusa se mostra a uma das Musas presente na trama, munida de seu aspecto celestial de salvadora, uma característica que pode ser encontrada nos textos dos Oráculos Caldeus.

A música é um elemento importante com veículo de informação relacionados à deusa no Brasil, e isso é evidenciado também pelos apontamentos dos respondentes, que direcionaram seu primeiro contato com Hékate através da música. Muitos artistas internacionais proliferaram os canais *streaming* com músicas voltadas a Hékate, entre eles temos: Wendy Rule, An Danzza, Daemonia Nymphé, Faun e Seridina, que se popularizaram rapidamente entre a comunidade Hekatina brasileira, influenciando projetos musicais no país, que foram dedicados à deusa como: Banda Ícaros, Coletivo Respeita as Bruxas da Quebrada e Cânticos para Hékate, de Claudiney Prieto.

Amigos e familiares que já estariam inseridos na comunidade Hekatina, também foram mencionados pelos respondentes do questionário, como indicação de primeiro contato com a deusa. Covens Hekatinos, Círculos pagãos e Ritos neopagãos dedicados a essa divindade, apesar de ainda se mostrarem timidamente emergentes no cenário brasileiro, se fizeram presentes respectivamente em 2,3% das respostas.

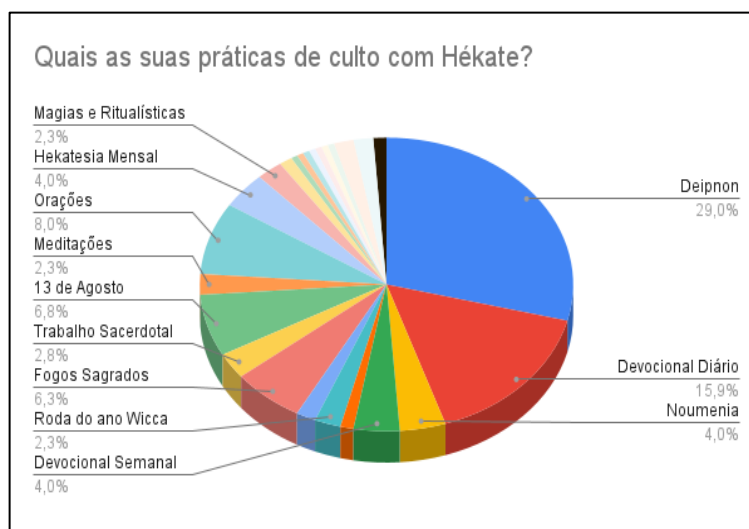
¹⁶⁵ D'este, Sorita, ed. *Hekate Her Sacred Fires: Exploring the Mysteries of the Torchbearing Goddess of the Crossroads*. 1st ed. Londres: Avalonia, 2010, p. 40.

Hékate também surge em algumas produções cinematográficas, nas quais, na maioria das vezes, é apenas mencionada em conexão com a mitologia grega, aparecendo de fato em cena em poucas delas. *Jason and the Argonauts* (1963), *Macbeth* (1971), *Clash of the Titãs* (1981), *Hércules* (1997), *Percy Jackson & Olympians* (2010), *Wrath of the Titãs* (2012), *Percy Jackson: Sea of Monsters* (2013), e *The Witch* (2015) são exemplos de filmes onde podemos encontrar referências a essa deusa.

No Brasil, foi a partir da década de 1990 que começaram a chegar produções de filmes estrangeiros, que trabalhavam o conceito de bruxaria; entre eles temos *Jovens Bruxas* (1996), *Da Magia a Sedução* (1998) e, posteriormente, a saga *Harry Potter*, que acabaram por influenciar os brasileiros a se tornarem adeptos do Neopaganismo em geral.¹⁶⁶ Dessa forma é compreensível, que 1,7% das respostas do questionário, direcionem o primeiro contato com Hékate a estes filmes.

Rituais de Ayahuasca que envolvem o uso de uma bebida psicoativa feita a partir de plantas nativas da Amazônia, que são ingeridas de forma cerimonial com o intuito da busca da cura e do autoconhecimento, também foram mencionados em 1,1% das afirmativas, relacionadas ao primeiro contato com a deusa Hékate nessa pesquisa.

Gráfico – 13



Fonte: https://docs.google.com/forms/d/1M89BDhdCcCQ4FtcLxSXxqOM_ErgUB14MGuydZ5n3HOk/e
dit?pli=1

¹⁶⁶ Corrêa, Lucas B; Refkalefsky, Eduardo. A Comunidade Wiccana no Brasil: Discurso, Recursos, e Práticas de Comunicação. Rio de Janeiro, 2012, p. 4.

As práticas de culto a Hékate, em sua maioria, são adaptações modernas de ritos antigos, que ocorreram entre os períodos arcaico, clássico, imperial e helenístico em honra a essa deusa. No Brasil, essas atividades de culto também recebem esse tipo de influência. Os devotos brasileiros seguem adaptando essas práticas de acordo com a sua realidade moderna. Desse modo, a partir das afirmativas do questionário (Gráfico 13), foi possível constatar, que 29,0% dos respondentes, realizam o *deipnon* (refeição noturna em grego) de Hékate, de forma regular, dentro de suas atividades de culto no país.

Deipnon, ceia de Hékate, Hekataia ou Hekatesia, eram nomes dado às oferendas depositadas nas encruzilhadas todos os meses para Hékate no mundo antigo, com o objetivo de aplacar não só a terrível deusa do submundo, mas também, os fantasmas daqueles que por algum motivo, não conseguiam descansar em seus túmulos, e que vagavam em busca de vingança, na horda de mortos inquietos da deusa, livremente todas as noites.¹⁶⁷ A prática do *deipnon* a Hékate, possivelmente, é derivada de uma prática mais ampla que acontecia na cidade de Stratonikeia e incluía o banquete a Zeus Panamaros, bem como em seus respectivos Santuários Panamara e Lagina.

Segundo Laumonier (1958), esses banquetes eram patrocinados pelos sacerdotes regentes durante os grandes festivais, com o único intuito de intensificarem seus feitos, e deixar o seu mandato registrado na história; uma prática que mesmo sendo conduzida por fatores egoístas, ao tempo, se tornava um ato de caridade, já que o banquete era servido a todos os presentes, sem nenhum tipo de distinção.¹⁶⁸ Após a mudança do culto de Hékate da Anatólia para a Grécia, essa divindade passou a ser adorada em inúmeras localidades do Egeu de diferentes formas. Desse modo, o *deipnon*, seria uma variação de adoração ateniense a deusa da lua Hékate.¹⁶⁹

De acordo com as considerações de Aristófanes, esse jantar acontecia sempre na noite anterior a primeira faixa visível de lua.¹⁷⁰ O que pode ser compreendido como

¹⁶⁷ Smith, K F. Hekate's Suppers. In: Stephen Ronan (org.). The Goddess Hekate. Chthonios Books, 1992, p. 57.

¹⁶⁸ Laumonier, Alfred. Les Cultes Indigènes em Carie. Paris: E. de Boccard, 1958, pp. 395-397.

¹⁶⁹ Conrad, Alexandra. Three-Headed Hound of the Moon: A Comparative Look at the Roles of Hecate in the Ancient and Modern Worlds. The Journal of the Classics Students Association. Vol.16, San Francisco State University, 2017, p. 8.

¹⁷⁰ Aristófanes, Plutus, 594.

a última noite antes da lua nova (início de mês lunar). Para Schulz (2011), o objetivo secundário do deipnon era purificar a família e expiar as más ações que um membro tivesse cometido, e que de alguma forma teria ofendido a Hékate, fazendo com que ela negasse seus favores a toda à família. O autor, classifica o deipnon em três partes principais: 1) a refeição servida numa encruzilhada (para aplacar a deusa e os mortos; 2) um sacrifício de expiação (sacrifício animal); 3) a purificação da família (limpeza e fumigação).¹⁷¹

Em tempos modernos, a prática do deipnon segue sendo realizada, misturando tradições antigas e contemporâneas, que vão variando de acordo com a cultura do devoto. Nesse contexto, o foco em apaziguar a ira de espíritos e proteger os lares diminui, num sentido que a atenção se volta, especificamente, a conexão com a deusa, a oferendas e ao ato de fazer caridade. Não acontecem sacrifícios animais e a expiação é transmutada pelo ato de limpar a casa e oferecer a sujeira a Hékate *Borborophorba* (a comedora de sujeira). A refeição é composta por ovos, cebola, alho e colocada em altares domésticos, para em seguida serem descartadas em encruzilhadas ou jardins. No cenário brasileiro, também é comum a oferta de vinhos, cervejas, leite, licores, cidra, bolos, pães, doces, frutas da estação (de acordo com a região), peixe, azeite, cúrcuma, louro e muitos outros elementos que vão sendo adaptados de acordo com a realidade do devoto Hekatino, como é possível observar na figura 16. No Anexo – G, é possível observar um exemplo de cerimônia de deipnon, criado pelo devoto Fabrício Bezerra, e adaptada aos dias atuais.

¹⁷¹ Schulz, Cara. Celebrating the Deipnon. In Bearing Torches: A Devotional Antology for Hekate. Editorial Board of the Bibliotheca Alexandrina, 2011, pp. 159-162.

Figura 16 – Ritual de Deipnon à deusa Hékate.



Fonte: Arquivo pessoal da sacerdotisa Panã Morrigu-Enódia. Grupo Hekatino Teindira - Bahia, junho de 24.

Alguns respondentes afirmaram, que as suas práticas de culto a deusa Hékate, estão mais relacionadas ao devocional diário (15,9%), que ocorre geralmente de forma individual e doméstica, atrelado a oferendas de alho, cebola e vela nos altares, dança, leitura oracular, declamação de poesia, música, e todas as outras artes em geral, além de devoções que estão conectadas com outras respostas do questionário como é o caso das orações e meditações.

O Rito dos Fogos Sagrados de Hékate, é outra prática devocional à deusa muito utilizada no Brasil, como evidencia 6,3% das afirmativas dos respondentes. Essa cerimônia é uma celebração devocional internacional dos mistérios e magia de Hékate, que nasceu do projeto de antologia *Hekate Her Sacred Fires* (Hékate, seus Fogos Sagrados) escrito por Sorita D'este, que o ofereceu como um ato de devoção para todos que desejassem participar da cerimônia em maio de 2010.¹⁷² O ritual foi disponibilizado para a toda a comunidade Hekatina e traduzido para mais de 25 idiomas. Desde então, essa comemoração tornou-se um evento anual que ocorre na primeira lua cheia do mês de maio, sendo facilitada por membros *Covenant of Hekate* (CoH)¹⁷³, que se dedicam ativamente, a fim de garantir que as informações necessárias estejam disponíveis a todos que desejarem participar. Algumas

¹⁷² <https://www.hekatecovenant.com/rite-of-her-sacred-fires>. Acesso em 28. jun. 2024.

¹⁷³ <https://www.hekatecovenant.com/>. Acesso em 22. abr. 2024.

celebrações deste ritual acontecem de forma online e ao vivo, organizadas por Sacerdotes Hekatinos em diversas plataformas, outras ocorrem em santuários físicos, no entanto, existem aqueles, que realizam o rito de forma solitária no ambiente doméstico (Figura 17).

Figura 17 – Altar dos Ritos dos Fogos Sagrados de Hékate de um membro do CoH. 2023.



Fonte: <https://www.hekatecovenant.com/rite-of-her-sacred-fires>.

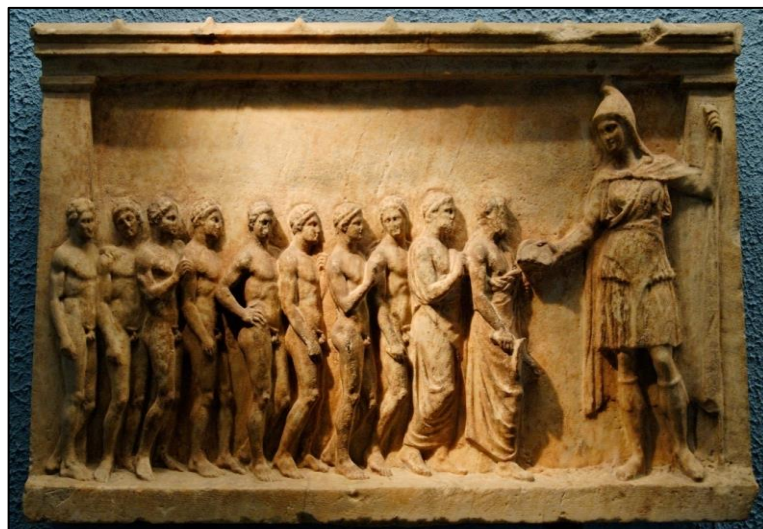
A prática ritualística dos Fogos Sagrados de Hékate, apesar de ser uma comemoração moderna, faz lembrar um antigo festival ateniense de nome *Bendídia*, que celebrava a deusa trácia Bendis, uma divindade que em muitos momentos foi identificada como Ártemis e Hékate pelos gregos. Esse festival acontecia no décimo nono dia do mês de *Thargelion* (final do mês de maio no calendário gregoriano) na cidade portuária de Pireu, dentro da área urbana de Atenas em 429 a.C., e consistia em uma grande procissão que unia atenienses e devotos da deusa com guirlandas, bacias e esponjas, para se lavarem em purificação rumo ao Santuário de Bendis. Chegando ao local, acontecia um almoço coletivo, e ao anoitecer uma corrida de cavalos era realizada, na qual os cavaleiros se revezavam passando tochas entre eles em honra a deusa Bendis, e compondo uma celebração que durava a noite toda.¹⁷⁴

Na figura 18, é possível observar em um relevo votivo que fica localizado na acrópole de Atenas, datado de 400-375 a.C. Nele, a figura da deusa Bendis (à direita, identificada por seu gorro frio) surge abordada por oito atletas e dois oficiais. A tocha

¹⁷⁴Parker, William H. *Festivals of the Athenians*. London: Thames And Hudson, 1977, pp. 149-152.

nas mãos do primeiro oficial, evidencia que os atletas fizeram parte de uma equipe de revezamento de tocha.

Figura 18 – Relevo Votivo em Mármore, Atenas 400-375 a.C.



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=1460469>

Antigos festivais como a *Bendídia*, podem ter servido como fonte de inspiração para a idealizadora do Rito dos Fogos Sagrados de Hékate. Para a autora, Bendis também foi uma das divindades sincretizada com Hékate e Ártemis, sendo mencionada pela primeira vez na literatura século VI a.C., pelo poeta satírico grego Hipponax, que nomeou Bendis como uma deusa trácia junto de Cibele.¹⁷⁵

No Brasil, o Rito dos Fogos Sagrados de Hékate é celebrado todos os anos no Santuário da Grande Mãe (Figura 19), que fica localizado no Museu Brasileiro de Magia e Bruxaria no estado de São Paulo.¹⁷⁶ A cerimônia conta com a participação dos idealizadores do Santuário de Hekate Hegemonen, além de reunir simpatizantes do Neopaganismo em geral e devotos Hekatinos que, juntos, acendem a vela dos Fogos Sagrados de Hékate, dançam e cantam músicas expressando alegria e honra a essa divindade. No Anexo – H, é possível observar um exemplo do Rito dos Fogos Sagrados de Hékate na íntegra, idealizado pelas Sacerdotisas Hekatinas: Ourania e Kalliste.

¹⁷⁵ D'este, Sorita & David, Rankine. *Hekate Liminal Rites*. Londres, Avalonia, 2009, pp. 169-170.

¹⁷⁶ <http://www.museudebruxaria.com.br/>. Acesso em 28. jun. 2024.

Figura 19 – Rito dos Seus Fogos Sagrados, Santuário da Grande Mãe, São Paulo, 2024.



Fonte: https://www.instagram.com/p/C7B_lBrg9-N/

O treze de agosto Hekatino ou “*Dia de Hékate*” é outra data moderna dedicada à deusa, no qual 6,8% dos respondentes do questionário afirmaram realizar como prática devocional de culto. Essa data foi estabelecida por adeptos do Neopaganismo e Wicca na contemporaneidade, como sendo um dia voltado exclusivamente, a práticas e devoções destinadas a deusa Hékate. Nesse dia específico, se oferece a essa divindade, alimentos, preces, velas, música, dança, pedidos de proteção e orientação. A data, rapidamente se popularizou entre devotos e simpatizantes da deusa em todo o mundo. Alguns pesquisadores, inclusive os brasileiros, afirmam que a data não possui nenhum embasamento histórico.

Tara Sanchez, em seu post intitulado “*And in the absence of Facts....Modern Festivals to Hekate*” (E na ausência de fatos...Festivais Modernos para Hekate), defende a ideia, de que o treze de agosto é uma data moderna má fixada, como resultado de um mal-entendido de como o antigo calendário ático funcionava.¹⁷⁷ Na Grécia antiga, era possível encontrar vários tipos de calendários, no qual a marcação da medida de tempo ficava a critério de cada cidade. Nesse sentido, o calendário ático

¹⁷⁷ <https://tarasanchez.com/category/her-sacred-fires/>. Acesso em 01. jul. de 2024.

foi o mais conhecido dos calendários gregos, onde é possível encontrar evidências importantes de sua utilização entre os séculos V e IV a.C.

O pesquisador brasileiro Hekatino Jack Witcher, explana em sua postagem na comunidade do Facebook “*Trívia de Hécate*”, que a origem da celebração do moderno dia de Hécate, pode estar intimamente relacionada ao festival da *Nemoralia*. Um antigo festival romano, conhecido como “*Festival das Tochas*”, que ocorria anualmente em meados de agosto, especialmente ao redor do Lago Nemi na Itália, em homenagem a deusa Diana Nemorensi. No qual, a partir da fusão das mitologias grega e romana, principalmente durante o período helenístico, possibilitou a identificação dessa divindade com as deusas Hécate, Ártemis e Selene, dando origem ao sincretismo *Dea Triformes* ou *Tripla Diana*.

É notável frisar que o festival não ocorria com data marcada no dia 13 de agosto; a celebração era direcionada a festividade na Lua Cheia, que poderia cair entre os dias 13 à 15 de agosto, de acordo com o antigo calendário. Sendo assim, nosso calendário atual pode não atender essa necessidade e o dia a celebrar, pode ou não cair em uma Lua Cheia, o que era o foco na 'Nemoralia'. A Diana cultuada em Nemi, já sob domínio Romano em 40 AC, tinha aspecto tríplice, e assumiu a frente de uma trindade de deusas que foi se fundindo durante o período helênico. A trindade era formada por Diana, Hécate e Selene. Hécate ficava ao centro das representações, cercada por Diana segurando um arco em seu aspecto caçador, e por Selene segurando uma papoula em sua regência das suas substâncias analgésicas. O pescoço das três deusas era geralmente atravessado por uma barra, indicando que se tratavam de uma só divindade. Hécate em seu aspecto tríplice e seu posicionamento central provavelmente era a líder desta trindade, mas devido a suas associações tenebrosas foi substituída pela Diana de Nemi na liderança para recebimento de culto. (Trívia de Hécate, 2021).

O aspecto triplo de Diana pode ser facilmente encontrado em diversas representações de mármore esculpido, principalmente no período imperial (Figura 20). Nesse contexto, Diana é representada como deusa do céu, da terra e guardiã do submundo, no qual a figura de Diana, a caçadora, é unificada com sua aparência como Selene, a deusa da lua, e como Hécate, deusa do submundo. Um tipo de estátua, geralmente personificada com essas três deusas unidas a um mesmo pilar, com suas

cabeças voltadas para três direções diferentes, e suas mãos segurando diferentes objetos que simbolizam as distintas facetas dessas deusas.¹⁷⁸

Figura 20 – Tripla Diana, deusa do céu, da terra e guardiã do submundo. 161-200 a. C.



Fonte: https://www.britishmuseum.org/collection/object/G_1805-0703-14

No artigo *Festivals of Torches*, Helen Park (2003) aponta, que durante a lua cheia de agosto, uma grande procissão de peregrinos passava pela estrada de Diana, que ficava localizada próximo do lago Nemi, segurando tochas e oferendas à essa deusa rumo a seu Santuário. Imagens de partes humanas feitas de argila, esculturas de veado, fitas, maçãs e flores eram oferecidas a Diana. Enquanto, oferendas de alho eram entregues à deusa negra Hécate durante esse mesmo festival, onde Diana/Ártemis era adorada como donzela/mãe e Hécate como anciã.¹⁷⁹

Outro festival, conhecido como “*Festival de Kourotrophos*” pode também ter inspirado o moderno dia de Hécate. De acordo com o calendário ático, esse festival acontecia no dia 16 do Metageitnion (agosto/setembro do calendário gregoriano), e estava voltado a divindades que protegiam mulheres e crianças. Conforme as afirmações de Parker (1977), Ártemis e Hécate eram adoradas durante o Festival de Kourotrophos em Erchia, uma localidade que recebia o nome de “*Demo*” e que ficava situada no subúrbio da acrópole, fazendo a divisão entre Atenas e outras cidades

¹⁷⁸ <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1207061196385420&set=gm.632091831091413&id=272838917016708>. Acesso em 24. out. 2024.

¹⁷⁹ <https://www.jesterbear.com/Aradia/torches.html>. Acesso em 03. jul. de 2024.

estados.¹⁸⁰ Vale ressaltar, que na própria região de Erchia, também possuía um Santuário dedicado a deusa Hécate.¹⁸¹ Em Lagina, todos os anos, no trigésimo dia (último dia) de um determinado mês, ou seja, na época da lua cheia, eram realizadas cerimônias para celebrar o nascimento de Hécate, no qual, eram distribuídos dinheiro, perfume e azeite para todos os participantes.¹⁸²

No Brasil, o treze de agosto é celebrado com alegria pelos devotos modernos de Hécate, que celebram essa divindade de diversas formas, como pode ser observado no Anexo – I. Nesse mês, em específico, a procura por artigos religiosos, livros ou cursos relacionados à deusa aumentam em grande escala. Também é uma data escolhida por Sacerdotes e Sacerdotisas, para iniciar seus votos a Hécate. Na cidade brasileira de Belém, no estado do Pará (Região Norte), desde o ano de 2021, o coven de Wicca “*Anam Cara*” (Amigo de alma), realiza a celebração do dia de Hécate com um cortejo, que acontece nas ruas do centro da cidade em honra a deusa, aberto a toda a comunidade (Figura 21). O Coven Anam Cara está em atividade desde 2005, e utiliza de práticas panculturais, que celebram deuses e deusas de diversos patões do segmento pagão.

Figura 21 – Cortejo de Hécate, 2024.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CvmyDiKOKHv/>

¹⁸⁰ Parker, William H. *Festivals of The Athenians*. London: Thames and. Hudson, 1977, p. 180.

¹⁸¹ Hornblower, Simon; Spawforth, Antiny; Estther Eidinow. “Hécate”. *The Oxford Classical Dictionary* (4 ed.). Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 650.

¹⁸² Dasbacak, Coskun. *Hecate Cult in Anatolia: Rituals and Dedications in Lagina*. *Anodos*, 2006;7, p. 145.

O cortejo de Hékate (Figura 22) acontece durante a noite do dia 12 ou 13 de agosto, e percorre as ruas do centro de Belém. Nessa grande procissão, pessoas vestidas de túnicas negras, véus e máscaras, cantam, dançam, declamam poesias, invocações, e ofertam vinho à deusa, resignificando várias cerimônias antigas, como Elêusis ou a procissão das chaves de Lagina. Tochas, cestos, e lumiárias também são levados durante o cortejo, em honra a Hékate. Essa celebração pública, além de ser um ato devocioanl a deusa, também tem como foco, integrar a comunidade e desmistificar o preconceito em torno das práticas pagãs modernas.

Figura 22 – Cortejo de Hékate pelas ruas de Belém do Pará 2023.



Fonte: https://www.instagram.com/p/Cv5a-iZOa5X/?img_index=5

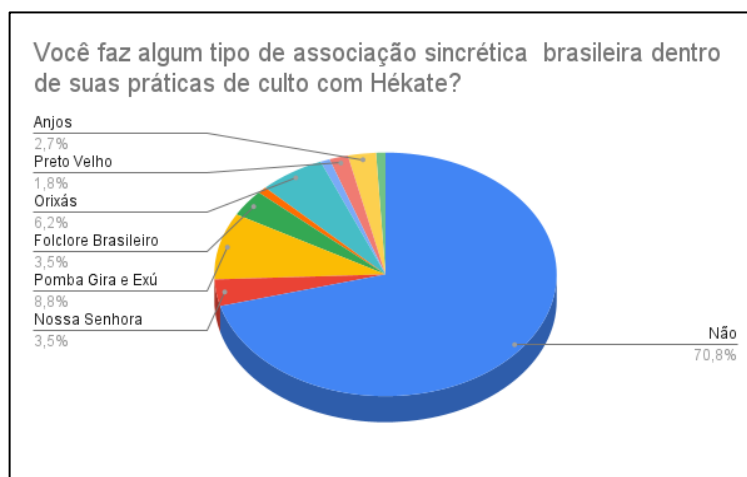
Outros respondentes do questionário atribuíram suas práticas de culto com Hékate a: 1) Hekatésia mensal (ritos da lua cheia); 2) magias e ritualísticas; 3) trabalho sacerdotal (individual e coletivo); 4) roda do ano Wicca (Sabás); 5) devocional semanal e mensal; 6) Noumenia (ritos da lua nova).

Quando perguntados sobre práticas sincréticas brasileiras, associadas com o culto de Hékate, 70,8% dos respondentes afirmaram que não fazem esse tipo de mistura no seu culto à deusa (Gráfico 14). No entanto, foi possível notar, em pequena escala, uma diversidade de associações e confluências pluralistas puramente brasileiras nas respostas do questionário. Para Sanchez (2005), o pluralismo religioso acontece quando a religião ultrapassa os limites da tradição, transformando-se em

diversas expressões religiosas, cada vez mais centradas no sujeito, e se traduzindo numa série de recortes que, muitas vezes, não se vinculam a tradição.¹⁸³ Nesse sentido, podemos compreender, que quando uma tradição é ressignificada, ela pode também incorporar elementos de diversas outras experiências religiosas.

Refletiria o culto Hekatino como uma tradição, que tenta reconstruir as práticas de culto da antiguidade que eram destinadas à deusa Hékate, conforme o contexto moderno. É compreensível, que essa tradição, quando misturada ao campo religioso brasileiro, receba a influência de religiões e práticas religiosas, já estabelecidas no Brasil.

Gráfico – 14



Fonte: https://docs.google.com/forms/d/1M89BDhdCcCQ4FtcLxSXxqOM_ErgUB14MGuydZ5n3HOk/e/dit?pli=1

As respostas de caráter afirmativo a essa pergunta apontam que, 8,8% dos respondentes, fazem associações sincréticas entre a deusa Hékate, Exús e Pombas Giras. Trabalhando, inclusive, com a energia de Hékate, combinada à de Exús ou Pombas Giras, em alguns ritos específicos, direcionados a determinadas ações (Figura 23). Tal associação, possivelmente, ocorre pelo fato dessas entidades que são conhecidas como “espíritos de escravos”, feiticeiros ou bruxos desencarnados da linhagem esquerda dentro Umbanda, também estarem ligadas aos conceitos de

¹⁸³ Sanchez, Lopes W. Pluralismo Religioso: As religiões no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 37.

proteção e a assuntos liminares. Entidades como: Maria Mulambo, Rosa Caveira, Tranca Rua e Exú Bará, foram citados pelos respondentes do questionário, como sendo entidades associadas por estes, em algumas práticas específicas ao culto Hekatinho, pelo fato de estarem intimamente ligadas aos caminhos, cemitérios e encruzilhadas, os mesmos reinos de domínio de Hékate.

Figura 23 – Altar Sincrético dedicado a deusa Hékate e aos Exús



Fonte: Arquivo pessoal da devota Jéssi de Hékate. Registro em, 12/06/2024.

Foram encontradas, nas demais respostas, associações de Hékate com Orixás, correspondentes a 6,2% das afirmativas. Alguns salientaram que já realizaram ritos com Hékate e Orixás dividindo o mesmo altar. Outros evidenciam as associações sincréticas dentro de suas práticas entre Oxum, Iemanjá, Nanã, Ogum, Iansã e Hékate. Divindades como a deusa da lua da mitologia Tupi-Guarani Jaci, e entidades do Folclore Brasileiro como Matinta Pereira, foram mencionadas em 3,5% das respostas referentes às associações sincréticas com Hékate. Nossa Senhora, Maria Mãe de Jesus, apesar de ser uma santa católica, também se fez presente em 3,5% das respostas. Sua presença entre as afirmativas, pode estar relacionada ao motivo do Brasil ser um país onde a religião católica ganha destaque, em virtude do fato de Hékate também ser compreendida com o mesmo caráter de mãe, que é atribuído à Maria. Santas católicas como Santa Sara, se fizeram presentes nas respostas. Anjos são mencionados por 2,7% dos respondentes que, possivelmente, também tem forte

ligação com o catolicismo, e compreendem Hécate como uma deusa de caráter universal.

Um dado curioso que se faz presente em 1,8% das respostas, é a associação de Hécate com os Pretos Velhos, que para a Umbanda são entidades oriundas de “espíritos de escravos”, que desencarnaram no período da escravidão e são relacionados à sabedoria liminar. Esses espíritos possuem ligações com os Orixás, além de trabalhar com a cura, aconselhamentos, quebra de demandas e abertura de caminhos. Algo que para os respondentes, estaria relacionado intimamente aos domínios regentes da deusa.

Outras afirmativas indicam práticas sincréticas relacionadas ao culto Hekatino em ritos xamânicos e vivências da Ayahuasca, demonstrando ao mesmo tempo que o culto a Hécate no Brasil se apresenta, de forma plural e abrangente, duas características típicas da dinâmica religiosa brasileira. Eduardo Cruz (2004), atribui essa pluralidade e vitalidade religiosa que ocorre no país ao “*jeitinho brasileiro*” de se vivenciar a religião. Tendo em vista, que mesmo o Brasil possuindo uma grande predominância católica, ainda é possível encontrar essa abertura diversificada para vivenciar outros tipos de manifestações religiosas.¹⁸⁴

Gráfico – 15



Fonte: https://docs.google.com/forms/d/1M89BDhdCcCQ4FtcLxSXxqOM_ErgUB14MGuydZ5n3HOk/edit?pli=1

¹⁸⁴ Cruz, Eduardo R. A persistência dos deuses: religião, cultura e natureza. São Paulo: Unesp, 2004, p. 09.

Quando perguntados sobre o pertencimento a comunidades Hekatinas brasileiras, 23,4% dos respondentes afirmaram que fazem ou fizeram parte do Círculo de Dadophoros (Gráfico 15). Este círculo, é uma ramificação externa do Santuário Hegemonen, voltado aos estudos sobre a deusa Hékate.¹⁸⁵ Criado em 2020 por seus idealizadores, com o intuito principal de desmistificar a visão coletiva de Hékate apenas como a rainha da feitiçaria, proporcionam, além disso, acesso gratuito, com qualidade e pesquisa histórica sobre essa divindade, a todos os devotos brasileiros (Figura 24).

Figura 24 – Círculo de Dadophoros.



Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=511332354358362&set=a.464802425678022>

O curso de formação que é ofertado pelo Círculo de Dadophoros, tem a duração de nove meses (encontro mensal) e acontece de forma online, envolvendo uma formação histórica sobre Hékate, em conjunto de uma jornada meditativa, que possibilita ao participante um aprofundamento sobre a deusa e o desenvolvimento de seu culto em tempos modernos. As atividades deste Círculo são abertas ao público em geral, mediante a uma inscrição prévia. Os selecionados participam de aulas via Zoom, Vimeo e outros, que geralmente ocorrem nas noites de domingo, com atividades de leitura, salas de discussões ao vivo, grupo de WhatsApp para interação

¹⁸⁵ <https://santuariodehekatehegemonen.com/circulo-de-dadosphoros/>. Acesso em 21. jun. 2024.

e solução de dúvidas, bem como inúmeras outras temáticas relacionadas à Hécate, e a comunidade Hekatina brasileira no geral.

Em contra partida, 16,5% das respostas afirmaram não fazer parte de nenhuma comunidade relacionada à deusa Hécate no Brasil, e isso pode estar ligado ao fato de que alguns devotos preferem trilhar “a caminhada com a deusa de forma solitária”. Outros respondentes afirmaram, que não se sentiam à vontade em expor suas práticas e crenças a familiares, ou a pessoas inseridas em seu círculo social, por medo de julgamentos, preferindo seguir o culto de forma particular e anônima, sem estar vinculado a nenhuma comunidade. Alguns apontaram que as dificuldades em encontrar outros devotos da deusa em suas regiões de origem, também contribuíram para o não pertencimento a uma comunidade Hekatina.

Figura 25 – Trívia de Hécate.



Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1370323013392570&set=p.1370323013392570>

A Trívia de Hécate é uma comunidade virtual fechada do Facebook (Figura 25), criada em fevereiro de 2020 pelo devoto e Sacerdote Hekatino Jack Witcher.¹⁸⁶ Atualmente, a comunidade possui 971 membros, dos quais 12,7% dos respondentes do questionário afirmaram participar. De acordo com seu idealizador, a ideia da criação da Trívia de Hécate está vinculada a outro grupo esotérico intitulado de “*Chamados pela Deusa*” que reunia adeptos da bruxaria de todo o Brasil, incluindo pessoas de outros países, há treze anos, no qual o próprio Jack Witcher era membro

¹⁸⁶ <https://www.facebook.com/groups/272838917016708>. Acesso em 23. jun. de 2024.

e participante ativo. Com a dispersão deste grupo, o idealizador da Trívia decidiu criar um grupo de estudos exclusivamente voltado para a deusa Hécate, que logo recebeu os devotos Hekatinos do grupo anterior. Dessa forma, a Trívia de Hécate foi criada com o intuito principal de servir como um espaço virtual de oferendas diárias à deusa, sendo preenchido diariamente, com o aprofundamento dos estudos históricos, literários e arqueológicos sobre essa divindade, funcionando como um espaço de troca, com o compartilhamento de orações, imagens, vídeos, ideias, experiências, links e todos os assuntos atuais que envolvem Hécate.

Com a intenção de dar apoio a essa comunidade, que logo se popularizou entre os brasileiros Hekatinos, em junho do mesmo ano foi criado um grupo de WhatsApp batizado de *Hékateia*, que aproximou os membros da comunidade, transformando-os em uma irmandade virtual. O grupo ainda conta com um drive, que disponibiliza aos devotos mais de 100 arquivos em PDF, que incluem livros, revistas e artigos acadêmicos sobre a historiografia da deusa Hécate.

Figura 26 – Santuário de Hécate.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cq8zME7Ow2C/>

A comunidade Santuário Hécate, recebeu 8,2% das afirmações de pertencimento, segundo os respondentes do questionário. Essa comunidade (Figura 26) foi criada em 12 de abril de 2023, pela bruxa, devota e Sacerdotisa Hekatina Liliáh Ambrósio, na forma de um templo virtual na plataforma do Telegram, possuindo

atualmente, uma média de 662 participantes.¹⁸⁷ A renomada idealizadora do projeto, oriunda do circuito Neo-esotérico místico do “*Vale do Amanhecer*”¹⁸⁸, possui uma vivência dentro dos mistérios da deusa há mais de trinta anos, fato esse que contribuiu de forma significativa para a idealização desse propósito. Dessa forma, o Santuário de Hékate tem, como objetivo principal, dar o suporte devocional e iniciático aos devotos dessa divindade, além de também oferecer um trabalho devocional, comunitário e gratuito, que envolve orações à deusa, meditações de conexão e salões de cura espiritual.

Figura 27 – Tear das Feiticeiras.



Fonte: https://www.instagram.com/p/Cou17oLJKaw/?img_index=1

O Tear das Feiticeiras é um coletivo de práticas mágicas, filosóficas, espirituais e sociais (Figura 27), que utiliza bases conceituais de uma cosmologia centrada na figura da deusa mãe, estabelecendo uma relação com determinadas práticas Helênicas e Tradição Tessalônica.¹⁸⁹ Fundado em dezembro de 2023, pelas sacerdotisas Hekatinas Syrinx Sycorax e Atiye Vivá, o Tear das Feiticeiras tem como

¹⁸⁷ <https://t.me/+AWc1Vmri2k5YWRh>. Acesso em 24. jun. de 2024.

¹⁸⁸ O Vale do Amanhecer foi uma comunidade idealizada pela ex-caminhoneira e médium Tia Neiva (nascida Neiva Chaves Zelaya – falecida em 1985), instalado no local atual desde 1969. O Vale ocupa uma área pertencente ao governo do Distrito Federal, no qual seus membros praticam uma religião sincrética que incorpora vários elementos do Cristianismo, Espiritismo, Umbanda, crenças religiosas em Óvnis e diversas outras crenças esotéricas. https://pt.wikipedia.org/wiki/Tia_Neiva. Acesso em 29. out. 2024.

¹⁸⁹ <https://teardasfeiticeiras.com.br/>. Acesso em 24. jun. de 2024.

sua divindade matrona Hécate *Enódia* dos caminhos, e está localizado no centro de Nova Iguaçu (RJ), registrado como um templo físico de bruxaria aberto a comunidade, do qual, 5,7% afirmaram fazer parte ou acompanhar. Dentro do templo ocorrem diversos projetos sociais, que vão desde *workshops* e oficinas, que visam ajudar mães solas e outras mulheres a complementar a sua renda, a palestras, rituais e grupos aprofundados de estudos.

Um desses projetos é a Tessitura de Hécate (Figura 28), que nasceu como um projeto devocional à deusa, com a finalidade de estabelecer um culto específico voltado a essa divindade, envolvido em uma jornada de dedicação, que visa manter vivas as antigas práticas helênicas, baseadas em fontes históricas, como os Papiros Mágicos Gregos, Oráculos Caldeus e outros.

De acordo com as idealizadoras do projeto, Tessitura é um termo muito usado na área da Sociologia e Ciências Políticas, para fazer alusão ao tecido social, que é misturado e complexo. Dessa forma, a Tessitura de Hécate, se configura como um trabalho realizado por inúmeras mãos que, apesar de percorrerem caminhos diferentes, estão sempre trabalhando em conjunto e dedicação a essa divindade. A Tessitura de Hécate disponibiliza, anualmente, treze vagas destinadas a adeptos e praticantes do Neopaganismo em geral, que antes de ingressar nessa jornada de conhecimento, passam por uma entrevista e uma consulta oracular anterior a sua seleção. O Instagram do Tear das Feiticeiras, possui 2.390 seguidores, que acompanham assiduamente as apresentações ao vivo e as publicações desse coletivo.

Figura 28 – Tessitura de Hékate.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/C62Qpx5AyXV/>

O Coletivo Respeita as Bruxas da Quebrada foi mencionado em 1,9% das afirmativas do questionário, como sendo uma comunidade de grande referência e pertencimento, voltada aos mistérios do sagrado feminino, paganismo, bruxaria e Wicca, na qual é possível encontrar muitas informações sobre à deusa Hékate (Figura 29). Seus idealizadores, são da região sul do estado de São Paulo, local onde ocorre, em sua maioria, rituais abertos a comunidade, cursos, workshops, oficinas, palestras, e apresentações musicais que são organizadas pelo grupo.¹⁹⁰

¹⁹⁰ <https://respeitaasbruxasdaquebrada.com.br/>. Acesso em 25. jun. 2024.

Figura 29 – Coletivo Respeita as Bruxas da Quebrada.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CyJZ-IHgjas/>

Esse Coletivo utiliza como ferramenta de propagação o canal do Youtube, que possui mais de seis mil inscritos¹⁹¹, uma página no Instagram, com oito mil seguidores¹⁹², e uma comunidade no Facebook, com onze mil membros¹⁹³, redes sociais onde são divulgados projetos de forma assídua pelo grupo, e destinados ao cenário Neo-esotérico brasileiro como um todo; além de permitir a interação e a troca de experiências e representatividade entre seus participantes. Para seus idealizadores, o cântico se caracteriza como uma ferramenta sagrada e importante durante as conexões com o mundo espiritual. De modo que, a música passa a ser trabalhada, como um elemento de fundamental importância dentro de suas atividades.

Hékate, é uma divindade muito bem quista pelo Coletivo Respeita as Bruxas da Quebrada, no qual, são produzidas belíssimas versões de cânticos pagãos destinados a essa deusa, combinados com a energia da voz da bruxa, educadora, feminista e Sacerdotisa Wiccaniana Mariana Leal. Músicas como: Hékate da Encruzilhada (Claudiney Prieto, 2021), Hino a Hékate (Banda Ícaros, 2020) e Seus Fogos Sagrados (Claudiney Prieto, 2013), se popularizaram entre a comunidade Hekatina brasileira, através das apresentações deste Coletivo nos eventos pagãos e nas redes sociais. Algo muito parecido com o que acontecia na antiguidade na cidade de Stratonikeia e no Santuário de Lagina, onde músicas e hinos, eram apresentados em honra à deusa Hékate nos dias festivos, ajudando assim, a popularizar a figura

¹⁹¹ <https://www.youtube.com/@RespeitaasBruxasdaQuebrada>. Acesso em 26. jun. 2024.

¹⁹² <https://www.instagram.com/respeitaasbruxasdaquebrada/>. Acesso em 26. jun. 2024.

¹⁹³ https://www.facebook.com/RespeitaasBruxasdaQuebrada?locale=pt_BR. Acesso em 26. jun. 2024.

dessa divindade no mundo antigo. Esse Fato, que transforma o trabalho do Coletivo Respeita as Bruxas da Quebrada em uma referência para o culto moderno à deusa no Brasil, principalmente pela força da propagação que esse projeto alcança no cenário Neopagão brasileiro.

Figura 30 – Comunidade Caminho Hecatino, Simpósio de Hécate, 2024.



Fonte: https://www.instagram.com/p/C96ES7UREfn/?img_index=1

O grupo Caminho Hecatino foi criado em 2019, pelo devoto Michel Oliveira Fontes, inicialmente, como um grupo de WhatsApp, com o intuito de reunir devotos da deusa e simpatizantes, para a troca de informações, práticas devocionais, estudos e reflexões sobre a deusa Hécate. Posteriormente a isso, o grupo se uniu ao canal do Youtube *Filhas de Hécate*, das devotas; Carina e Adila Trubat, mudando o nome do canal de forma definitiva para *Caminho de Hecatino*. O grupo, atualmente, possui 39 membros que residem em diversos estados brasileiros, e se conectam através da rede digital. Em agosto, de forma anual, é organizado um Simpósio pelo grupo (Figura 30), que é dedicado à deusa, e acontece através do canal do Youtube, aberto a toda a comunidade Hekatina brasileira. Neste Simpósio ocorrem discussões sobre a história da deusa, trocas de conhecimentos literários, reflexões sobre as práticas de culto no Brasil e no mundo, trocas de experiências devocionais etc.

Outras comunidades presentes no cenário Hekatino brasileiro, também foram mencionadas pelos respondentes do questionário, entre elas temos: 1) Caverna de Hekate; 2) Santuário de Hekate Hegemonen; 3) Filhas de Hécate; 4) A magia de Hécate; 5) Jardim de Hekate; 7) Círculo da Árvore; 8) Covenant of Hekate, este último,

apesar de não ser brasileiro em sua origem, ainda sim recebe muitos devotos do Brasil, através de suas ramificações. O *Covenant of Hekate* (CoH)¹⁹⁴ é entendido por seus membros como uma grande aliança sagrada de Hékate. Essa comunidade visa estabelecer uma sociedade internacional, onde a história e os mistérios da deusa Hékate, como alma cósmica do mundo, sejam estudados, partilhados e vivenciados por seus adeptos. A adesão a essa organização é gratuita, e a mesma possui ramificações que são chamadas de santuários em várias partes do mundo. Esses santuários, são orientados a atuar em áreas específicas de desenvolvimento a serviço do CoH. O contato entre membros em sua maioria acontece de forma remota, facilitando a interação entre toda essa grande comunidade.

Gráfico – 16



Fonte: https://docs.google.com/forms/d/1M89BDhdCcCQ4FtcLxSXxqOM_ErgUB14MGuydZ5n3HOK/e/dit?pli=1

Bozkurt (2017) afirma, em seu trabalho, que os rituais modernos para Hékate, acontecem em muitas partes do mundo, comunicando-se virtualmente na era da tecnologia.¹⁹⁵ Os dados coletados do questionário (Gráfico 16), atestam como verdadeira a afirmativa da autora, tendo em vista que é a partir da internet, que grupos e comunidades Hekatinas se organizam, como foi observado no gráfico 12. Nesse sentido, 38,1% dos respondentes, afirmaram que utilizam a internet como uma importante ferramenta de estudos, voltada ao aprimoramento e conhecimento sobre

¹⁹⁴ <https://www.hekatecovenant.com/>. Acesso em 22. abr. 2024.

¹⁹⁵ Bozkurt, Emine. Tanrıça Hekate: evrenin kendisi. Aydın, 2017 p. 3.

essa antiga divindade, um fato que contribui, em grande escala, para a modernização do culto em tempos atuais. A troca de experiências entre devotos, relacionada às práticas de culto a Hécate no Brasil, recebeu 19,9% das afirmativas dos respondentes. Um dado importante, pois, a partir dessa interação digital, esses indivíduos constroem novas adaptações, e estabelecem relações dentro deste culto.

Em contra partida, 14,2% dos respondentes, afirmaram que a internet não exerce qualquer tipo de influência dentro de suas práticas. Estes, estão em uma faixa etária entre 30 e 50 anos, parecem ser mais conservadores, não costumam estabelecer relações com outros Hekatinos, e se intitulam auto ditadas, ou seja, indivíduos que acreditam receber instruções diretas da própria deusa.

Outros afirmaram que a internet é uma ferramenta que possibilita a participação de rituais coletivos. Esses ritos, geralmente, acontecem de forma on-line, e são mediados, em sua maioria, por Sacerdotes da deusa, que alternam entre rituais pagos e gratuitos. Reunindo, assim, uma grande quantidade de pessoas, que mesmo morando em diferentes regiões do país, estão conectadas através dessa moderna ferramenta.

O contato entre a comunidade Hekatina brasileira, possibilitado pela internet, recebeu 6,3% das afirmativas deste questionário. Oraculistas Hekatinos também percebem a internet como uma significativa ferramenta na divulgação de seus trabalhos, e na captação de novos clientes, estes somaram 4,0% das respostas. Os que não têm certeza sobre este tipo de influência da internet, dentro de suas práticas de culto com Hécate listaram 4,5% das afirmativas. Aqueles que percebem a internet como uma expressiva ferramenta, direcionada à compra e venda de utensílios religiosos relacionados ao culto Hekatino, somaram 3,9% das declarações. Estes, além de ajudar na propagação do culto de forma indireta, ainda aquecem o mercado místico brasileiro, que todos os dias, floresce, com os mais diversificados produtos relacionados à essa deusa, principalmente durante o agosto Hekatino.

4. Os Novos Movimentos Religiosos (NMRs).

Na sociologia, o termo secularização é compreendido como um conceito multifacetado, que é geralmente utilizado para se referir à transição ocorrida na sociedade ocidental do religioso para o mudando, que ocasionou a separação das formas tradicionais de estruturação social e religiosidade.¹⁹⁶ Esse processo, teria se dado de forma gradual, no decorrer de importantes acontecimentos históricos como o renascimento italiano, o humanismo, a reforma protestante, o iluminismo, as revoluções americana e francesa, o processo de industrialização e as políticas sociais que, juntos, impulsionaram o desenvolvimento de ideias seculares no homem moderno, ao mesmo tempo em que, ajudaram no enfraquecimento da influência religiosa nas sociedades ocidentais.

Pierucci (2003), ao analisar o conceito de secularização e desencantamento de mundo presentes em Max Weber, salienta, que o processo de desencantamento foi ocasionado, principalmente, pela racionalização intelectualista da ciência e da técnica científica orientada, que nos levou a uma perda de um sentido literal da desmagificação religiosa, proporcionada pelo domínio técnico do mundo natural pela tecnologia.¹⁹⁷ Muitos estudiosos do período, acreditavam que o desenvolvimento tecnológico decretaria o fim da religião, transformando o homem moderno em um indivíduo secular, guiado apenas pela razão.

Eliade (1992) defende que, seja qual for o grau de dessacralização do mundo, o homem que optou por uma vida profana (longe da religião) não consegue abolir completamente o comportamento religioso, pois, até uma existência por mais dessacralizada que seja, conserva traços de uma valorização religiosa do mundo.¹⁹⁸ Stark (2015), ao discutir ideias relacionadas ao papel da religião na sociedade contemporânea, defende que o processo de secularização não é inevitável nem universal, e que há uma persistência, e até um ressurgimento da religiosidade acontecendo de várias formas, como por exemplo, o crescente número de Novos Movimentos Religiosos ou a revitalização de tradições religiosas já existentes. Para o

¹⁹⁶ Latré, Stijn; Vanheeswijck, Guido. Secularization: History of the Concept. *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (Second Edition) 2015, pp. 388-394.

¹⁹⁷ Pierucci, F Antônio. O Desencantamento do mundo: Todos os passos em Max Weber. São Paulo: Editora 34, 2003, p.152.

¹⁹⁸ Eliade, Mircea, 1907/1986. O sagrado e o profano/ Mircea Eliade; [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 18.

autor, a religião continua a desempenhar um papel central na vida das pessoas, e nas estruturas da sociedade, indicando que há um “*reencantamento*” do mundo em curso. Esse reencantamento se manifesta, diretamente, na maneira em como as pessoas buscam significado, propósito e conexão espiritual, desafiando assim, a ideia de que a racionalidade substituiria completamente a religião e a espiritualidade na vida moderna.¹⁹⁹

A partir da metade do século XX, com o aprofundamento desse processo de secularização, aconteceu uma grande valorização da liberdade individual, dos direitos humanos e do pluralismo em diversos campos da sociedade. No campo religioso, por exemplo, esse pluralismo possibilitou uma grande desmistificação de tradições e crenças, que outrora, eram tidas como únicas e inquestionáveis. Para Guerriero (2006), a secularização possibilitou o avanço do pluralismo e do trânsito religioso, uma vez que, não havendo as amarras das instituições religiosas, o indivíduo pode manipular os bens simbólicos, construindo a partir disso, seus arranjos religiosos sem medo de quebrar o eixo central de onde estaria inicialmente apoiado.²⁰⁰ Sanchez (2005), defende que o pluralismo religioso, é um modo de compreensão da religião que ultrapassa os limites da tradição, num sentindo em que, as mais diversas expressões religiosas, cada vez mais centradas nos sujeito, acabam se traduzindo numa série de recortes no universo dos símbolos e das múltiplas práticas religiosas. Para o autor, como esses recortes, muitas vezes, não se vinculam a tradição, eles podem ser entendidos como algo a ser recriado, dando origem a uma nova tradição que incorpora elementos de diversas experiências daqueles que estão inseridos no campo religioso.²⁰¹

Quando pensamos em grandes religiões mundiais, somamos uma média de mais de 20 denominações diferentes. Essas novas formas de vivenciar a religiosidade, ou “*Novas religiões*”, seriam então, tanto aquelas que fogem completamente dos moldes das religiões tradicionais, como também, os novos grupos surgidos do interior delas, ou até mesmo, uma mistura entre duas ou mais dessas grandes religiões, que

¹⁹⁹ Stark, Rodney. The triumph of faith: why the world is more religious than ever. Intercollegiate Studies Institute. 2015, pp.1-36.

²⁰⁰ Guerriero, Silas. Novos movimentos religiosos: O quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006, p.50.

²⁰¹ Sanchez, Lopes W. Pluralismo Religioso: as religiões no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 37.

além de surgirem como ruptura ou oposição, trazem ainda uma nova mensagem ou caminhos diferenciados, que visam atingir a salvação e a plenitude dos indivíduos.²⁰²

Esses movimentos surgem, como grupos religiosos recentes e diferenciados das religiões tradicionais, variando entre crenças, práticas e organizações, partilhando de características em comum que os enquadra na tipologia de “*Novos*”, no qual, sua origem recente (geralmente a partir do XX ou posteriormente), a inovação teológica (novas interpretações das antigas doutrinas ou novas crenças), a estruturação organizacional (líder carismático ou sacerdote), as respostas as mudanças sociais (soluções ou novas perspectivas para questões contemporâneas), a atração de seguidores (atraem pessoas que buscam respostas espirituais que não encontram nas religiões tradicionais), transformam esses movimentos, em grandes exemplos do que se tornou a religião com o advento da pós-modernidade.

Sarah Pike (1959), ao analisar as primeiras variedades de espiritualidades alternativas, presentes na história religiosa da América do Norte, defende que esses novos movimentos não são tão novos assim, afirmando que os mesmos, na verdade, são fenômenos derivados, de uma corrente de pensamento e práticas religiosas populares do século XIX. Para a autora, as religiões ocultas do XIX, teriam baseado suas atividades, principalmente, nessas crenças e práticas populares que já existiam nas costas americanas, durante o século XVI. Dessa forma, esses novos movimentos, teriam apenas, atualizado e sintetizado essas correntes mais antigas, deixando para trás as suas raízes ocultas, e assumindo novos contornos dentro do contexto moderno americano.²⁰³

A especialista no estudo dos Novos Movimentos Religiosos, Eileen Barker (1989), incluiu um apêndice em sua pesquisa, no qual exemplifica alguns grupos ou movimentos da Grã-Bretanha, que foram chamados de cultos ou Novos Movimentos Religiosos, por possuírem características peculiares e diferentes, das organizações religiosas tradicionais. Das manifestações religiosas listadas em seu trabalho, e de grande relevância para o entendimento desse estudo, é possível destacar os seguintes movimentos: 1) *New Age Movement*; 2) *Neo-paganism*; 3) *Occultism*; 4)

²⁰² Guerriero, Silas. Novos movimentos religiosos: O quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas: São, 2006, pp. 20-21.

²⁰³ Pike, M Sarah, 1959- New Age and neopagan religions in America. New York: Columbia University Press, 2004, pp. 39-40.

Shamanism; 5) *Witchcraft*; 6) *Satanism*.²⁰⁴ Esses movimentos, mesmo possuindo algumas características em comum, ainda assim, se diferenciam em suas origens, crenças, práticas, organização, liderança, estilo de vida, questões de gênero e principalmente morais.

O movimento *New Age*, por exemplo, segue como uma rede sem líderes, dando origem aos movimentos mencionados na sequência, como uma grande teia de ramificações que recebeu o nome de “*grupos do potencial humano*”. Os convertidos a estes movimentos romperam com certos elementos do pensamento ocidental, ao mesmo tempo em que, a “era de aquário”, se estabelecia como uma organização livre e sem doutrinação política, provocando muitas mudanças radicais. Os indivíduos ligados a nova era, se percebiam como buscadores explorando novas fronteiras, inclusive, aqueles que já pertenciam a grupos religiosos mais tradicionais, mas que por algum motivo pessoal, se permitiram abrirem-se as essas novas possibilidades religiosas. Outros, aderiram à nova era, por simplesmente terem rejeitado as opções religiosas e filosóficas mais tradicionais, as compreendendo como organizações falidas.²⁰⁵ De um modo geral, as crenças da nova era, além de abraçar antigas crenças xamânicas, pagãs e diversas outras variedades de espiritismos, também concedeu a liberdade para o indivíduo, de transitar em mais de uma delas ao mesmo tempo, se assim desejasse. E essa liberdade de trânsito religioso, é uma das principais características encontrada na maioria dos NMRs.

Os Novos Movimentos Religiosos, apesar de oferecerem uma visão nova e diferente das religiões tradicionais, enfrentam alguns problemas a serem superados: 1) controle e manipulação, no qual, em alguns desses grupos utilizam de técnicas psicológicas para controlar as pessoas, dificultando que elas saiam ou pensem de forma independente; 2) isolamento social, incentivando o afastamento de familiares e amigos fora do grupo, e criando dependência emocional apenas para com os membros; 3) exploração financeira, onde se cobra contribuições financeiras ou valores elevados, algo que pode prejudicar o bem-estar econômico dos adeptos; 4) doutrinação rígida, na qual, quem pensa diferente ou não é membro, tende a ser rejeitado; 5) Falta de transparência, relacionado a falta de regulamentação ou

²⁰⁴ Barker, Eileen. *New Religions Movements: A Practical Introduction*. London: Her Majesty's Stationery Office, 1989, pp. 165-216.

²⁰⁵ *Ibidem*, pp. 188-191.

fiscalização, no qual é difícil verificar que o dinheiro é usado de forma coerente ou se há abusos; 6) negligência com a saúde, quando alguns movimentos rejeitam a medicina convencional, incentivando práticas alternativas, que podem representar perigo para quem tem problemas de saúde grave; promessas enganosas, onde alguns grupos, prometem soluções milagrosas ou prosperidade em troca de ações, o que pode enganar e frustrar pessoas. Há vários casos em que líderes religiosos do segmento NMRs, requer para si próprio, uma infinidade de bens materiais, como imóveis, carros ou simplesmente dinheiro. Essa é uma das principais críticas que se fazem aos Novos Movimentos Religiosos, acabando por colocar em um mesmo balaio, aqueles que são verdadeiros impostores e aqueles que, mesmo vivendo na opulência material, tem na mensagem espiritual seu ponto forte.²⁰⁶

Barker salienta, que alguns movimentos anti-cultos, a mídia e uma parte considerável da população, continua definindo os NMRs, como movimentos de cultos destrutivos, que são perigosos; compostos por manipuladores, maníacos sexuais, exploradores e líderes enganosos, por conta desses elementos negativos. No entanto, a autora enfatiza, que refletir sobre os diversos aspectos que podem ser encontrados nos NMRs, pode contribuir, de forma significativa, para a compreensão da sociedade.²⁰⁷ Desse modo, os estudos sistemáticos sobre os Novos Movimentos Religiosos ajudam a perceber que as pessoas da modernidade não são menos religiosas, que as de outrora, que a religião não é mais prerrogativa exclusiva das igrejas (no seu sentido clássico) e que a dinâmica dessas novas religiões não pode ser separada das mudanças que ocorre no meio social.²⁰⁸

²⁰⁶ Guerriero, Silas. Novos movimentos religiosos: O quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas: São, 2006, pp. 75 - 76.

²⁰⁷ Barker, Eileen. New religious movements: the incidence and significance. In: Wilson, Bryan & Cresswell, Jamie. Eds. New religious movements; challenge and response. London, Routledge, 1999, pp. 7-15.

²⁰⁸ Guerriero, Silas. Novos movimentos religiosos: O quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas: São, 2006, p. 41.

4.1 - Novos Movimentos Religiosos e o Cenário Brasileiro

No Brasil, os Novos Movimentos Religiosos encontraram um terreno fértil para se estabelecer, especialmente por conta da diversidade cultural e a abertura religiosa característica do nosso país, que teria proporcionado a ebulição desses movimentos no campo religioso brasileiro. Entre os mais conhecidos, é possível destacar, o Neopentecostalismo, que utiliza das mídias para a evangelização em massa, acompanhado de grandes redes de templos, espalhadas por diversas regiões brasileiras. O Santo Daime, que mistura tradições indígenas com o cristianismo, ao mesmo tempo em que, utiliza do chá da Ayahuasca em seus ritos para a cura espiritual. O Espiritualismo Universalista, que combina elementos de diversas religiões como o espiritismo, a teosofia e práticas espirituais, a fim de obter uma visão mais ampla da espiritualidade. As comunidades alternativas e Neopagãs, que incluem movimentos como a Wicca e demais grupos, e utilizam de práticas religiosas antigas e filosofias naturais, como a ecologia e outras práticas sustentáveis. Novas vertentes de religiões afro-brasileiras, que surgem frequentemente nesse cenário, utilizando de novas interpretações religiosas, que integram elementos de outras tradições. E uma gama de igrejas independentes, que surgem a partir da desilusão de alguns indivíduos com as instituições religiosas tradicionais.

Pierre Sanchis (2013), ao refletir sobre os dados apresentados pelo Censo 2010 do IBGE, apontou que o fator religioso no Brasil se mostrou complexo e contínuo, e que mesmo acompanhado pelo processo de secularização, ainda é possível detectar certa reemergência do fator sagrado na vida social, e na experiência individual dos brasileiros.²⁰⁹ Dessa forma, a religião civil pode ser entendida, como um grande conjunto de rituais, narrativas, símbolos, códigos morais e celebrações de uma nação, que tivera no passado uma inspiração claramente religiosa, mas que hoje não assumem essa denominação.²¹⁰

Seguindo esse leque de reflexões, possibilitadas pelos dados apresentados no Censo do IBGE 2010, referente ao cenário religioso brasileiro, a pesquisadora Leila

²⁰⁹ Sanchis, Pierre. Prefácio. In: Teixeira, Faustino; Menezes, Renata (orgs.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, pp.12-13.

²¹⁰ Cruz, Eduardo R. *A persistência dos deuses: religião, cultura e natureza*. São Paulo: UNESP, 2004, p.17.

Amaral (2010), utilizou do termo “*Cultura Religiosa Errante*” para se dirigir às práticas espirituais e religiosas, diferenciadas, em combinações variadas, que são independentes das definições ou inserções religiosas de seus participantes. A autora defende em seu estudo, que os indivíduos inseridos na cultura religiosa errante, são frutos de um quadro emergente e presente na religiosidade brasileira, um fenômeno que está intimamente relacionado às mudanças ocorridas neste cenário, nos últimos anos, em combinação, com as transformações do universo religioso moderno do ocidente. A cultura religiosa errante seria composta por muitas variações de indivíduos autônomos, que estão inseridos no Circuito Neo-esóterico ou Nova era, e que fazem deslocamentos híbridos constantes, ao transitar de forma livre entre diversos outros campos religiosos.²¹¹

Eduardo Cruz (2004), emprega o termo “*Errantes do Novo Milênio*” para se dirigir a esses adeptos dos Novos Movimentos Religiosos, que sentem que as religiões tradicionais não lhes proporcionam mais uma alternativa de inserção social ou conforto espiritual, e buscam dentro dessas tendências múltiplas da Nova Era, como o esoterismo, o misticismo, a autoajuda e todas essas manifestações espiritualistas, possibilitadas pelo advento da pós-modernidade, o preenchimento dessa lacuna.²¹²

Outro grupo que ganha destaque no cenário religioso brasileiro, de acordo com as recentes pesquisas, são os auto declarados “*Sem Religião*”. Indivíduos que não se identificam com nenhuma religião específica, não sendo necessariamente ateus ou agnósticos, mas sujeitos que não seguem uma tradição religiosa em particular. Novaes (2004), ao analisar o crescimento do percentual daqueles que declaram não pertencer a nenhuma religião no Brasil, explica, que essas pessoas podem ser encontradas numa faixa etária que vai dos 15 aos 24 anos, e que mesmo se declarando sem religião institucional, ainda assim, não deixam de ser religiosas, podendo inclusive se aproximar de outras formas de espiritualidades.²¹³

²¹¹ Amaral, Leila. Cultura religiosa errante: o que o censo de 2010 pode nos dizer além dos dados. In: Teixeira, Faustino; Menezes, Renata (orgs.). Religiões em movimento: o Censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, pp.295-310.

²¹² Cruz, R Eduardo. A persistência dos deuses: religião, cultura e natureza. São Paulo: UNESP, 2004, pp. 22-23.

²¹³ Novaes, Regina. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. Estudos Avançados 18 (52), 2004, p.323.

Hoje e ontem há jovens que se definem como “ateus” e “agnósticos”, mas certamente em nenhuma outra época houve tantos jovens se definindo como “sem religião” que poderiam também ser classificados como “religiosos sem religião”, isto é, adeptos de formas não institucionais de espiritualidade que são normalmente classificadas como esotéricas, nova era, holísticas, de ecologia profunda etc. Mas, ao mesmo tempo, também é significativo o número de jovens que se predispõe a mudar de religião e que reafirma seu pertencimento às igrejas evangélicas, às novas religiões japonesas, ao Budismo e, também, a grupos católicos ligados à Teologia da Libertação ou à Renovação Carismática. (NOVAES, 2004, p. 323).

Dessa forma, é possível compreender, que ao passo que a experiência religiosa perde espaço em diversas esferas da vida e organização dos indivíduos brasileiros, ela se redescobre e ressignifica, metamorfoseando-se, e encontrando nos “*Sem Religião*”, parceiros perfeitos para o seu aparecimento e florescimento, na medida que esses indivíduos, vivem as suas experiências pessoais com o sagrado, como grandes herdeiros das diversas características, que podem ser encontradas no advento religioso da pós-modernidade, como a crença em Deus, nos deuses, no misticismo e em diversas outras formas de espiritualidades, que se fazem presentes no campo religioso brasileiro, ainda que desvinculadas de uma instituição religiosa.²¹⁴

A diversidade de possibilidades presente nos NMRs, muitas vezes impossibilita a classificação dessas manifestações religiosas. Porém, por mais difícil que seja definir um NMR em sua tipologia, ainda assim, é possível encontrar elementos que nos auxiliem durante a classificação de tais movimentos e suas definições. Barker (2004), enfatiza a importância de utilizar dessas definições ao refletir sobre os NMRs, para identificar esses fenômenos e comunicar sobre eles. Para a autora, essa prática, isola uma característica ou um conjunto de características e, por tanto, excluem outras perspectivas do rótulo que empregamos, permitindo descobrir quais outras características também poderão ser associadas ao fenômeno em questão.²¹⁵

²¹⁴ Brandão, Hugo; Vasconcelos, Sérgio. Os “Sem Religião” e a Cultura Pós-Moderna. Recife: Paralellus, v.12, n.29, jan./abr. 2021, p. 248.

²¹⁵ Barker, Eileen. What Are We Stydyng? Nova Religio: The Journal of Alternative and Emergent Religions. Vol.8. N.1. University of California Press, 2004, p. 89.

Guerriero (2006), salienta em sua pesquisa sobre os Novos Movimentos Religiosos, no cenário brasileiro, que o critério utilizado em seu estudo para a definição do que pode ser entendido por “*Novo*”, estaria mais relacionado à ruptura desses movimentos com os moldes tradicionais de vivenciar a religião em cada sociedade. Nesse sentido, se para um país europeu uma igreja pentecostal destoa amplamente da religião tradicional e seus adeptos estão rompendo laços sociais até então constituídos, logo não se vê problema em considerá-la parte dos NMRs. Porém, aqui no Brasil, esse entendimento acontece de maneira diferente, uma vez que, tanto os pentecostais como a renovação carismática, apesar de se constituírem como grupos surgidos no interior das religiões tradicionais, não são mais em sua maioria, compreendidos pela vasta literatura acadêmica como novidade, pelo simples fato de já fazerem parte do cenário religioso brasileiro.²¹⁶

Logo, mesmo percebendo traços semelhantes entre igrejas evangélicas ou grupos oriundos da renovação carismática e alguns NMRs, o autor os deixa de fora, e divide o que pode ser entendido como Novos Movimentos Religiosos no Brasil em quatro grupos distintos: 1) o primeiro grupo estaria inserido no contexto daqueles, que mesmo surgidos em sua maioria no século XIX, ainda poderiam ser chamados de “*Novos*”, por ainda estarem em atuação nos dias atuais, mesmo que de forma sectária. Esse primeiro grupo é proveniente do cristianismo, e possui uma visão teológica forte, na qual seus adeptos acreditam terem alcançado uma verdade absoluta que os levaria à salvação. Muitas vezes, se consideram portadores de uma nova mensagem evangélica, seguida de posicionamentos fundamentalistas; entre eles estão os Ex-meninos de Deus, o Movimento de jovens ligado à música gospel, a Igreja Adventista do sétimo dia, as Testemunhas de Jeová, a Igreja dos Mórmons, a Ciência cristã, o Exército da salvação e muitos outros; 2) o segundo grupo é composto por movimentos externos às grandes religiões tradicionais, e que ao mesmo tempo, guardam relações com religiões fortemente instituídas em solo brasileiro, entre eles temos: a Osho Brasil, a Organização Brahma Kumaris, a Organização Sathya Sai Baba, o Santo-Daime, a União do Vegetal, a Barquinha e outros, que em sua maioria, possuem fortes inclinações orientalistas, se organizando em comunidades rurais e centros urbanos. Esse grupo se caracteriza, principalmente, como buscadores da salvação espiritual

²¹⁶ Guerriero, Silas. Novos movimentos religiosos: O quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 97.

diante de um mundo cheio de malefícios, negando a ruptura com a cultura ortodoxa religiosa, na medida em que, busca o resgate de uma tradição que se perdeu. Alguns até apresentam hierarquia eclesial, formação de uma comunidade moral e rigidez doutrinária, defendendo uma verdade única e ancorada no fundamentalismo. Os pertencentes a esse grupo buscam por uma experiência diferente da educação que receberam, e demonstram uma forte insatisfação com as religiões tradicionais instituídas. Outra característica marcante desses indivíduos é a de que mesmo apresentando estruturas fechadas, seus adeptos, costumam transitar entre outros centros, assumindo identidades múltiplas e passageiras, tornando-se, os que mais participam do trânsito religioso, característico dos errantes do novo milênio. Nesse segundo grupo, ainda há aqueles que utilizam de contornos religiosos menos rígidos, seguidos por uma verdade eclética e ao mesmo tempo fundamental, como é o caso do Vale do Amanhecer e da Legião da Boa Vontade. Os representados por esse segundo grupo, utilizam de uma forte resignificação de símbolos da cultura brasileira em seus movimentos; 3) o terceiro grupo, é composto por movimentos originários das novas religiões surgidas no oriente, e que foram trazidas ao Brasil pelos próprios imigrantes japoneses, entre eles estão a Soka Gakkai, a Igreja Messiânica Mundial, o Seicho-No-Iei, o Mahikari, a Igreja da Unificação, a Perfect Liberty e outros, que apesar de se apresentarem com uma narrativa religiosa tolerante, possuem na realidade, uma doutrina bem definida, com contornos de uma verdade que se sobrepõe as demais, logo podem ser compreendidos como fundamentalistas; 4) o quarto e último grupo, pode ser compreendido, com contornos mais amplos, e é formado por diversos movimentos que não possuem lideranças fixa, e são marcados por características esotéricas e ocultistas. Esse grupo, é identificado como Nova Era, um tipo de movimento, que não possui um contorno religioso rígido e que recebe indivíduos de diferentes denominações religiosas. No grupo, podemos encontrar pessoas dedicadas a estudar sobre civilizações perdidas, óvnis e inúmeros tipos de terapias holísticas. Os movimentos que mais se destacam nesse segmento, são a Sociedade Antroposófica, a Umbanda Esotérica, e diversos outros grupos da Nova era, ou Xamanismo Urbano, que acreditam, que a busca pela verdade pode ser alcançada por meio do estudo aprofundado, equilíbrio da mente e uma grande transformação individual. A incorporação de símbolos religiosos de culturas muito distantes, sincretismos errantes, e a ideia de que todos os caminhos levam a iluminação, também são características marcantes desse grupo. Entre os grupos mais

organizados ligado ao esoterismo aqui no Brasil temos; a Ordem Rosa-Cruz (Amorc), a Fraternidade Branca Universal, a Igreja da Cientologia, a Nova Acrópole, a Fraternidade Pax Universal, a Sociedade Teosófica do Brasil, o Movimento do Potencial Humano, a Sociedade Antroposófica, o Instituto 3HO, o Instituto Nyingma do Brasil, o Instituto de Estudos Xamânicos Paz Geia, o Centro de Estudos Filosóficos Palas Athena, a Sociedade Brasileira de Eubiose, o Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento e a Wicca,²¹⁷ da qual a Tradição Hekatina se vincula.

4.2 - O Culto à deusa Hékate ou Tradição Hekatina como um Novo Movimento Religioso (NMR).

Prieto (2020), ao apresentar diversas tradições como sendo derivadas da Wicca em sua obra, traz como um dos exemplos a *Tradição Hekatina* que, para o autor, seria uma tradição moderna, inspirada em antigos ritos escoceses caledonianos, a partir dos quais, seus adeptos tentam reconstruir e modernizar rituais antigos de adoração à deusa Hékate, em suas práticas devocionais atuais.²¹⁸ Um tipo de prática religiosa que também pode ser definida como culto. Já que o termo culto, também pode ser aplicado a homenagens prestadas a seres divinos, de forma individual ou coletiva.

Burke (2007), ao trazer reflexões sobre seitas e cultos, baseado nas afirmativas de diversos outros estudiosos sobre o tema, elucida, que os mais variados grupos de cultos emergem como resultados da inovação ou importação cultural, um tipo de organização social, que descreve a religião popular não oficial, ao mesmo tempo, em que representa as rupturas fundamentais com a tradição religiosa oficial. Diferente das seitas que, muitas vezes derivam de cismas de religiões já estabelecidas, os cultos assumem uma postura pluralista que os tornam tolerantes com outros caminhos religiosos, justamente por possuírem uma orientação individualista, sem uma fonte

²¹⁷ Guerriero, Silas. Novos movimentos religiosos: O quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006, pp. 91-103.

²¹⁸ Prieto, Claudiney. Wicca, A Religião da Deusa. São Paulo: Ed. Alfabeto, 2020, p. 152.

específica de autoridade, um transitório em seus limites e com um sistema de crenças em fluxo.²¹⁹

Podemos incluir o culto à deusa Hécate ou Tradição Hekatina no seio dos NMRs, na medida que essa manifestação religiosa, compartilha de características e elementos, semelhantes à tipologia múltipla e variada, que foi estabelecida entre os estudiosos dos Novos Movimentos Religiosos. A primeira delas, está relacionada ao sincretismo religioso que pode ser encontrado dentro desses movimentos, e que também é encontrado na Tradição Hekatina, mesmo que de forma tímida, como foi apresentado no gráfico 14. Esse misto de combinações entre elementos de diferentes tradições religiosas, filosóficas ou espirituais, acaba criando um sistema de crenças e práticas únicas, algo muito semelhante com o que aconteceu ao Neopaganismo, surgido a partir da influência de um misto de crenças pré-cristãs europeias. Para Barker (2004), um NMR pode surgir dentro de uma tradição religiosa específica, a partir do momento em que ele se envolve em alguma inovação ou reinterpretação de ritos ou escrituras antigas, gerando assim, uma combinação de novas crenças ou novas ramificações.²²⁰ Esse mesmo movimento, pode ser encontrado na Tradição Hekatina, na medida em que a mesma, se ramifica da Wicca como uma tradição própria, influenciada por esses mesmos conjuntos de crenças e práticas antigas.

Outra característica marcante que a Tradição Hekatina compartilha com os NMRs, é a ideia de comunidade e identidade, que os Novos Movimentos Religiosos colocam em grande ênfase, ao se voltar para a criação de comunidades coesas, que compartilham de uma visão de mundo comum, junto de um compromisso com os ensinamentos do movimento, que se alia ao estatuto de identidade e pertencimento entre seus membros. Burke (2007) salienta que a maioria das novas religiões estabelecidas, tem o seu início em formas comunais de organização, no qual é possível identificar um tipo de coletivismo organizacional, especialmente no início de seu desenvolvimento.²²¹ Esse mesmo tipo de organização comunal, se faz presente na Tradição Hekatina, visto que, muitos devotos da deusa Hécate, buscam em tais

²¹⁹ Burke, Rochford E. Social Building Blocks of New Religious Movements: Organization and Leadership. In: Bromley G David, ed. Teaching New Religious Movements. Nova York: Oxford University Press, 2007, pp.161-164.

²²⁰ Barker, Eileen. What Are We Studying? Nova Religio: The Journal of Alternative and Emergent Religions. Vol.8. N.1. University of California Press, 2004, p. 92.

²²¹ Burke, Rochford E. Social Building Blocks of New Religious Movements: Organization and Leadership. In: Bromley G David, ed. Teaching New Religious Movements. Nova York: Oxford University Press, 2007, p. 164.

comunidades uma visão de mundo em comum, voltada às suas práticas devocionais pessoais, além de buscarem uma identidade partilhada, que alimenta o sentimento de representatividade desses indivíduos.

Estabelecer uma crítica ao “*Status Quo*” religioso, é uma outra característica presente nos NMRs, que surgem como uma tentativa de resposta a insatisfação com as religiões tradicionais, oferecendo alternativas ao indivíduo, que pretendem ser mais espirituais, autênticas ou mais relevantes a vida moderna. A ideia de defender aquilo que é do seu interesse, presente na manutenção do *Status Quo* religiosos, também pode ser encontrada na Tradição Hekatina, quando os indivíduos adeptos dessa tradição, se propõem a defender os pontos de vista em comuns relacionados à deusa Hékate, algo que ocorre de forma variada, através de encontros físicos, redes sociais, eventos, mesas de estudos ou simpósios. Segundo os adeptos, Hekatinos não afrontam outras tradições, pelo contrário, se percebem muito abertos e receptivos como a maioria dos NMRs, principalmente, os que fazem parte do circuito Neo-esotérico; porém, na medida em que se posicionam, estabelecendo seus conceitos e princípios, que podem auxiliá-los durante a evolução espiritual guiada pela divindade, e que ocorre longe das amarras impostas por uma instituição religiosa tradicional, naturalmente, tendem a ser compreendidos como opositores dessas tradições oficiais. Stuart (2007), ao analisar a dinâmica da adesão e saída dos NMRs, propõe que, muitas vezes, ao defender o *Status Quo* religioso, esses novos movimentos acabam ofendendo as sensibilidades convencionais das religiões institucionais, tornando-se rivais das mesmas.²²² Essa rivalidade possivelmente ocorre, não por uma afronta direta, mas pelo fato dos NMRs, oferecerem essa nova possibilidade aos indivíduos, de abraçar um caminho mais alternativo, livre de amarras e mais espiritualizado, mesmo que, muitos desses movimentos estejam imersos em contradições, como pautado anteriormente.

Rituais e novos tipos de práticas religiosas também são elementos encontrados nos Novos Movimentos Religiosos que, geralmente, realizam essas manifestações, de uma maneira diferente das que acontecem nas religiões tradicionais. Esses ritos podem ser totalmente novos, adaptados de práticas tradicionais ou reinterpretações das antigas religiões. Na Tradição Hekatina, o elemento ritual se faz presente em

²²² Stuart, A Wright. The Dynamics of Movement Membership: Joining and Leaving New Religious Movements. In: Bromley G David, ed. Teaching New Religious Movements. Nova York: Oxford University Press, 2007, p. 187.

muitos momentos, principalmente em datas comemorativas relacionadas à deusa Hécate. Um tipo de prática herdada dos princípios básicos da Wicca, que adaptou suas práticas e ritos a realidade do mundo moderno, através da construção de espaços sagrados de adoração as suas divindades.²²³ Eliade (1992) salienta que os rituais permitem que os seres humanos transcendam o tempo profano (mundo real) e acesse o tempo sagrado, possibilitando ao homem religioso através desse agir simbólico, o reviver de uma experiência divina primordial. Para o autor, esse tempo sagrado no qual a prática ritualística pode transcender é um tempo circular, reversível e recuperável, um eterno presente mítico, que o homem religioso reintegra periodicamente através da linguagem dos ritos.²²⁴

A percepção de rejeição ou perseguição religiosa, é outra característica fortemente presente em alguns NMRs, dado ao contexto inicial de sua emergência, e o impacto causado na sociedade norte-americana durante as décadas de 1960 e 1970. Tais movimentos, surgiram em meio às manifestações contra a guerra do Vietnã e outros distúrbios civis da época, espalhando-se rapidamente e sendo receptível principalmente ao público jovem, que os aderiram em grande proporção, abandonando inclusive, escolas, universidades e planos de carreira para vivenciar com grande intensidade essa nova possibilidade de experimentação religiosa. Richardson e Introvigne (2007), ao analisarem os contra movimentos e o pânico social que se instaurou com a chegada dos NMRs na sociedade americana, afirmam, que familiares dos novos adeptos a estes movimentos, principalmente aqueles que galgavam de influência nas altas posições sociais como: religiosos, líderes sociais, autoridades policiais e grupos de ação, organizaram um grande contra movimento, utilizando, sobretudo, dos meios de comunicação da época para propagar a ideia de que os NMRs, eram uma ameaça a sociedade em geral. Esse contra movimento, se constituiu como uma resposta social hostil e violenta que compreendeu, inicialmente, os NMRs, como um mecanismo destrutivo de lavagem cerebral, classificando-os como um problema social que precisava ser erradicado.²²⁵

²²³ Prieto, Claudiney. Wicca, A Religião da Deusa. São Paulo: Ed. Alfabeto, 2020, pp. 30-31.

²²⁴ Eliade, Mircea, 1907/1986. O sagrado e o profano/ Mircea Eliade; [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 36-39.

²²⁵ Richardson, T James; Introvigne, Massimo. New Religious Movements, Countermovements, Moral Panics, and the Media. In: Bromley G David, ed. Teaching New Religious Movements. Nova York: Oxford University Press, 2007, pp. 91-96.

Para Barker (2004), esse antagonismo externo que é encontrado na maioria dos NMRs, acontece basicamente, por conta do *Status Quo* religioso que é oferecido por essas novas religiões, e que mesmo não ofendendo nenhuma lei ou credo religioso tradicional, é frequentemente recebido com ignorância, hostilidade e medo pelas religiões tradicionais. Dessa forma, os Novos Movimentos Religiosos, foram e continuam sendo discriminados proporcionalmente por serem “*Novos*”, e levantar questionamentos de pessoas comuns, que tendem a suspeitar dessas novas crenças e práticas, entendendo as mesmas, como um perigo para os indivíduos da sociedade em que estão inseridos. Geralmente esse tipo de percepção social negativa, faz com que os convertidos a essas novas crenças, se isolem socialmente ou geograficamente, fazendo com que muitos grupos de NMRs se tornem desconhecidos, restritos ou difíceis de localizar.²²⁶

A rejeição e a perseguição aos Novos Movimentos Religiosos, se apresenta como um fenômeno comum nas sociedades atuais, no qual, alguns deles são até erroneamente classificados como seitas, no sentido pejorativo da palavra. Essas classificações e críticas, ocorrem por diversos fatores e elementos. Os mais significativos entre eles são: as diferenças doutrinárias, a ameaça ao *Status Quo* religioso, o estigma social, ou leis e proibições que restringe a liberdade religiosa em alguns países. Tais críticas, rejeições e perseguições, podem muitas vezes levar a radicalização desses movimentos, aumentando a coesão interna, ou na maioria dos casos, incitar a violência religiosa.

No Brasil, a intolerância religiosa contra os NMRs deve ser compreendida como um fenômeno complexo, profundamente enraizado em questões culturais históricas e sociais, que se manifestam de diversas formas, racismo religioso, preconceito, discriminação, ou até a violência física e digital. Apesar da diversidade de credos que podem ser encontrados em nosso país, casos de desrespeitos e ataques contra indivíduos, que professam uma fé diferente da religião oficial, crescem por todos os lados. De acordo com os dados apresentados pelo segundo relatório sobre intolerância religiosa no Brasil, América Latina e Caribe (2023), o número de denúncias contra intolerância religiosa, racismo religioso e violação, direcionadas ao Disque 100, que é um serviço de informações sobre direitos de grupos vulneráveis e denúncias de violação dos direitos humanos, aumentou em larga escala, sobretudo,

²²⁶ Barker, Eileen. What Are We Studying? *Nova Religio: The Journal of Alternative and Emergent Religions*. Vol.8. N.1. University of California Press, 2004, p. 96-97.

após a pandemia da Covid-19 no ano de 2021. Os dados revelam, que os estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás, Paraná e Bahia lideraram o ranking dessas denúncias no ano de 2019. Os dados também apontam, que nos anos de 2020 e 2021, os atos de intolerância religiosa ocorreram em sua maioria, contra grupos de matriz africana, matriz evangélica e grupos sem religião definida²²⁷, onde possivelmente, podemos encontrar muitos dos NMRs.

Guerriero (2005), ao tratar sobre a intolerância religiosa presente nos Novos Movimentos Religiosos no campo religioso brasileiro, evidencia que à medida que cresce a variedade religiosa no país, também aumenta o nível de fundamentalismo religioso, no qual, vários grupos fecham suas fronteiras, pregando uma única verdade e se envolvendo em atividades políticas, sendo muitas vezes compreendidos, como exclusivistas e intolerantes.²²⁸

Para enfrentar a intolerância religiosa e garantir a laicidade brasileira, em dezembro de 2023 o Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (MDHC), criou o Comitê Nacional de Respeito à Liberdade Religiosa, que é coordenado pela Coordenação Geral de Promoção da Liberdade Religiosa (CGLIB), e liderado pela Iya Gilda de Oxum, com o objetivo de defender o direito ao livre exercício das práticas religiosas, e a promoção e o reconhecimento da diversidade religiosa no país. A lei nº 14.532 de 11 de janeiro de 2023, que Altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 (Lei do Crime Racial), e o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), foram criadas, para tipificar como crime de racismo a injúria racial, prevendo pena de suspensão de direito, em caso de racismo praticado no contexto de atividade esportiva ou artística, e prever pena para o racismo religioso e recreativo, bem como para o praticado por funcionário público.²²⁹

A Constituição Federal Brasileira de 1988, em seu artigo 5º, inciso IV, garante que é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.²³⁰ Além disso, de acordo com o Código Penal Brasileiro Art. 208, escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa,

²²⁷ Santos, Carlos Alberto Ivanir dos; Dias, Bruno Bonsanto; Santos, Luan Costa Ivanir dos. II Relatório sobre Intolerância Religiosa: Brasil, América Latina e Caribe. – 1. Ed. – Rio de Janeiro; CEAP, 2023, pp. 33-35.

²²⁸ Guerriero, Silas. Intolerância e relativismo: o dinamismo das novas religiões no Brasil. Estudo de Religiões, ano XIX, n. 29. 2005, p. 48.

²²⁹ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2023-2026/2023/lei/l14532.htm. Acesso em 26. ago. 2024.

²³⁰ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 26. ago. 2024.

impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso, vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso, é punível com pena de reclusão de um a três anos e multa.²³¹

Dessa forma, mediante a quantidade de leis que asseguram o direito à liberdade religiosa no Brasil, é possível conter o avanço do fundamentalismo religioso, que em meio a essa pluralidade de vivências religiosas, se mostra presente tanto dentro dos NMRs, quanto de forma externa aos mesmos. A intolerância religiosa, a rejeição e a perseguição, que acontece muitas vezes, também na Tradição Hekatina, igualmente como ocorrem a muitos NMRs, é combatida com a informação e a desmistificação da ideia de Hékate, como uma divindade ligada apenas a feitiçaria e ao mundo dos mortos. Um entendimento cultivado, principalmente, durante o período clássico, que atravessou a idade moderna, e chegou até nós em tempos atuais. Grupos como o Covenant of Hékate, e particularmente, o Círculo de Dadophoros aqui no Brasil, realizam trabalhos voltados a essa desmistificação. Utilizando de grupos de estudos gratuitos, que visam compartilhar uma compreensão histórica da figura da deusa Hékate, a partir da análise de textos antigos. Nesse sentido, Hékate, passa a ser assimilada, por esses estudiosos, como uma divindade benevolente, salvadora e criadora de todo o universo, ajudando assim, a desconstruir a visão negativa da divindade, proposta inicialmente nos períodos anteriores, ao mesmo tempo, em que afasta a rejeição de seu culto e a intolerância religiosa contra seus adeptos.

Essas características, e muitas outras, fazem dos Novos Movimentos Religiosos fenômenos únicos, que podem surgir em diversos contextos, passando a refletir as complexas dinâmicas sociais, culturais e espirituais do mundo pós-moderno. Ao passo que o culto a deusa Hékate, ou Tradição Hekatina, partilha de muitos elementos presentes nos NMRs, observando particularmente a sua desenvoltura no cenário religioso brasileiro, essa tradição, pode ser entendida, como parte desses NMRs, sobretudo, por conta dos muitos elementos compartilhados entre ambos.

Devido ao crescimento e popularização do culto à deusa Hékate em solo brasileiro, também há o aparecimento de algumas problemáticas que comprometem a sua estrutura. Assim como acontece com os Novos Movimentos Religiosos, a Tradição Hekatina enfrenta dicotomias, problemáticas e contradições. Algumas delas

²³¹ https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529748/codigo_penal_1ed.pdf. Acesso em 26. ago. 2024.

foram listadas e discutidas entre os membros da Comunidade Caminho Hecatino, via WhatsApp, no dia 30/10/ 2024. Entre as quais, foi possível destacar como principais:

- 1) o charlatanismo, que aparece como um ponto bastante crítico referente ao culto Hecatino no Brasil, principalmente, relacionado as mídias sociais e virtuais, no qual pessoas podem denominar-se sacerdotes da deusa e, em cima desse título, lucrar, ou espalhar conteúdos deturpados e superficiais;
- 2) o comércio religioso, que ocorre a partir da comercialização de livros, cursos, *workshops*, rituais coletivos, estátuas, ou instrumentos devocionais de culto à deusa, que muitas vezes, podem atingir preços exorbitantes, banalizando assim o culto;
- 3) o estrelismo, no qual, algumas pessoas, geralmente líderes de convéns, assumem uma posição messiânica do saber Hecatino, dificultando o desenvolvimento pessoal e coletivo do grupo;
- 4) a intolerância religiosa, que acontece principalmente no meio virtual;
- 5) a visão deturbada sobre Hécate, que muitos ainda possuem, atribuindo os domínios da deusa apenas a feitiçaria e ao submundo;
- 6) dispersão territorial, que limita a interação aprofundada, e humana dos participantes;
- 7) atribuições sincréticas sem base de estudos, ou qualquer relação com a deusa;
- 8) a escassez de conteúdos em língua portuguesa, que explorem a figura Hécate, de forma intelectual e empírica ao mesmo tempo;
- 9) as oferendas, que muitas vezes se misturam entre o antigo e o moderno, causando estranhamentos nos devotos, principalmente quando relacionados ao sacrifício animal;
- 10) a falta de dedicação e comprometimento dos devotos iniciantes, em buscar estudos com embasamento histórico sobre essa divindade, algo que facilita, em grande escala a propagação de tais problemáticas.

5. Considerações Finais

O presente estudo buscou analisar o culto a deusa Hékate no Brasil atual, relembrando a passagem dessa divindade nas literaturas do período antigo, moderno e pós-moderno, explorando ao mesmo tempo o seu contexto cívico e religioso nas regiões de Stratonikeia e Lagina, que se tornaram referências importantes para seus devotos na contemporaneidade. A investigação buscou identificar quem são os sujeitos sociais adeptos de seu culto moderno no Brasil, procurando compreender as suas relações interpessoais, dentro do que pode ser chamado de culto, manifestação religiosa ou Tradição Hekatina. Buscando explorar o contexto dessa movimentação no campo religioso brasileiro, e a sua íntima relação com os Novos Movimentos Religiosos (NMRs). Contextualizando simultaneamente, a emergência de tais movimentos seculares na Europa ocidental durante as décadas de 1960 e 1970, e a influência desse processo na religiosidade de nosso país, na medida em que o mesmo, possibilitou o surgimento de um circuito místico Neo-esotérico, que propiciou a emergência e a popularização de diversos movimentos da *Nova Era*, como o Neopaganismo e a Wicca, de onde se ramificaram múltiplos outros movimentos, como a própria Tradição Hekatina.

Os objetivos propostos nesse estudo foram alcançados, visto que, foi possível identificar o contexto da chegada do culto a Hékate no Brasil, e a sua fixação na religiosidade brasileira entrelaçada aos Novos Movimentos Religiosos. A partir dos dados coletados pelo questionário online, que foi aplicado as comunidades Hekatinas digitais, em conjunto das informações apresentadas pela pesquisa “*Hékate no Brasil*”, realizada pelo Santuário Hékate Hegemonen, foi possível traçar um perfil para o devoto Hekatino brasileiro, identificando os espaços geográficos que habitam esses indivíduos, escolaridade, faixa etária, gênero, comunidades, práticas de culto contemporâneas que são direcionadas a essa divindade, associações sincréticas e confluências.

Verificou-se a partir dessa observação, que o culto a deusa Hékate no Brasil, pode ser compreendido como uma tradição religiosa, em virtude da transmissão de experiências sagradas e de conhecimento histórico, que é compartilhado entre seus adeptos de forma oral ou escrita, levando em consideração, principalmente, a sede de conhecimento sobre essa divindade, que pode ser observada no devoto Hekatino,

especificamente o brasileiro. As comunidades Hekatinas, em sua maioria são sustentadas e possibilitadas pela era digital, que passa a conectar esses indivíduos pertencentes a distintos espaços geográficos de nosso país, como também os conectando a adeptos dessa tradição religiosa de outros países.

A partir da análise de dados obtida durante essa pesquisa, em conjunto com algumas informações apresentadas pela pesquisa *“Hékate no Brasil”*, foi possível construir um perfil descritivo do devoto Hekatino brasileiro contemporâneo, que pode ser definido como:

- Indivíduos de orientação religiosa Neopagã.
- Conheceram Hékate através da Wicca e, por isso, muitas vezes associam essa divindade à face negra e anciã da deusa tríplice da Wicca.
- Concentram-se em maior número nos estados localizados na região sudeste do Brasil, embora, se mostram presentes em dezenove estados brasileiros, incluindo o Distrito Federal, com um notório destaque de devotos emergindo nas regiões norte e nordeste de nosso país.
- Faixa etária correspondente entre 16 aos 78 anos.
- Maiorias de adeptos são do gênero feminino, incluindo mulheres transexuais, com um notório crescimento do público masculino e pessoas não binárias.
- Alfabetizados.
- Percebem essa deusa majoritariamente, como uma grande mãe espiritual, onipresente e onisciente.
- Realizam mensalmente o jantar de deipnon em honra a Hékate.
- A maior parte dos devotos afirma não fazer associações sincréticas no culto a Hékate, porém, foi encontrada uma minoria, que afirmou trabalhar sincretismos e confluências com divindades/entidades que estão presentes no campo religioso brasileiro, associando as mesmas as suas práticas de culto à deusa Hékate em particular.
- Pertencem ou estabelecem relações com comunidades Hekatinas digitais, nas quais, trocam experiências, conhecimentos e organizam encontros e eventos físicos.

- Associam o simbolismo da deusa Hékate a animais que se mostram presentes na fauna brasileira, como cães (incluindo o cachorro caramelo), lobos (guará), aranhas, lagartixas, mariposas, morcegos, jiboias e corujas.
- A maior parte do contato com essa divindade ocorre de forma direta (sem auxílio de entidades intermediárias) através de orações, dispensando muitas vezes, a necessidade de práticas ritualísticas complexas, algo possivelmente herdado do próprio catolicismo brasileiro.
- Associam no geral, a figura da Hékate contemporânea com a sabedoria, a abertura de caminhos, a feitiçaria e as maldições.
- Buscam o autoconhecimento, através da compreensão das sombras internas individual.
- Ressignificam práticas de culto anatólianas e gregas, que eram destinadas a deusa Hékate durante a antiguidade, moldando-as e resignificando as para o contexto atual.
- Buscam nos estudos aprofundados, diversas formas de desmistificar a figura clássica de Hékate, que apresenta a deusa apenas como uma divindade conectada a feitiçaria, transmutando esse entendimento inicial num misto de possibilidades, embasado pela historiografia, e misturados aos inúmeros epítetos da deusa, que possibilitam a compreensão da figura contemporânea de Hékate, como uma grande alma cósmica salvadora do mundo, de onde todos os seres surgiram e para onde todos retornarão.

As principais dificuldades durante esse estudo estão relacionadas, principalmente, à falta de material historiográfico traduzido para o português referentes ao culto a deusa Hékate, a limitação de tempo para a coleta de dados do questionário, somados a resistência encontrada em alguns respondentes, ao serem questionados sobre assuntos delicados, como a própria identificação de gênero e afins. Contudo, espera-se que esse estudo, contribua positivamente em nível de pertencimento e representatividade a comunidade Hekatina brasileira, ao mesmo tempo em que incentive o surgimento de novos estudos sobre os NMRs presentes no campo religioso brasileiro, juntamente com novas descobertas e reflexões sobre a Tradição Hekatina no Brasil. Considerando que nenhum conhecimento é finito, recomenda-se um maior aprofundamento dessa temática no futuro, tendo em vista

que os dados presentes no cenário religioso do Brasil mudam a cada minuto, por acompanhar o desenrolar da nossa contemporaneidade. Dessa forma, sugerimos que essa temática seja aprofundada e explorada, sobre novas perspectivas e abordagens.

Referências

ADLER, Margot. Drawing down the moon: Druids, goddess-worshippers, and other pagans in America today. Ed. 2006.

AMARAL, Leila. Cultura religiosa errante: o que o censo de 2010 pode nos dizer além dos dados. In: Teixeira, Faustino; Menezes, Renata (orgs.). Religiões em movimento: o Censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ANTUNES, Pedro B. Hinos Órficos: Edição, estudo geral e comentários filológicos. São Paulo, 2018.

ARISTOFÂNES, Plutus, 594.

BARKER, Eileen. New Religions Movements: A Practical Introduction. London: Her Majesty's Stationery Office, 1989.

BARKER, Eileen. New religious movements: the incidence and significance. In: Wilson, Bryan & Cresswell, Jamie. Eds. New religious movements; challenge and response. London, Routledge, 1999.

BARKER, Eileen. What Are We Studying? Nova Religio: The Journal of Alternative and Emergent Religions. Vol.8. N.1. University of California Press, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEAN, George E. Turkey Beyond The Maeander. London: Ernest Benn Limited, 1971.

BERG, William. Hecate: Greek or "Anatolian"? International Review for the History of Religions. Vol. 21, 1974.

BERGER, Peter L. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BETZ, Hans D. The Greek Magical Papyri in Translation. Estados Unidos: University of Chicago Press, 1986.

BEZERRA, Karina. A Wicca no Brasil: Adesão e permanência dos adeptos na região metropolitana do Recife. Recife, 2012.

BLAVATSKY, Helena P. A Doutrina Secreta: Síntese de Ciência, Filosofia e Religião. Vol. II Simbolismo arcaico universal (Trad. Raimundo Mendes Sobral). São Paulo: Ed. Pensamento, 2015.

BOEDEKER, Deborah. Hecate: A transfunctional Goddess in the Teogony. Transactions of the American Philological Association (1974-1914). Vol. 113. The Johns Hopkins University Press. 1983.

BOZKURT, Emine. Tanrıça Hekate: evrenin kendisi. Aydın, 2017.

BRADLEY, Andrew C. *Shakespearean Tragedy: lectures on Hamlet, Othello, King Lear, Macbeth*. London: St. Martins Strety, Macmillan and co Limitid, 1912.

BRANDÃO, Hugo. *Religião na Pós-Modernidade. Ciência das Religiões: história e sociedade*, São Paulo. Vol.14, n.1, 2016.

BRANDÃO, Hugo; VASCONCELOS, Sérgio. Os sem religião e a cultura pós-moderna. *Revista Paralellus*, Recife, Vol. 12, n. 29, 2021.

BURKE, Rochford E. *Social Building Blocks of New Religious Movements: Organization and Leadership*. In: Bromley G David, ed. *Teaching New Religious Movements*. Nova York: Oxford University Press, 2007.

CAMPBELL, Joseph, 1904-1987. *Deusas: os mistérios do divino feminino*. Ed. Safron Rossi; [tradução Tônia Van Acker]. São Paulo: Palas Athena, 2015

CAMPOS, Humberto M. *Thelema em Aleister Crowley: Magick e Ciência da Religião*. Juiz de Fora, 2018.

CARDOSO, Patrícia S. *Voces Magicae: O poder das Palavras nos Papiros Gregos Mágicos*. São Paulo, 2016.

CARNEVALE, Tricia M. *Hekate, de deusa ctônica dos atenienses do período clássico a deusa da feitiçaria no imaginário social do Ocidente*. Rio de Janeiro, 2012.

CARVALHO, Thais R. *Perséfone e Hécate: A representação das Deusas na Poesia Grega Arcaica*, São Paulo, 2019.

CASTRO, Dannyel. *Estudos sobre o Neopaganismo no Brasil*. *Revista Fragmentos de Cultura*. Vol. 27, n.3, Goiania, 2017.

CONRAD, Alexandra. *Three-Headed Hound of the Moon: A Comparative Look at the Roles of Hecate in the Ancient and Modern Worlds*. *The Journal of the Classics Students Association*. Vol.16, San Francisco State University, 2017.

CORDOVIL, Daniela. *O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos Círculos de Mulheres*. *Revista de estudos Feministas*, Florianópolis 2015.

CORDOVIL, Daniela. *Paganismos, Religião e Atuação Pública: Uma comparação de discursos e práticas neopagãs no Brasil e em Portugal*. *Religião & Sociedade*, Vol. 40. Rio de Janeiro, 2020.

CORRÊA, Lucas B; REFKALEFSKY, Eduardo. *A Comunidade Wiccana no Brasil: Discurso, Recursos, e Práticas de Comunicação*. Rio de Janeiro, 2012.

CROWLEY, Aleister. *Moonchild*. London: First published in Great Britan by The Mandrake Press, 1929.

CRUZ, Eduardo R. *A persistência dos deuses: religião, cultura e natureza*. São Paulo: UNESP, 2004.

D'ESTE, Sorita. Hekate: Keys to the Crossroads: A collection of personal essays, invocations, rituals, recipes and artwork from modern Witches, Priestesses and Goddess of Witchcraft, Magick and Sorcery. Londres: Avalonia; 2006.

D'ESTE, Sorita, ed. Hekate Her Sacred Fires: Exploring the Mysteries of the Torchbearing Goddess of the Crossroads. 1st ed. Londres: Avalonia, 2010.

D'ESTE, Sorita. Cicle for Hécate - Volume I: History & Mythology. Londres: Avalonia, 2017.

D'ESTE, Sorita; Rankine, David. Hekate Liminal Rites. Londres: Avalonia, 2009.

DASBACAK, Coskun. Hecate Cult in Anatolia: Rituals and Dedications in Lagina. Anodos, 2006.

DILLON, John M. The Middle Platonists. Ithaca: Cornell University Press. 1977.

EDWARDS, Charles M. The Running Maiden from Eleusis and the Early Classical Image of Hekate. American Journal of Archaeology, Vol.90, N.3, 1986.

ELIADE, Mircea, 1907/1986. O sagrado e o profano/ Mircea Eliade; [tradução Rogério Fernandes]. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ERTAN, Ozlem. Hekate – Bize Ne Mesaj Veriyor? Tanriların Çağırışı. Türkçe, 2023.

FARNELL, Richard L. The Cults of the Greek States Vol. II. Oxford: At the Clarendon Press, 1896.

FAUR, Mirella. Anuário da Grande Mãe: Guia prático de Rituais para Celebrar a Deusa. São Paulo: Ed. Gaia, 2001.

FAUSTINO, Teixeira; MENEZES, Renata. Religiões em Movimento: O Censo de 2010. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

FEU, Eddie V. Deusas Negras. Rio de Janeiro: Ed. Linhas tortas, 2017.

FORTUNE, Dion. Psychic Self-Defense. London: Rider. & Co, 1930.

FRAZÃO, Márcia. Revelações de uma Bruxa. -8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

GARNIER, Nicole P. Chantilly. Musée Condé - Peintures des XIXe et XXe siècles. Edité par Réunion des musées nationaux / Musée Condé, 1997.

GRAVES, Robert. The White Goddess: a Historical Grammar of Poetic Myth (London: Faber & Faber) [Corr. 2nd ed. also issued by Faber in 1948] [US ed.= New York, Creative Age Press, 1948]

GILCHRIST, Alexander -1880. Rossetti, Dante Gabriel; Rossetti, William Michael (eds.). Vida de William Blake: Com seleções de seus poemas e outros escritos. Cambridge: Cambridge University Press, 2010

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2008.

GINZBURG, Carlo. Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GOMIDE, Juliana C. O movimento do “Sagrado Feminino”: Sintomas das historicidades políticas no Brasil Contemporâneo. Minas Gerais, 2022.

GUERRIERO, Silas. A Diversidade Religiosa no Brasil: A nebulosa do Esoterismo e da Nova Era. Revista Eletrônica Correlatio n. 3, 2003.

GUERRIERO, Silas. Intolerância e relativismo: o dinamismo das novas religiões no Brasil. Estudo de Religiões, ano XIX, n. 29. 2005.

GUERRIERO, Silas. Novos movimentos religiosos: O quadro brasileiro: São Paulo: Paulinas, 2006.

GUERRIERO, Silas. O Estudo das Religiões: desafios contemporâneos. São Paulo: Paulinas, 2008.

HIERONYMUS, Wolf. "Suidae Historica" (tradução para o latim digitalizada). Basileia: J. Oporinum & Heruagium, 1564

HAUSCHILD, Álvaro K. A Doutrina do Trabalho Divino: A influência da Teurgia dos Oráculos Caldeus sobre a Filosofia de Jâmblico. Porto Alegre, 2019.

HAUSCHILD, Álvaro K. Os Oráculos Caldeus: Contexto Histórico e Filosofia. Rio de Janeiro: Cordex: Revista de Estudos Clássicos. Vol. 6, n.1, 2018.

HERRING, Amanda. Hekate of Lagina: a goddess performing her civic duty. Anatolian Studies. Vol. 72. Cambridge University Press, 2022.

HOMBLOWER, Simon; Spawforth, Antiny; Esttther Eidinow. “Hécate”. The Oxford Classical Dictionary (4 ed.). Oxford: Oxford University Press, 2012.

JOHNSON, Margarida. Drawing Down the Goddess: the Ancient {Female} Deities of Modern Paganism, in M. Pizza-J. R Lewis (Eds.), Handbook of Contemporary Paganism, Leiden-Boston, Brill, 2009.

JOHNSTON, Sarah I. Hécate Soteira. American Classical Studies 21.1st ed. Atlanta: Scholar Press; 1990.

LATRÉ, Stijn; Vanheeswijck, Guido. Secularization: History of the Concept. International Encyclopedia of the social & Behavioral Sciences (Second Edition) 2015.

LAUMONIER, Alfred. Les Cultes Indigènes em Carie. Paris: E. de Boccard, 1958.

LEVI, Éliphas. Le Grand Arcane. Chamuel Éditeur. 1898.

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Rio de Janeiro: José Olimpio, 2009.

MACHADO, Regiane. O Sagrado Feminino: Poder que vem de dentro – Despertar, cura e empoderamento das mulheres. Cadernos de Agroecologia, Vol. 15, n.3, 2020.

MAGLIOCCO, Sabina. *Witching Culture: Folklore and Neo-Paganism in America*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press. 2004.

MARQUES, Dominique V. *Sagrado Feminista?! Conflitos e continuidade entre o Sagrado Feminino e os Feminismos*. Rio de Janeiro, 2023.

MOONEY, Carol M. *Hekate: Her Role and Character in Greek Literature from before the Fifth Century B.C.* Hamilton, Ontário. Mc Master University, 1971.

MORRIS, Sarah P. *The Prehistoric Background of Artemis Ephesia: A Solution to the enigma of her Breasts?* In Muss, U. (ed.), *Der Kosmos der Artemis Von Ephesos*, Österreichisches Archäologisches Institut, Sonderschriften 37, Wien, 2001.

NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. *Notas preliminares. Estudos Avançados* 18 (52), 2004.

OPPERMANN, Hans. *Zeus Panamaros*. RGVV. xix.3, 1924.

OLIVEIRA, Amurabi P. *Nova Era à Brasileira: A New Age do Vale do Amanhecer*. *Cultura e Comunidade*, vol. 4, n. 5, 2009.

PARKE, William H. *Festivals of the Athenians.*, London: Thames And Hudson, 1977.

PIERUCCI, Antônio F. *O Desencantamento do mundo: Todos os passos em Max Weber*. São Paulo: Editora 34, 2003.

PIKE, Sarah. *New Age and neopagan religions in America*. New York: Columbia University Press, 2004.

PIRES, Herculano J. *Os Três Caminhos de Hécate*. *Coluna de Crônicas Espírita*. São Paulo: *Jornal Diário de São Paulo*, 1965.

PRIETO, Claudiney. *Wicca, A religião da Deusa*. São Paulo: Alfabeto, 2020.

PRIETO, Claudiney. *Wicca, A Religião da Deusa*. São Paulo: Ed. Gaia, 2000.

QUANDT, Wilhelm. *Orphei Hymni*. Berlin: Weeidmann, 2005.

RICHARDSON, James T; INTROVIGNE, Massimo. *New Religious Movements, Countermovements, Moral Panics, and the Media*. In: Bromley G David, ed. *Teaching New Religious Movements*. Nova York: Oxford University Press, 2007.

ROLLER, Lynn E. *The Great Mother at Gordion: The Hellenization of na Anatólian*. *Cult. Journal of Hellenic Studies*. 1991.

RAFFAN, John. *Greek Religion*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press. 1985.

RONAN, Stephen. *The goddess Hekate*. Hastings, Chthonios livros, 1992.

ROSADO-NUNES F, Maria José. *Gênero e Religião*. In: *Revista de Estudos Feministas*, Vol.13, n.2, 2005.

RUDLOFF, Robert V. *Hekate in Ancient Greek Religion*. Victoria: Horned Owl Press, 1992.

SANCHEZ, Lopes W. *Elementos para a Análise do Campo Religioso no Brasil*. São Paulo, 2001.

SANCHEZ, Lopes W. *Pluralismo Religioso: As religiões no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2005.

SANTOS, Carlos A; DIAS, Bruno B; SANTOS, Luan C. *II Relatório sobre Intolerância Religiosa: Brasil, América Latina e Caribe*. 1. Ed. – Rio de Janeiro: CEAP, 2023.

SARIAN, Haiganuch. *Ártemis e Hécate em Delos: apontamentos de iconografia religiosa*. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 1998.

SCHULZ, Cara. *Celebrating the Deipnon*. In *Bearing Torches: A Devotional Antology for Hekate*. Editorial Board of the Bibliotheca Alexandrina, 2011.

SCULLY, Stephen. *Hesiod's Theogony from Near Eastern Creation Myths to Paradise Lost*. New York: Oxford University Press, 2015.

SERAFINI, Nicola. *Ancient Gods Today: The Neo-Pagans' Hecate*. Minerva 27, 2014.

SERRA, Ordep. *Hinos Órficos: Perfume*. São Paulo: Odysseus Editora, 2015.

SIEGEL, Dylan, Wyvern, Naelyan. *A magia de Hécate: uma roda do ano com a rainha das bruxas*. São Paulo: Madras, 2012.

SILVA, Márcia C. *As faces de Hekate: O poder dos epítetos na Bruxaria Hekatina*. Clube de autores, 2021.

SILVA, Márcia C. *Bruxaria Hekatina: o caminho da bruxa com a deusa Hekate*. Clube de autores, 2020.

SILVA, Jaqueline. *Hécate, do culto às representações: Teogonia, Hino Homérico a Deméter e Hino Órfico a Senhora Trívia*. Goiânia. 2021.

SMITH, K F. *Hekate's Suppers*. In: Stephen Ronan (org.). *The Goddess Hekate*. Chthonios Books, 1992.

SOGUT, Bilal. *Stratonikeia Eskihsar Ve Kutsal Alanlari (Stratonikeia Çalışmaları 3)*. Ege Yayınları, 2019.

STARK, Rodney. *The triumph of faith: why the world is more religious than ever*. Wilmington: ISI Books, 2015.

STRAUSS, Jenny C. *The Hecate of the Theogony*. Greek Roman and Byzantine Studies. Vol. 25, ed.1, Cambridge, 1984.

STUART, Wright A. *The Dynamics of Movement Membership: Joining and Leaving New Religious Movements*. In: Bromley G David, ed. *Teaching New Religious Movements*. Nova York: Oxford University Press, 2007.

TAVARES, Fábio R. Movimentos Religiosos Contemporâneos. Uniasselvi, 2016.

TORRANO, J. A. A. Hesíodo - Teogonia. A origem dos Deuses. Estudo e tradução. 6. Ed. São Paulo: Iluminuras, 2006.

TAYLOR, Thomas. Collection of the Chaldean Oracles," in The Monthly Magazine and British Register, vol. III., 1797.

WEBER, Max. (1864-1920). A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEST, Martin L. Hesiod Theogony. Oxford: At the Clarendon Press, 1966.

WESTCOTT, William W. The Chaldæan Oracles of Zoroaster. Editados y revisados por Sapere Aude (inglês). In: Lo Percy Bullock. London. Theosophical Pub. Society Collectanea Hermetica. Vol. 6, 1895.

WILLIAMSON, Christina G. Urban Rituals in Sacred Landscapes in Hellenistic Asia Minor. Series: Religions in the Graeco-Roman World. Vol. 196. Boston: Brill, Leiden, 2021.

<https://santuariodehekatehegemonen.com/hekate-no-brasil/>. Acesso em 25. abr. 2024.

<https://kayiprihtim.com/dosya/luviler-kimdir/>. Acesso em 25. abr. 2024.

<https://www.sinonimos.com.br/culto/#:~:text=1%20homenagem%2C%20devo%C3%A7%C3%A3o%2C%20adora%C3%A7%C3%A3o%2C,%2C%20rever%C3%A2ncia%2C%20tributo%2C%20venera%C3%A7%C3%A3o.&text=Escreva%20textos%20incr%C3%ADveis%20em%20segundos,%2C%20liturgia%2C%20religi%C3%A3o%2C%20seita>. Acesso em 19. abr. 2024.

<https://www.passeidireto.com/arquivo/121892033/hecate-livro-das-sombras-de-hecate-pdf-versao-1>. Acesso em 17. mai. 2024.

<https://ocaldeiraodosstreghe.blogspot.com/2013/03/a-deusa-hekate-e-os-misterios-do.html?m=1>. Acesso em 17. mai. 24.

https://docs.google.com/forms/d/1M89BDhdCcCQ4FtcLxSXxqOM_ErgUB14MGuydZ5n3HOk/edit#responses. Acesso em 28. mai. 2024.

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40098-censo-2022-taxa-de-analfabetismo-cai-de-9-6-para-7-0-em-12-anos-mas-desigualdades-persistem>. Acesso em 19. jun. 2024.

<https://www.hekatecovenant.com/rite-of-her-sacred-fires>. Acesso em 28. jun. 2024.

<https://www.hekatecovenant.com/>. Acesso em 22. abr. 2024.

<http://www.museudebruxaria.com.br/>. Acesso em 28. jun. 2024.

<https://tarasanchez.com/category/her-sacred-fires/>. Acesso em 01. jul. 2024.

<https://www.jesterbear.com/Aradia/torches.html/> . Acesso em 03. jul. 2024.

<https://santuariodehekatehegemonen.com/circulo-de-dadosphoros/> . Acesso em 21. jun. 2024.

<https://www.facebook.com/groups/272838917016708> .Acesso em 23. jun. 2024.

<https://t.me/+AWc1VmriC2k5YWRh> . Acesso em 24. jun. 2024.

<https://teardasfeiticeiras.com.br/>. Acesso em 24. jun. 2024.

<https://respeitaasbruxasdaquebrada.com.br/> /. Acesso em 25. jun. 2024.

<https://www.youtube.com/@RespeitaasBruxasdaQuebrada> . Acesso em 26. jun. 2024.

<https://www.instagram.com/respeitaasbruxasdaquebrada/> . Acesso em 26. jun. 2024.

https://www.facebook.com/RespeitaasBruxasdaQuebrada?locale=pt_BR .Acesso em 26. jun. 2024.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14532.htm. Acesso em 26. ago. 2024.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 26. ago. 2024.

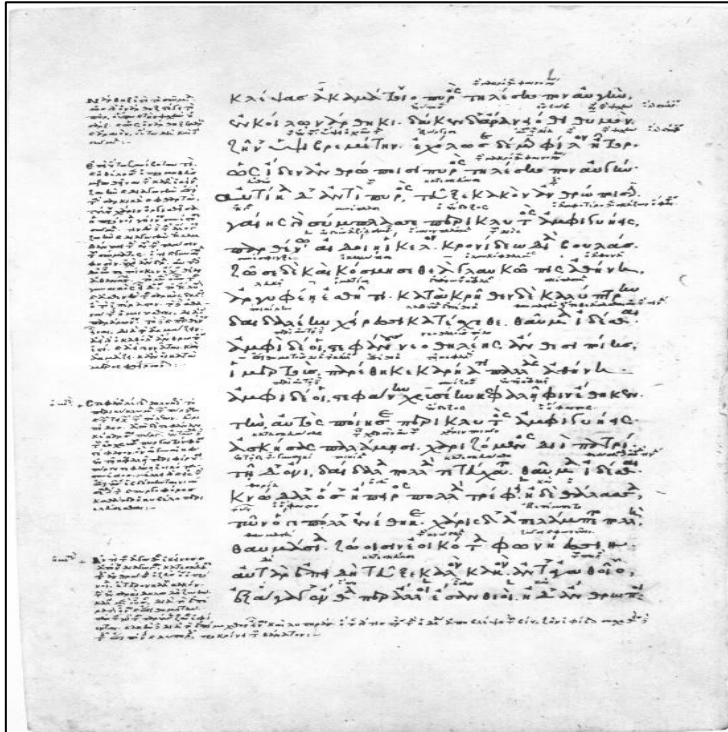
https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529748/codigo_penal_1ed.pdf. Acesso em 26. ago. 2024.

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1207061196385420&set=gm.632091831091413&id=272838917016708>. Acesso em 24. out. 2024.

https://docs.google.com/forms/d/1M89BDhdCcCQ4FtcLxSXxqOM_ErgUB14MGuydZ5n3HOk/edit?pli=1. Acesso em 25. out. 2024.

Anexo

Anexo – A: Manuscrito da Teogonia de Hesíodo em grego antigo, século VIII-VII a.C.



Fonte: Por Hesiod - 2d copy, Domínio público,
<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=48537411>

Anexo – B: Hino a Hécate (trad.: J.A. A. Torrano).

Febe entrou no amoroso leito de Coios
 e fecundou a Deusa o Deus em amor,
 ela gerou Leto de negro véu, a sempre doce,
 boa aos homens e aos Deuses imortais,
 doce dê o começo, a mais suave no Olimpo.
 Gerou Astéria de propício nome, que Perses
 conduziu um dia a seu palácio e desposou,
 e fecundada pariu Hécate a quem mais
 Zeus Cronida honrou e concedeu esplêndidos dons,
 ter parte na terra e no mar infecundo.
 Ela também do Céu constelado partilhou a honra
 e é muito honrada entre os Deuses imortais.
 Hoje ainda, se algum homem sobre a terra
 com belos sacrifícios conforme os ritos propicia
 e invoca Hécate, muita honra o acompanha

facilmente, a quem a Deusa propensa acolhe a prece;
 e torna-o opulento, porque ela tem força.
 De quantos nasceram da Terra e do Céu
 e receberam honra, de todos obteve um lote;
 nem o Cronida violou nem a despojou
 do que recebeu entre os antigos Deuses Titãs,
 e ela tem como primeiro no começo houve a partilha.
 Nem porque filha única menos partilhou de honra
 e de privilégio na terra e no céu e no mar
 mas ainda mais, porque honra-a Zeus.
 A quem quer, grandemente dá auxílio e ajuda,
 no tribunal senta-se junto aos reis venerandos,
 na assembléia entre o povo distingue a quem quer,
 e quando se armam para o combate homicida
 os homens, aí a Deusa assiste a quem quer
 e propícia concede vitória e oferece-lhe glória.
 Diligente quando os homens lutam nos jogos
 aí também a Deusa lhe dá auxílio e ajuda,
 e vencendo pela força e vigor, leva belo prêmio
 facilmente, com alegria, e aos pais dá a glória.
 Diligente entre os cavaleiros assiste a quem quer,
 e aos que lavram o mar de ínvios caminhos

e suplicam a Hécate e ao troante Treme-terra,
 fácil a gloriosa Deusa concede muita pesca
 ou surge e arranca-a, se o quer no seu ânimo.
 Diligente no estábulo com Hermes aumenta
 o rebanho de bois e a larga tropa de cabras
 e a de ovelhas lanosas, se o quer no seu ânimo,
 de poucos avoluma-os e de muitos faz menores.
 Assim, apesar de ser a única filha de sua mãe,
 entre imortais é honrada com todos os privilégios.
 O Cronida a fez nutriz de jovens que depois dela
 com os olhos viram a luz da multividente Aurora.
 Assim dê o começo é nutriz de jovens e estas as honras.

Anexo – C: Hino Homérico II, a Deméter (trad.: C. Leonardo B. Antunes)

Canto Deméter, de belos cabelos, deidade solene,
 Junto da filha de esguios tornozelos, a quem Edoneu
 Arrebatou por presente de Zeus de ampla vista, troante,
 Longe Deméter de espada dourada, de fruto brilhante,
 Quando brincava entre as oceaninas, de bustos profundos,
 De colher flores de rosa, açafraão e violetas bonitas,
 Sobre um gramado macio, e de íris bem como jacinto,
 E de narciso – num dolo de Gaia à garota florente
 Dentro do plano de Zeus, alegrando o que tudo recebe –,

Maravilhoso e brilhante: um espanto de ver para todos,
 Para os eternos divinos e para os humanos mortais.
 Dele a partir das raízes cem brotos de flor despontavam.
 Dúlcido odor exalava, tão doce que tudo, do céu
 À vasta terra e até a onda salina do mar lhe sorriu.
 Maravilhada, buscou alcançá-lo com ambas as mãos,
 Belo ornamento. Porém a vastívia terra se abriu
 Junto à planície de Nisa e o que tudo retém irrompeu
 Com montaria imortal, o Cronida de múltiplos nomes.
 Tendo-a tomado contrário à vontade, ao palácio dourado
 Foi-se com ela em lamentos. Gritava com voz incessante
 Súplica ao pai que de Crono nasceu, o mais alto e mais nobre.
 Nenhum dos deuses eternos, nenhum dos humanos mortais
 Pôde escutar sua voz, nem olivas de frutos brilhantes,
 Mas a donzela nascida de Perses, de tenro pensar,
 Hécate, do diadema esplendente, da gruta a escutou,
 E Hélios também, o senhor que de Hipérion nasceu, reluzente,
 Ouve o pedido da moça ao pai Crônida, mas apartado
 Dos demais deuses estava, em seu templo onde muitos suplicam,
 A receber oferendas venustas dos homens mortais.
 Contra a vontade a levava (seguindo um alvitre de Zeus,
 Pai da donzela, e irmão do que tudo retém e recebe)
 Com imortal montaria o Cronida de múltiplos nomes.
 Quanto ainda pôde mirar para terra e pro céu estrelado,
 E para o mar de correntes possantes, repleto de peixes,
 E para o brilho do sol, ela teve esperança de ver
 A mãe zelosa e a família dos deuses eternossurgentes:
 Tanto a esperança acalmava-lhe a mente sobeja na dor.
 ... E ressoaram os cumes dos montes e o fundo do mar
 Junto da voz imortal: escutou-lhe sua mãe senhoril.
 Dor aguçada assaltou-lhe no seu coração. Das madeixas
 Ambrosiais, a mantilha rasgou com as mãos, em pedaços;
 De ambos os ombros lançou para o chão o seu manto ciânico
 E disparou como um pássaro ao longo da terra e das águas,
 A procurar. Mas dizer a verdade não houve ninguém
 Dentre os divinos nem dentre os humanos mortais que o quisesse,
 Nem dentre as aves – nenhuma lhe foi mensageiro veraz.
 Por nove dias depois pela terra, a senhora Deméter
 Foi-se vagando com tochas acesas levadas às mãos.
 Nem de ambrosia jamais nem de néctar, delícia potável,
 Se alimentou, sofredora, nem água em seu corpo aspergiu.
 Mas, quando a décima aurora chegou até ela, brilhante,
 Hécate veio encontrá-la trazendo luzeiros nas mãos
 E anunciando-lhe então proferiu a palavra e falou:
 "Dona Deméter, que guia as sazões, donatária de luz,
 Quem dentre os deuses celestes ou dentre os humanos mortais,
 Rapta Perséfone e causa-te dor para o teu coração?
 Voz eu ouvi, mas não pude contudo enxergar com os olhos
 Quem o seria. De pronto, professo-te tudo sem erro."
 Hécate assim lhe falou, mas não houve resposta em discurso

Vinda da filha de Reia, que subitamente com ela
 Vai-se, com tochas acesas brilhando, portadas nas mãos.
 A Hélios, chegaram, vigia dos deuses bem como dos homens.
 Frente aos cavalos puseram-se e a deusa entre as deusas lhe disse:
 "Hélios, ao menos, respeita-me, deusa que sou, se jamais
 Minhas palavras ou feitos ao teu coração te aqueceram.
 Moça eu gerei, um rebento tão doce, esplendente na forma.
 Dela, pelo éter infértil, eu ouvi um gemido adensado
 Como sofresse, porém com os olhos não pude mirá-la.
 Tu, todavia, por tudo que existe na terra e no mar,
 Do alto do éter divino perscrutas usando teus raios.
 Diz-me sem falha: o querido rebento – se acaso tu viste –,
 Quem, apartado de mim, agarrando em forçosa violência,
 Foi que o levou, se um dos deuses ou um dos humanos mortais."
 Disse-lhe assim. Em resposta o nascido de Hipérion falou-lhe:
 "Filha de Reia, de belos cabelos, senhora Deméter,
 Tu saberás, pois venero-te muito e de ti me apiedo,
 Sôfrega pela menina de esguio tornozelo: não outro
 Foi causador dentre eternos senão o nubícogo Zeus,
 Que a concedeu para Hades chamá-la de esposa formosa;
 Deu-a ao irmão, que, por vez, para o fundo do breu nevoento,
 Rapta-a e a carrega em seu carro por mais que ela muito gritasse.
 Cessa, contudo, divina, esse ingente gemido. Não debes
 Ter tanta cólera em vão dessa forma. Não é um impróprio
 Genro entre eternos aquele, Edoneu, o de múltiplos nomes:
 É teu irmão; foi gerado em conjunto; também – quanto às honras
 Que ele ganhou, quando em três a partilha foi feita de início –,
 Entre os que vivem consigo, seu lote é ser rei sobre todos."
 Tendo assim dito chamou os cavalos. Por sob ameaças,
 Logo carregam o carro veloz quais alígeras aves.
 Nela, vem dor mais terrível e infame no seu coração.
 Pelo Cronida de nuvens escuras irada a tal ponto,
 Ela apartou-se da grege divina e do Olimpo elevado
 Indo às cidades dos homens e para seus fartos cultivos,
 Branda em beleza por longo interstício. Ninguém dos varões
 A distinguiu quando a viu, nem das damas de funda cintura,
 Antes de que ela chegasse na casa do experto Celeu,
 Que era senhor, nesse tempo, de Elêusis fragrante em incenso.
 Com coração dolorido, sentou-se por perto da estrada,
 Junto do poço da virgem, de que os cidadãos aduavam,
 Num sombreado debaixo de onde cresciam olivas,
 Assemelhada a uma velha vetusta, que da gestação
 Já se gastou e dos dotes da amante de láurea Afrodite,
 Da qualidade das amas de reis que ministram as leis
 E governantas de infantes ao longo de ecoantes alcovas.
 Viram-na as filhas do filho nascido de Elêusis, Celeu,
 Vindo por água de fácil extração, que depois levariam
 Dentro de jarras de bronze a caminho da casa paterna.
 Quatro elas eram, quais deusas, ornadas na flor juvenil:
 Bela Demó e Calídice, junto a Clesídice e ainda

Calitoé, que entre todas as outras nascera primeiro.
Não a souberam: os deuses são árduos de ver por mortais.
Pondo-se próximas dela, disseram palavras aladas:
"Quem és e donde, anciã, que nasceste entre os homens de outrora?
Qual a razão de partires da pólis, e nem das moradas
Te aproximares? Aqui há mulheres nas casas vultosas,
Velhas assim como tu, bem como outras mais jovens também.
Ambas teriam a ti por amiga em palavras e em atos."
Isso disseram. Então respondeu a senhora das deusas:
"Filhas queridas – quem quer que vós fordes em meio às mulheres –,
Eu vos saúdo e vos digo ademais que não é vergonhoso
Pronunciardes discursos dizendo palavras verazes.
Eu sou chamada Dosó. Deu-me o nome a senhora materna.
Vim logo agora de Creta no dorso comprido do mar,
Mesmo que não o quisesse, forçada em forçosa violência.
Homens ladinos levaram-me embora. Depois, em seguida,
Foram com rápida nau para Tórico. Lá, as mulheres
Desembarcaram em grupos, seguidas por eles,
E preparavam banquete do lado da proa da nau.
Mas coração não me aprouve o repasto gentil para mente.
Desembarcando em segredo, através da melânica terra,
Eu escapei dos meus mestres soberbos, que enfim não lucrassem
Com minha honra por me carregarem à venda no mar.
Vim para cá dessa forma, uma errante. Tampouco sabia
Qual era a terra e quem eram aqueles que aqui são nascidos.
Que vos concendam contudo os que fazem morada no Olimpo,
Todos, varões que vos sejam esposos, e dar luz a filhos,
Como desejam os pais: mas de mim tende pena, meninas.
Isso me estabelecei claramente, que assim eu o saiba,
Filhas queridas, zelosas, de quem é a casa a que chego?
De qual varão ou senhora? Que assim eu os sirva, zelosa,
Nos afazeres cabíveis a velhas mulheres fazerem.
Para um bebê neonato, levado em meus braços dobrados,
Belo cuidado daria e também manteria o palácio,
Esticaria os lençóis no interior das alcovas bem-feitas
Do meu senhor e os trabalhos iria ensinar às mulheres."
Disse a deidade. Depois, respondeu a virgínea donzela
Dita Calídice, que era a mais bela entre as filhas celeias:
"Mãe, os presentes dos deuses, por mais que soframos à força,
Nós suportamos, humanos, pois são bem mais fortes que nós.
Vou te dizer claramente isso tudo e informar-te por nome
Quais os varões a quem há um enorme poder nesta terra,
Eles que têm o respeito do povo e a mantilha da pólis
Salvam por meio do alvitre e da sua justiça escoreita:
Ambos Triptólemo de resoluta vontade e Diócles,
E Polixeno também junto do irreprovável Eumolpo,
Junto de Dólico bem como de nosso pai varonil.
Há para todos esposas que cuidam do lar nos palácios.
Dentre elas todas, não há quem iria à primeira das vistas,
Desestimando-te a forma, da casa por isso expulsar-te,

Mas, sim, irão receber-te, pois és claramente deiforme.
 Se tu quiseres, espera, que iremos à casa paterna
 Para informar nossa mãe, Metaneira de funda cintura,
 Desses assuntos, de todos, a fim de que sejas chamada
 À nossa casa, não tendo que uma outra morada buscar.
 Ela possui um só filho, tardio, no palácio bem-feito,
 Tardinascido, mas muito bem-vindo após múltiplas preces.
 Se tu puderes criá-lo até ter a medida de jovem,
 Mui facilmente qualquer das femíneas mulheres, ao ver-te,
 Te invejaria: são dádivas tais que em criá-lo terias."
 Disse-lhe assim. Assentiu por sua vez com o rosto. Luzentes
 Baldes então tendo enchido com água, carregam, briosas.
 Logo chegaram no enorme palácio paterno e contaram
 Rápido à mãe o que viram e ouviram. Mais rápido ainda,
 Vindo ordenou que a chamassem a fim de ter paga infinita.
 Elas, quais cervos ou mesmo bezerros que na primavera
 Vão saltitando num prado, aplacado o desejo com pasto,
 Elas assim, segurando nas dobras das vestes amáveis,
 Iam correndo por via deserta. Ao redor, os cabelos
 Sobre seus ombros fluíam semelhantes à flor do açafraão.
 Próximo à estrada encontraram a deusa esplendente onde a haviam
 Antes deixado. Depois para a casa do pai estimado
 Foram à frente. Detrás com o seu coração dolorido,
 Ela seguia com rosto abaixado. Ao redor, um vestido
 Cor do oceano envolvia-lhe os pés delicados de deusa.
 Logo a mansão de Celeu alcançaram, aluno de Zeus.
 Foram adentro do pórtico até onde a mãe senhoril,
 Junto à coluna do teto de firme feitura, sentava
 Com um bebê neonato no colo. Acorreram-lhe as filhas.
 Mas, quando pôs os seus pés na soleira, alcançou o batente
 Com a cabeça e um divino esplendor preencheu os umbrais.
 Por reverência, respeito e esverdeado temor foi tomada.
 De seu assento se ergueu e ordenou que ela ali se sentasse.
 Mas não Deméter que guia as sazões, donatária de luz:
 Não desejou se assentar sobre o trono de aspecto brilhante,
 Mas se mantinha silente com seus belos olhos baixados
 Antes de lambe, sabendo cuidados, dispôr para ela
 Outra cadeira, do lado, e cobri-la com peles argênteas.
 Lá se sentando, mantinha seguro nas mãos o seu véu.
 Por muito tempo, sofrendo silente, ficou sobre o banco.
 Nem por palavras saudava as pessoas tampouco por gestos,
 Mas sem risada, mantendo o jejum, sem comer nem beber,
 Ela mingua à saudade da filha de funda cintura,
 Antes de lambe, sabendo cuidados, por meio de troças
 Muitas, fazendo piadas, mudar a solene senhora
 Para se rir e sorrir e ter ânimo mais benfazejo.
 (Ela mais tarde também, num porvir, agradou seus humores.)
 Oferecia-lhe então Metaneira uma taça que enchera
 Com vinho doce qual mel, mas não quis. Disse impróprio tomar
 Vinho vermelho. Mandava que dessem cevada com água

Mistas, a fim de tomar com um toque gentil de poejo.
Feita a poção, ofertou-a conforme pedira, à deidade.
Tendo a aceitado por sacro costume, Deméter excelsa
... Principiou Metaneira de bela cintura a falar-lhe:
Salve, mulher! Eu não temo que vinda de maus genitores
Sejas, mas sim de excelentes, pois vê-se respeito em teus olhos
E gratidão, como se descendesses de reis julgadores.
Mas os presentes dos deuses, por mais que soframos à força,
Nós suportamos, humanos, pois tem-se o pescoço no jugo.
Mas como aqui tu chegaste, terás tudo quanto eu puder:
Cria meu filho, nascido tardio para além da esperança,
Este que os deuses mandaram, que é muito querido de mim.
Se tu puderes criá-lo até ter a medida de jovem,
Mui facilmente qualquer das femíneas mulheres, ao ver-te,
Te invejaria: são dádivas tais que em criá-lo terias."
Por sua vez, proferiu-lhe Deméter de bela coroa:
"Eu te saúdo, mulher! Que os divinos te deem benesses!
Receberei de bom grado o teu filho, conforme me ordenas.
Hei de criá-lo e jamais por descuido da sua babá
Há de um feitiço afligi-lo nem mesmo "o que ceifa por baixo",
Pois sei de antídoto muito mais forte que "o ceifa-madeira",
Sei de excelente resguardo a feitiço de múltiplas dores."
Tendo dessarte falado aceitou-o no peito oloroso
Com suas mãos imortais. Em seu íntimo alegra-se a mãe.
Dessa maneira passou a criar no palácio o brilhante
Filho do arguto Celeu, Demofonte, que de Metaneira
Bem-cinturada nascera. Cresceu como um par dos divinos:
Pão não comia, nem mesmo sugava do leite da mãe,
Visto que ao longo do dia Deméter de bela coroa
Com ambrosia o ungia, qual fosse rebento de um deus,
Tendo-o bem junto do peito e insuflando-o com sopro adoçado;
Mas pela noite encobria-o em chamas, qual fosse um tição,
Sem que seus pais o soubessem. Crescia-lhes como um prodígio,
Tanto precoce cresceu: parecia ser um dos divinos.
E com efeito o teria tornado imortal, sem velhice,
Caso, com insensatez, Metaneira de bela cintura,
Espionando de noite a partir de seu quarto oloroso,
Não os notasse. Mas ela gritou e espalmou suas coxas,
Apavorada por conta do filho e afligida em seu peito,
E lamentando-se então proferiu as palavras aladas:
"Meu Demofonte, a estrangeira com chamas ingentes te encobre
E me coloca em gemidos e preocupações ltuosas!"
Disse dessarte em lamento, e a divina entre as deusas a ouviu.
Colerizada com ela, Deméter de bela coroa,
Tendo tirado do fogo com mãos imortais o menino
Que ela gerara na casa já quando não tinha esperança,
Lança-o no chão, irritada no seu coração sobremodo,
E ao mesmo tempo maldiz Metaneira de bela cintura:
"Néscios humanos! Ineptos em reconhecer a medida
De quanto bem sobrevém para vós tanto quanto do mal!

Tu pela tua insciência causaste incurável ferida!
 Saiba-se a jura dos deuses, pela água implacável do Estige,
 Pois imortal e também sem velhice, por todos os dias,
 Tua criança eu teria tornado, com honra indelével.
 Ora não mais poderá se evadir do destino e da morte.
 Honra indelével lhe irá persistir para sempre, contudo,
 Por ter subido em meu colo e dormido amparado em meus braços.
 Ao lhe chegarem as Horas e os anos findando seu curso,
 Vede que os filhos de Elêusis com guerras e gritos terríveis
 Vão engajar-se uns aos outros, constantes, por todos os dias.
 Eu sou Deméter, quem honras detém, geratriz dos maiores
 Júbilos para imortais e mortais e também benefícios.
 Vamos agora! Que um templo bem grande e um altar logo abaixo
 Os cidadãos sob a pólis e as altas muralhas me façam
 Sobre o Calícoro, na cumeeira de um monte elevado.
 Ritos secretos eu mesma vos ensinarei, que depois
 Ao perfazê-los sem mácula ireis alegrar meu sentido."
 Tendo assim dito, a deidade alterou sua forma e estatura,
 Posta a velhice de lado. Ao redor exalava beleza:
 Desde os vestidos fragrantes um amabilíssimo olor
 Se dissipava; de longe luzia da derme imortal
 Brilho da deusa; dourados cabelos cresciam-lhe aos ombros;
 Com o clarão preencheu-se a morada robusta, qual raio.
 Foi-se em seguida da casa. Já dela os joelhos vacilam:
 Permaneceu muito tempo sem voz, nem sequer do menino
 Tardinascido lembrou, de tomá-lo de volta do chão.
 Suas irmãs todavia escutando-lhe a voz lamentável
 Logo saltaram dos leitos cobertos: então uma delas
 Tendo o tomado nas mãos o coloca de junto do peito;
 Outra reacende a lareira; e a terceira, com pés delicados,
 Logo se apressa em trazer sua mãe do aposento fragrante.
 Aglomeradas em torno lavavam-no enquanto chorava,
 Dando-lhe muito carinho, mas seu coração não calmava:
 Eram piores as aias e as amas que agora o guardavam.
 Elas então toda a noite aplacavam a deusa famosa,
 Trêmulas pelo terror. No momento em que a Aurora surgiu,
 Ao poderoso Celeu infalíveis palavras disseram,
 Como mandara a deidade de bela coroa, Deméter.
 Ele, depois de chamar para a ágora o povo abundante,
 Manda que um templo opulento a Deméter de belos cabelos
 Façam, também um altar sobre o cume de um monte elevado.
 Eles de pronto escutaram e lhe obedeceram aos ditos.
 Como mandara, fizeram; e o filho cresceu como um nume.
 Quando por fim terminaram e deram por feito o trabalho,
 Foram-se ao lar, cada qual para o seu, mas a loura Deméter,
 Lá se sentando apartada de todos os outros ditosos,
 Inda mingua à saudade da filha de funda cintura.
 O mais terrível dos anos na terra de farto sustento
 Fez para os homens, um ano de cão. As sementes, a terra
 Não germinava: ocultava-as a bem-coroadada Deméter.

Muitos arados recurvos os bois arrastavam em vão.
Muita cevada brilhante no chão se jogou sem sucesso.
Ela teria arrasado a linhagem dos homens mortais
Pela estiagem terrível, privando das honras famosas
E sacrifícios aqueles que fazem morada no Olimpo,
Zeus não houvesse notado e no espírito então compreendido.
Íris primeiro aurialada enviou para que ela chamasse
A de adorável figura, Deméter de belos cabelos.
Disse. Ela ao mando de Zeus, do Cronida de nuvens escuras,
Obedeceu e cruzou o entremeio com rápidos pés.
Logo chegou à cidade eleusina, fragrante de incenso,
Onde no templo encontrou, com vestido soturno, Deméter,
E lhe falou, proferindo as seguintes palavras aladas:
"Zeus pai te chama, Deméter, o sábio em saberes perenes,
Para que vás à família dos deuses eternossurgentes.
Vai! E que não se descumpra a palavra de Zeus que lhe digo!"
Disse-lhe assim, suplicante, mas seu coração não consente.
Mais uma vez, o pai manda-lhe os deuses ditosos e eternos,
Todos, um deus atrás de outro. Partindo ordenados assim,
Eles chamavam-na e davam presentes venustos e vários
E honras também, tantas quantas pudesse querer entre eternos.
Mas ninguém pôde suadir as entranhas nem o pensamento
Dela iracunda no seu coração: rechaçava os discursos,
Pois prometera jamais ascender para o Olimpo fragrante
Nem enviar para cima, de dentro da terra, a colheita
Antes de ver com seus olhos a filha de belo semblante.
Zeus que ressoa profundo, o de vasta visão, quando o ouviu,
Fez com que o auricetrado argicida para o Érebo fosse:
Que ele falando de perto palavras suaves com Hades
Exconduzisse Perséfone augusta do breu nevoento
Rumo da luz junto aos deuses, a fim de que então sua mãe
Ao contemplá-la com seus próprios olhos cessasse o rancor.
Hermes não desacatou, mas de súbito ao fundo da terra
Ele partiu apressado, baixando do assento do Olimpo.
Logo encontrou o senhor da morada no seu interior,
Em um sofá, reclinado com a pudorosa consorte
Muito contrário à vontade, saudosa da mãe, que à distância
Planos terríveis pensava por atos dos deuses ditosos.
Pondo-se próximo dele, falou-lhe o potente Argicida:
"Hades de negros cabelos, reinante entre os já perecidos,
Zeus pai mandou-me guiar para fora Perséfone augusta
Do Érebo para com eles, a fim de que a mãe, vendo a moça
Com olhos próprios, refreie o rancor e sua cólera horrível
Contra os eternos, pois ela intenciona um ingente trabalho:
Arruinar a impotente família dos homens terrestres
Ao ocultar as sementes na terra, privando das honras
Os imortais. Ela tem um terrível rancor, nem aos deuses
Junta-se, mas no interior de seu templo fragrante, apartada,
Senta-se enquanto retém a cidade rochosa de Elêusis."
Disse dessarte. Sorriu-lhe Edoneu, que entre os ínferos reina,

Com os sobrolhos, mas não descumpriu o comando de Zeus rei,
Pois de imediato ordenou a Perséfone percipiente:
"Vai-te, Perséfone, para tua mãe de vestido soturno,
Tendo uma força gentil em teu peito e no teu coração,
Nem tenhas ódio excessivo demais do que aos outros por mim.
Não te serei um consorte de nada indevido entre eternos,
Visto que sou mesmo irmão de Zeus pai. Quando aqui te encontrares,
Tu serás mestre de todos, de quantos viverem e andarem,
E honras ainda terás entre eternos, maiores que todas.
Dentre os injustos, terá pagamento por todos os dias
Quem não fizer sacrifícios a fim de agradar teu poder,
Feitos sem mácula, todos cumpridos com dons adequados."
Disse dessarte. Sorriu-lhe Perséfone muito prudente
Rapidamente se ergueu de alegria, mas ele, contudo,
Doces sementes lhe deu de romã, que comesse, em segredo,
Sendo cuidadoso que não demorasse por todos os dias
Junto de novo a Deméter augusta de peplo soturno.
Os seus cavalos à frente do carro dourado no jugo
Pôs, imortais, Edoneu que exercita o comando de muitos.
Ela subiu para o carro e a seu lado o potente Argicida,
Tendo tomado nas mãos tanto as rédeas quanto o chicote,
Foi-se através do palácio e partiu: seus cavalos voaram.
Atravessaram velozes estradas compridas. Nem mar
Nem mesmo as águas dos rios nem os vales gramados dos montes
Nem as montanhas puderam deter seus cavalos eternos,
Que sobre todos singraram os ares profundos, correndo.
Fê-los parar onde estava Deméter de bela coroa,
Logo de frente do templo fragrante. Quando ela a notou,
Foi-se correndo qual mênade ao longo de um monte silvoso.
Já por seu turno, Perséfone, ao ver os belíssimos olhos
De sua mãe, afastou-se de carro e cavalos num salto
Para alcançá-la e lançou-se-lhe em torno ao pescoço, abraçando-a.
Mas, ao reter sua filha querida no entorno das mãos,
Seu coração desconfia de um dolo e recua em terror.
Logo, cessando o carinho, em discurso lhe fez a pergunta:
"Filha, encontrado-se ao fundo da terra tu não me comeste
De um alimento? Relata e não guardes: que as duas saibamos,
Para que, vinda da tua estadia com Hades horrível,
Possas viver junto a mim e ao Cronida de nuvens escuras,
Tendo honrarias também entre todos os outros eternos.
Mas, se comeste, de novo voltando ao profundo da terra,
Tu morarás por um terço das Horas a cada um dos anos,
E as outras duas ao lado de mim e dos outros eternos.
Mas, quando a terra com flores fragrantes e primaveris
De toda sorte florir, novamente do breu nevoento
Tu voltarás, grande espanto aos divinos e aos homens mortais.
Mas dize como levou para baixo do breu nevoento
E com que dolo raptou-te o potente que tudo retém."
Disse-lhe então em resposta Perséfone muito venusta:
"Eu para ti, minha mãe, vou dizer por completo a verdade.

Quando a mim Hermes chegou, mensageiro veloz que traz sorte,
 Para, à presença do Crônida pai e dos outros celestes,
 Do Érebo me retirar, que me vendo com teus próprios olhos
 Apaziguasses rancor aos eternos e cólera horrível,
 Eu, de imediato, saltei de alegria. Mas ele, em segredo,
 Doces sementes me deu de romã com que me alimentasse,
 E a contragosto por meio de força forçou-me a comê-las.
 Como levou-me por sólida astúcia do filho de Cronos,
 Meu próprio pai, carregando-me para o profundo da terra,
 Eu contarei e direi sobre tudo conforme me pedes.
 Todas de fato brincávamos sobre um gramado amorável:
 Fano e Leucipo assim como Electra e também Ianté,
 Junto a Melite e Iaqué, com Rodeia e Caliroé,
 Com Melobósis e Tíque e com Ociroé rosto-em-flor,
 E com Criseida, laneira, Acaste, e também Admete,
 E Rodopé e Plutó e também a amorável Calipso,
 E com Estige e Urânia e com Galaxaure adorável,
 Junto de Palas guerreira e com Ártemis atiradora,
 Todas brincávamos de colher flores amáveis nas mãos,
 Entre o açafraão delicado e entre a íris, jacinto também,
 Bem como brotos de rosas e lírios, espanto de ver,
 E de narciso, que a terra gerava semelhante a açafraão.
 Tudo eu colhia feliz, mas a terra, por baixo, se abriu:
 Dela saltou o senhor poderoso que tudo retém,
 Que me levou para baixo da terra em seu carro dourado,
 Muito contrário à vontade. Na voz, eu gritei estridores.
 Essa, por mais que me doa, te digo ser toda a verdade."
 Elas, concordes em ânimo, então, pelo resto do dia,
 Muito no seu coração e em seu ânimo se acalentaram
 Com calorosos abraços, cessando-se a dor em seu ânimo.
 Muita alegria uma a outra ofertava e também recebia.
 Aproximou-se-lhes Hécate do diadema esplendente.
 Muito abraçou a menina sagrada nascida a Deméter.
 Desde esse tempo a senhora Ihe foi atendente e ministra.
 Zeus de amplo olhar, que ressoa profundo, enviou-lhes de nuncio
 Reia de belos cabelos, a fim de que à grei dos divinos
 Ela levasse Deméter de escuro vestido. Honrarias
 Lhe prometeu, quais pudesse querer entre os deuses eternos,
 E concordou que sua filha demore, por cada um dos anos,
 Uma das tríplices partes abaixo do breu nevoento
 E as outras duas ao lado da mãe e dos outros eternos.
 Disse e a deidade não desacatou as mensagens de Zeus.
 Rapidamente, lançou-se voando dos picos do Olimpo.
 Logo chegou até Rário, nutriz, a mais rica das terras
 Antes, porém nesse tempo não era nutriz, mas inerte,
 Toda sem folhas. A branca cevada encontrava-se oculta:
 Plano que foi de Deméter de esguios tornozelos. Contudo,
 Logo se iria cobrir com espigas compridas de milhos,
 Ao florescer da estação, e os opíparos sulcos da terra
 Logo estariam repletos de grãos e de feixes de espigas.

Lá sobreveio primeiro partindo do éter infértil.
 Mutuamente se viram, contentes, com ânimo alegre.
 Reia com seu diadema esplendente lhe disse o seguinte:
 "Vamos, filhinha, que Zeus de amplo olhar, que ressoa profundo,
 Chama-te junto da grei dos divinos. Também honrarias
 Lhe prometeu, quais puderes querer entre os deuses eternos
 E concordou que tua filha demore, por cada um dos anos,
 Uma das tríplices partes abaixo do breu nevoento
 E as outras duas ao lado da mãe e dos outros eternos.
 Disse cumprir-se dessarte e assentiu com a sua cabeça.
 Vem, minha filha! Obedece o que digo! De modo excessivo,
 Não te enfureças mais com o Cronida de nuvens escuras.
 Faz com que cresçam os frutos nutrizes de pronto aos humanos."
 Disse, e Deméter de bela coroa não desobedece.
 Logo ela fez despontarem os frutos nos férteis terrenos.
 Toda com folhas e flores também a vastíssima terra
 Se carregou. Em seguida, indo aos reis que ministram as leis,
 Ela mostrou a Triptólemo e para Diócles ginete
 E para a força de Eumolpo e a Celeu, comandante de povos,
 A liturgia dos ritos e a todos também os mistérios.
 Mas, para força de Eumolpo e a Celeu e também a Diócles,
 Deu ritos sacros, que não se transgridem nem mesmo se aprendem,
 Nem se proferem, pois grande respeito aos divinos os cala.
 Próspero é aquele que os viu entre os homens que vivem na terra;
 Mas incompleto quem não participa dos ritos, nem nunca
 Tem bom destino morrendo, debaixo do breu nevoento.
 Logo depois, quando tudo per fez a divina entre as deusas,
 Foi-se a caminho do Olimpo ao encontro dos outros divinos,
 Onde demoram do lado de Zeus que se apraz com trovões,
 E junto à augusta e sagrada. Muitíssimo próspero é quem
 Eles solícitos amam, dos homens que vivem na terra.
 Logo lhe enviam ao fogo do lar no seu grande palácio
 Pluto, que aos homens mortais oferece abundância e riqueza.
 Mas vamos lá, portadora da terra fragrante eleusina,
 Paros marinha e a rochosa cidade de Antrona também,
 Dona que cedes a luz, que conduz as sazões, Deo rainha,
 Tu e também tua filha Perséfone, muito venusta,
 Pela canção, meu sustento agradável, solícitas, manda!
 Ora de ti eu irei me lembrar e de uma outra canção!

Anexo – D: Hino Órfico a Hécate (trad.: Ordep Serra)

Viária Hécate invoco, a amável senhora Trívia,
 Celeste, Terrestre e Equórea, do peplo cor de açafraão,
 Bacante dos cemitérios, na dança com os abantesmas,
 Perseia, amiga dos esmos, a que se compraz com os cervos,
 E os cães protege, noturna, insuperável rainha,
 A imbatível, sem peia, bramante, de tredo vulto,

Tomba-Touros, detentora das chaves de todo o cosmo,
Nupcial e nutriz, nas serras vagante, régia:
A teu suplicante vem nos sacrossantos mistérios,
Benévola, de ânimo sempre afável pra o Boiadeiro.

Anexo – E: Lista de feitiços onde Hékate é mencionada nos PGMs (Hékate Liminal Rites – Sorita D’este & David Rankine)

PGM III. 1-164: Influenciando a atuação de um cocheiro usando o espírito de um gato, morto para o rito onde Hermes também é mencionado. Esse amuleto é semelhante a um defixio e usa lamelas de chumbo.

PGM IV. 1390-1495: Feitiço de amor para atração com a ajuda dos heróis, gladiadores ou outras pessoas mortas violentamente. Também são mencionados Anúbis, Ereschigal, Hermes, Ísis, Perséfone, Plutão e Zeus.

PGM IV. 2006-2125: Feitiço de atração de Pitys para atrair algo desejado (não especificamente um feitiço de amor ou sexo). Osíris também é mencionado. Hékate é instruída a ser desenhada de forma tripla numa folha de linho. Sua representação consiste numa cabeça de vaca, donzela e cachorro.

PGM IV. 2241-2358: Feitiço para a lua minguante. Hermes, Mene, Miguel (arcanjo), Osíris e Perséfone são mencionados. Nesse feitiço usa-se uma longa sequência de vozes mágicas.

PGM IV. 2441-2621: Feitiço de atração ou também para causar doenças, destruir, enviar sonhos ou revelações oníricas. Afrodite, Ártemis, Ereschigal, Hermes, Perséfone e Selene são mencionados. São encontrados três tipos de feitiços coercitivos com diferentes vocês magicæ.

PGM IV. 2622-2707: Feitiço de calúnia para Selene, para atração de sonhos, causar doenças, remover inimigos e proteção. Selene é invocada. O amuleto propõe que se grave o nome de Hékate em um coração de magnetita.

PGM IV. 2708-84: Feitiço de amor para atração. Ártemis, Ereschigal, Perséfone e Selene são invocadas. O feitiço propõe que se faça uma oferenda num incensário de barro num local elevado (telhado) nos dias 13 ou 14.

PGM IV. 2785-2890: Oração à Selene para qualquer feitiço. Ártemis, Mene, Perséfone e Selene são mencionadas. O feitiço propõe que se faça um amuleto de magnetita coma imagem de Hékate triforme desenhada sendo uma cabeça de donzela com chifres, uma cabeça de cachorro e uma cabeça de cabra.

PGM IV. 2943-66: Feitiço de amor para atração através da vigília. O feitiço propõe que se faça uma figura de cachorro, com olhos de morcego e que se deixe em uma encruzilhada.

PGM VII. 686-702: Amuleto de urso. Ártemis também é invocada.

PGM VII. 756-94: Oração. Mene também é mencionada.

PGM VII. 862-918: Feitiço lunar de Claudianus. Ereschigal e Selene são mencionadas. O feitiço inclui anjos.

PGM XXXVI. 187-210: Feitiço de amor para atração. O feitiço usa nomes divinos em hebraico e quadrados de vogais gregas.

PGM LXX. 4-25: Amuleto de Hekate Ereschigal contra medo de punição. Ereschigal é mencionada. Inclui as duas primeiras cartas de Éfeso.

PGM CXXIII. a-f: Encantos médicos. O totem de um babuíno com cabeça de cachorro é incluído, junto de nomes hebraicos e anjos.

Anexo – F: Fragmentos dos Oráculos Caldeus onde Hékate é mencionada (The Chaldean Oracles: Text, Translation, and Commentary – Ruth Majercik)

Fragmento 32:

Agora, a terceira tríade inteligível é autogerada, sobre a qual até os Oráculos dizem que

"É um trabalhador, (que) é o dispensador do fogo vivificante, (que) preenche o ventre vivificante de Hécate (e)... derrama sobre os Conectores uma força de fogo frutífero e muito poderoso".

Fragmento 35:

Na verdade, o Primeiro Outrora Transcendente comunica o hebdomad aos próprios deuses; mas para outros, é comunicado por ele através da participação:

"Pois Trovões Implacáveis saltam dele e do ventre receptor de raios do raio brilhante de Hécate, que é gerado do Pai. Dele saltam a flor envolvente do fogo e o sopro poderoso (situado) além dos polos de fogo".

Fragmento 50:

É dito pelos deuses que

"O centro de Hécate nasce no meio dos Padres".

Fragmento 52:

"No flanco esquerdo de Hécate existe a fonte da virtude, que permanece inteiramente dentro e não abre mão da virgindade".

Fragmento 221:

E ainda, de forma mais clara, (diz Hécate):

"Por que, do éter que flui eternamente, você precisa invocar a mim, a deusa Hécate, por meio de restrições que prendem os deuses?"

Anexo – G: Exemplo de ritual de deipnon à deusa Hécate.

Por: Fabrício Bezerra

O deipnon é um ritual grego antigo oferecido à deusa Hécate, especialmente no final de cada mês lunar (geralmente durante lua nova), para limpar a casa e honrar a deusa. O objetivo do deipnon é apaziguar os espíritos e evitar que maus presságios entrem na casa. Também é uma maneira poderosa de limpar a energia estagnada, eliminar negatividade e abrir espaço para o novo ciclo lunar. Hécate, como guardiã das encruzilhadas e senhora dos mistérios, é a deusa que conduz esse processo.

Preparação:

Data: Realize o ritual na noite da lua nova, que marca o fim do mês lunar.

Espaço: Escolha um local calmo e limpo para o ritual. A entrada da sua casa ou um lugar tranquilo é o ideal. Tenha certeza de que não será interrompido.

Itens Necessários:

Vela branca (símbolo de purificação e luz).

Incenso de mirra, sálvia ou lavanda (ervas de purificação).

Uma tigela de água com sal marinho ou água de rio/lago (para a limpeza energética).

Ofertas para Hécate: pão, alho, ovos e vinho ou água.

Pequenos pedaços de papel e caneta.

Passo a Passo do Ritual:

Limpeza Física do Espaço:

Comece o ritual com uma limpeza física. Varrer a casa (ou o local escolhido) é importante simbolicamente. Enquanto limpa, visualize energias negativas e estagnadas sendo removidas junto com a sujeira.

Enquanto limpa, diga:

“Hékate, senhora das encruzilhadas, eu varro todas as energias indesejadas e crio espaço para a renovação. Que sua luz guie esta limpeza.”

Purificação com água e incenso

Incenso: Acenda o incenso escolhido e caminhe pelos cômodos da casa (ou pelo local do ritual), passando a fumaça pelas portas, janelas e cantos, onde as energias estagnadas tendem a se acumular. Enquanto faz isso, invoque Hékate, pedindo que ela leve embora qualquer energia que não esteja alinhada com o seu bem maior.

Água e sal: Pegue a tigela de água com sal marinho e passe por todo o espaço, aspergindo a água nos cantos da casa ou do local. Visualize as gotas limpando qualquer energia negativa. Enquanto faz isso, diga:

“Com esta água salgada, eu purifico este espaço, que a paz e a proteção de Hékate se estabeleçam aqui.”

Escreva o que deseja purificar:

Pegue pequenos pedaços de papel e escreva neles tudo o que você deseja purificar ou deixar para trás. Isso pode incluir padrões negativos, emoções, ou até mesmo situações difíceis. O ato de escrever simboliza a identificação e o desapego.

Dobre os papéis e coloque-os em um recipiente seguro e a prova de fogo (ou um caldeirão, se tiver).

Queima simbólica:

Acenda a vela branca como símbolo de pureza e renovação. Queime os papéis um por um na chama da vela ou no caldeirão, enquanto diz:

“Hékate, eu ofereço a ti estas limitações e negatividades. Que a sua chama consuma o que não me serve mais, trazendo clareza e transformação.”

Permita que as cinzas se acumulem. Elas podem ser enterradas ao fim do ritual como símbolo de encerramento.

Oferendas para Hékate:

Prepare as ofertas para Hékate: pão, alho, ovos e um copo de vinho ou água. Coloque as oferendas em uma tigela ou prato, e leve-as até uma encruzilhada (ou deixe na porta de entrada, se preferir). Ao oferecer, diga:

“Hékate, grande deusa das encruzilhadas, eu te ofereço estas oferendas em gratidão por sua presença e proteção. Que sua luz continue a guiar meus caminhos, e que minha casa permaneça limpa e purificada sob sua guarda.”

Finalização:

Apague a vela de maneira respeitosa, ou deixe-a queimar até o final, se possível. Enterre as cinzas dos papéis queimados ou sobre-as ao vento, como um símbolo de liberação.

Descarte as oferendas na natureza no dia seguinte, em um lugar que sinta ser apropriado. Pode ser em uma encruzilhada, em uma árvore ou até mesmo em um jardim.

Anexo – H: Exemplo de Ritual dos Fogos Sagrados de Hékate – Celebração devocional internacional, que homenageia à deusa todos os anos.

Por: Sacerdotisa Ourania e Sacerdotisa Kalliste

Prelúdio: este rito visa estabelecer uma conexão devocional profunda com o fogo sagrado da deusa Hékate, para que ela possa nos guiar com a sua chama sagrada durante a nossa jornada espiritual.

A ritualística deve ser realizada na primeira lua cheia do mês de maio, após o crepúsculo solar.

Materiais necessários para o rito:

Vela, caldeirão ou outro objeto que represente o fogo sagrado da deusa.

Representação de Hékate (estátua, imagem impressa, desenho ou qualquer outro tipo de simbologia da deusa).

Folhas de louro para oferenda.

Preparação:

Tome um banho para se limpar fisicamente, e em seguida tome um banho de limpeza energética (previamente preparado e consagrado à deusa Hékate) de ervas ligadas a purificação e a proteção como: alho, sálvia, alecrim ou boldo.

Em seguida jogue esse banho do pescoço para baixo.

Vista roupas limpas e confortáveis.

Rito:

Trace o círculo sagrado de proteção visualizando uma luz prateada ao seu redor e recite as seguintes palavras:

*Hékate Apotropaia, aquela que afasta e protege contra o mal,
Peço a tua proteção durante essa operação mágica,
Para que tu mantenha longe desse espaço sagrado, qualquer energia indesejada que nele tente adentrar.*

Se ponha de frente para a representação da deusa e diga:

*Hékate, senhora dos caminhos,
Aquele que reina sobre o céu, terra e mar,
Eu te invoco nessa noite de celebração do rito dos teus fogos sagrados,
Com reverência eu acendo esta chama em tua honra,
Que as tuas tochas iluminem o caminho de todos os teus devotos,
Trazendo clareza e sabedoria,
Para aqueles que verdadeiramente buscam a tua graça,
Nossos corações se abrem para ti nessa noite de lua brilhante,
Deusa de três faces,
Senhora das encruzilhadas,
Ouça as nossas preces, conceda-nos a vossa benção e receba esta devoção.*

Acenda a chama da vela e recite as palavras de poder:

*Askei Kataskei Erōn Oreōn lōr Mega Samnyēr Bauī,
Askei Kataskei Erōn Oreōn lōr Mega Samnyēr Bauī,
Askei Kataskei Erōn Oreōn lōr Mega Samnyēr Bauī,*

Phobantia Semnē.

Em seguida queime as folhas de louro na chama da vela (com cuidado), caldeirão ou outro recipiente e diga:

*Hékate senhora da noite,
Eu honro a tua presença com essa oferenda,
Tu que é luz e escuridão ao mesmo tempo,
Guia-nos com a tua chama eterna,
Que as tuas tochas sagradas queimem brilhantemente,
Afugentando o medo e a dúvida,
Trazendo sempre clareza e a proteção para os teus,
Hékate grande deusa,
Aceite este rito em tua honra,
Nós te saudamos em agradecimento e devoção,
Khaire Hékate,
Khaire Hékate,
Khaire Hékate!*

Encerre o rito visualizando o círculo ao seu redor se dissipando,
Bata palma três vezes e diga:

Este rito está encerrado!

Em seguida toque o chão para aterrar qualquer energia que possa ter permanecido no ambiente.

Apague a vela ou chama e deposite o que restou em uma encruzilhada ou jardim.

Anexo – I: Exemplo de Ritual do dia 13 de agosto, em honra à deusa Hécate.

Por: Fabrício Bezerra

Preparação:

Inicialmente, prepare o ambiente para a realização do ritual limpando-o fisicamente e energeticamente. Dê prioridade em realizar este ritual em um ambiente tranquilo, onde você não será atrapalhado (a).

Antes do ritual, se purifique tomando um banho higiênico, e em seguida um banho energético de purificação, vestindo roupas limpas e confortáveis.

Materiais necessários:

Uma representação da deusa Hécate (estatueta, símbolo ou imagem impressa)
Três velas (branca, preta e vermelha)
Incenso (cipreste, alecrim, arruda ou rosa)
Uma taça/copo com água
Caldeirão (ou algum outro recipiente à prova de fogo)
Papel e lápis
Oferenda (cabeça de alho ou ovos)

Passo a passo:

Após a purificação do ambiente e pessoal, organize um pequeno altar de forma simples, utilizando a representação da deusa Hécate, as velas, o incenso, a taça/copo com água e o caldeirão.

Em seguida, trace o círculo mágico, acenda as velas e incenso e invoque a deusa Hécate proferindo as seguintes palavras:

*Hécate, rainha das bruxas, senhora de todos os encantamentos e feitiços,
Eu te invoco nesta noite sagrada do treze de agosto, em tua honra e reverência.
Guie-me com tua sabedoria antiga,
Conceda-me o poder de moldar a realidade através da magia.
Que a tua energia me fortaleça e me proteja,
Enquanto trilho os caminhos da bruxaria.*

Olhe para a imagem da deusa e diga:

*Hécate Kleidouchos, guardiã das chaves dos portais sagrados,
Grande Senhora dos limiares e das transições.
Abra as portas do conhecimento oculto e dos segredos esquecidos,*

*Permita-me acessar novos caminhos e oportunidades.
Com a tua chave sagrada, destranque os mistérios da vida e da morte,
E guia-me com segurança através das encruzilhadas do destino.*

*Hékate Phosphoros, brilhante portadora da luz que guia na escuridão.
Ilumina meu caminho com tua chama divina,
Traga clareza e visão onde há confusão e incerteza.
Com a tua luz, dissipa as sombras do medo e da dúvida,
E revela-me a verdade que está oculta nas profundezas.*

Após a invocação, medite por alguns minutos sentindo a energia da deusa.
Em seguida, pegue o papel e o lápis escrevendo algum pedido ou agradecimento em honra à Hekate.
Com cuidado, queime o papel nas chamas das velas e deixe-o queimar por completo no caldeirão, visualizando os pedidos ou agradecimentos sendo entregues à deusa.

Após esse momento, segure a oferenda nas mãos e eleve-a aos céus dizendo:

*Hékate, eu te entrego esta oferenda em gratidão e reverência.
Que tua sabedoria, ilumine o meu caminho, e que as tuas bênçãos estejam sempre comigo.*

Agradeça a presença da deusa dizendo:

*Grande alma cósmica dos mundos, eu te agradeço por sua sabedoria e proteção.
Que a sua luz dadophórica continue a guiar-me por entre as sombras, agora e sempre.
Khaire Hékate,
Khaire Hékate,
Khaire Hékate!*

Destrace o círculo mágico, apague as velas (ou as deixe queimar até o final) e deixe a oferenda em seu altar por três dias, depositando-a posteriormente a isso, em uma encruzilhada ou jardim.

Notas finais:

Antes e durante o ritual, mantenha um estado de respeito e reverência.
Confie em sua intuição e ajuste qualquer parte do ritual para melhor atender às suas necessidades pessoais durante a conexão com Hékate.

Figura 31 – Hékate Contemporânea.



Fonte: Imagem criada com I. A. Pelo devoto Hekatino brasileiro Tonny Queiroz.